

n.º 56

CLERO E LAICATO

TRISTÃO DE ATHAYDE

Ha, no exercicio da Acção Catholica, um problema que se destaca de modo todo particular: o das relações do Clero com o Laicato.

Como se sabe, o sentido caracteristico dessa actividade da Igreja, em nossos dias, é fazer dos leigos participantes, não apenas da vida sacramental da Igreja, mas tambem da sua actividade social.

Processara-se no corpo catholico, a partir da Reforma Protestante, uma dissociação entre o Clero e o Laicato, que correspondia, (sob a fórma de reacção) ao movimento de suppressão da hierarchia, que o protestantismo provocara. Lutero e seus successores, na sua exacerbação anti-romana, ^{criaram} o chamado "sacerdocio universal", pelo qual cada leigo era chamado á dignidade clerical. Cessavam as barreiras entre uns e outros. Supprimia-se a classe especialmente ordenada para ser a mediadora temporal entre o fiel e Jesus-Christo, como este era o Mediador, por excellencia, entre o homem e Deus. O protestantismo foi um movimento de suppressão de intermediarios. A Virgem, o Santo, o Padre foram eliminados. A Igreja tornou-se puramente invisivel. Jesus Christo se levantava solitario no meio de tantas ruinas. E com isso sabemos como a Reforma facilitava o movimento racionalista, que abateu o Christo solitario, deixando a Razão do homem em face do "Deus" de Voltaire. Até que o materialismo derrubasse essa ultima e fragil imagem do passado mystico da humanidade, como diria Augusto Comte e deixasse o homem vagando numa terra sem mysterios.

Nesse processo de desespiritualização do Occidente, tantas vezes evocado, o phenomeno da absorpção do Padre pelo Fiel nem sempre é focalizado, como deve. E, entretanto, representa um dos factos mais significativos dessa curva decisiva da historia do mundo. O "sacerdocio universal" ia substituir a hierarchia sacerdotal. Cada fiel se tornaria, pouco a pouco, o padre de si mesmo. E á medida que as seitas se foram afastando do espirito inicial do protestantismo, mais

indistincta se foi tornando a separação entre a hierarchia e o laicato.

Ora, na reacção natural contra esse grave erro protestante, chegou, não a Igreja, mas o Costume, entre os catholicos, a um excesso contrario na defesa da instituição do sacerdocio. Este se manteve fiel á sua missão divina e permaneceu sob a lei disciplinar do cellbato, que é o mais eloquente testemunho de sua irreductibilidade ás contingencias das demais classes sociaes.

Nessa posição, porém, e na reacção natural contra o desaparecimento gradativo da hierarchia, nos meios protestantes, houve um processo de separação crescente entre a clericatura e o laicato. Nas funcções ecclesiasticas, aquella absorvia todas as funcções e este se contentava em seguir de longe os officios e receber os sacramentos das mãos unguidas do Sacerdote. Nas funcções sociaes, ou os leigos se juntavam apenas entre si, como ainda se fez no tempo do inicio da moderna Acção Catholica, com Ozanam, ou figuravam como elementos intrusos ou platonicos, nas Irmandades, etc., manejadas muitas vezes pelos proprios adversarios da Igreja, como o foram, em Portugal e no Brasil, pelo Marquez de Pombal e pela Maçonaria.

Até recentemente podemos verificar, em certos meios catholicos, essa separação pratica entre o officiante e o assistente. O povo perdeu muitas vezes a noção dos seus deveres de participação e o clero, por seu lado, por vezes desconheceu e deturpou a acção dos leigos, nas obras sociaes da Igreja.

Um dos effeitos da organização moderna da Acção Catholica é acabar com essa dissociação errada e collocar o laicato na sua verdadeira posição no corpo da Igreja. A "participação" dos leigos é principio fundamental dessa organização. E na investidura desses, como dizia o Cardeal Leme, na admiravel preparação oral que pessoalmente fez ás socias fundadoras da Acção Catholica Feminina, entre nós, — ha um "quasi sacerdocio".

Apresenta-se, portanto, a posição do laicato em face do clero, não sob o aspecto de qualquer confusão de funcções, nem sob o da distanciação —, mas como uma participação dos leigos na propria hierarchia da Igreja.

Por isso mesmo é tanto mais importante o problema das relações entre o Clero e o Laicato, de que vae depender, seguramente, o exito de todo movimento nesse sentido.

Ha, preliminarmente, resistencias reciprocas a vencer. O movimento adquirido, no sentido anterior que examinamos, ainda é consideravel. Os leigos ainda estão longe de ter comprehendido, ge-

ralmente, os seus deveres de acção catholica e, consequentemente, a sua nova posição no seio da Igreja.

Uns se deixam levar por certo espirito de anti-clericalismo, que entre nós assume, por vezes, um caracter especial, pois representa uma simples antipathia pelo padre, sem qualquer vislumbre de insurreição contra o dogma, ou contra a Igreja, em geral. São restos da confusão maçonico-catholica que entre nós grassou até D. Vital e que deixou, em muitos meios catholicos, esse travo que difficulta qualquer approximação entre as duas partes.

Esse afastamento se processa, por vezes, hereditariamente, por animosidades, na familia ou no municipio, muitas vezes provocadas pela existencia de um máo padre, cujos actos contaminam a vida religiosa do logar por dezenas de annos, ou de um máo leigo, elemento de prestigio, no logar ou na familia, filiado em regra á Maçonaria ou que se proclama orgulhosamente "livre pensador", e deixa mesmo nas consciencias dos catholicos uma certa desconfiança contra o padre ou o respeito humano de ser chamado de "clerical", por delle se approximar.

Mesmo quando não ha essa resistencia consciente, de parte dos leigos, ha muitas vezes a inercia natural, proveniente daquelle habito anterior de separação.

E, de parte do clero, vamos encontrar phenomeno semelhante. Habitado a "governar" os fieis, em materia de consciencia, tambem é levado a fazer o mesmo em materia de acção. E ainda considera, ás vezes, com reserva, toda tentativa dos leigos em praticar funcções que lhe parecem reservadas.

Foi essa a causa dos maiores soffrimentos de Newman, precursor da Acção Catholica na Inglaterra no seculo XIX e que, embora sacerdote, mas convertido, e penetrado de espirito laico, queria dar aos leigos, nas obras sociaes da Igreja, a posição que hoje possuem por determinação official da Santa Sé. E as resistencias que encontrou, por parte de certos elementos da hierarchia, amarguraram os seus dias.

Essas resistencias reciprocas é que precisam, preliminarmente, ser eliminadas para que haja o entendimento necessario ao bom funcionamento da Acção Catholica.

Os deveres são reciprocos. De parte dos leigos é mister a convicção, não só theorica, mas pratica de que a direcção superior da Acção Catholica pertence sempre á hierarchia ecclesiastica. "As associações catholicas valem o que valem os seus assistentes ecclesiasticos", diz nestes ou em termos semelhantes, em epigraphe fac-simile

do proprio punho de S. S. o Papa Pio XI, uma revista italiana dedicada exclusivamente á assistencia do Clero ás obras de leigos.

O destino da Acção Catholica, em cada diocese, depende do Bispo e do clero da região. Dos chefes espirituaes, mais do que dos leigos, depende a sorte do movimento. E é preciso ficar bem claro que, em caso de deficiencia, incomprehensão ou desvio das autoridades, mais vale, para os leigos, cessarem toda a actividade de acção catholica, do que a fazerem contra as autoridades competentes. Por isso mesmo é que a responsabilidade dos chefes espirituaes da Acção Catholica se apresenta de modo tão positivo e grave. Se falharem, tudo falha. Ha, pois, de parte dos leigos, em suas relações com o clero, na A. C., um dever fundamental de acatamento e de obediencia, que precisa ser comprehendido com o verdadeiro espirito da Igreja.

Por isso mesmo que cabe aos leigos, para com o Clero, essa subordinação á sua orientação superior, cabem tambem a este os mais graves deveres para com aquelles.

E' evidente que o problema dos costumes nem deve ser apresentado, pois é preliminar a tudo mais. Um máo padre, em materia de costumes, não póde, nem por sombra, pretender dos membros da A. C. qualquer especie de acatamento ás suas ordens. O que mantem, na sociedade paganizada de nossos dias, o prestigio do sacerdocio, é a sua imparicipação no descálabro dos costumes e, ao contrario, a sua pureza moral. Se esta faltar, o respeito se converte com razão, numa repulsa que póde acarretar os mais incalculaveis prejuizos para toda obra social da Igreja, naquélle ponto. O segredo, portanto, do prestigio moral do clero e da sua possibilidade de dirigir realmente as obras sociaes de A. C., é manter-se absolutamente immaculado, não só na pratica das virtudes do seu estado, mas na apparencia della. Para nós, leigos, não basta que um padre seja correcto, para nos communicar confiança. E' preciso que appareça como tal. Que, pelos seus modos de falar, de tratar, de olhar, de viver emfim, se veja exteriormente mesmo que é um homem que cumpre, rigorosamente, os seus deveres de estado. Não é brincadeira, para quem sabe o que é a delicadeza de uma consciencia ou os extremos da susceptibilidade humana, ter de abrir o seu coração a outro homem, em seus escaninhos mais secretos, e ter de obedecer a esse homem. Para isso é preciso que esse homem se apresente, realmente, como digno de tal sacrificio. E o padre de máos costumes ou de má apparencia moral irradia a incredulidade em torno de si, como o bom padre, ao contrario, se impõe aos proprios adversarios da Igreja e aos mais empedernidos peccadores.

Se nós, leigos, pedimos ao padre um teor moral de vida acima do commum (e o que estou dando aqui não é qualquer especie de regra de procedimento ao Clero, — o que não me competiria de modo algum fazer — mas o depoimento de um leigo, do ponto de vista dos leigos, em relação ao modo como encaramos os membros do sacerdocio e o que delles esperamos para a pratica dos nossos deveres sociais) — tambem delle aguardamos que nos communique espiritalidade.

Peior do que um padre, sem espiritalidade, só um padre sem compostura moral. Nada de mais chocante do que vemos um padre secularizado, vulgarizado pelo contacto excessivo com as coisas do mundo, interessando-se demais por ellas. Sempre que vemos um padre sair do seu estado e abandonar suas sagradas funcções, para se occupar com as coisas do mundo, em seu aspecto pragmatico, sentimos diminuido não só o proprio sacerdote, mas o que é mais grave, a propria Igreja. Um padre que faz negocios, que advoga, que se mette demais na politica, é um padre perdido para as augustas funcções de Ministro de Deus, de mestre de espiritalidade.

Mesmo, porém, que um sacerdote seja escrupulosamente fiel ás suas funcções ecclesiasticas, — mas no seu exercicio revela indifferença e vulgaridade, ficamos logo de sobreaviso, e perdemos toda confiança. O padre que celebra a missa apressadamente e engulindo as rezas; o padre que confessa automaticamente; o padre que só se interessa por assumptos profanos; póde ser um sacerdote escrupulosamente fiel aos seus deveres moraes, mas está sacrificando os seus deveres espirituaes.

A esse respeito, escreveu o philosopho francez Blanc de Saint Bonnet, uma phrase que diz tudo o que poderiamos e deveriamos dizer: "Um clero santo torna um povo virtuoso; um clero virtuoso torna um povo honesto; um clero honesto torna um povo impio".

Nessa sentença inesquecivel, que eu quizera ver gravada no portico de todos os nossos seminarios, está vivamente marcado que a simples honestidade do clero não basta para libertar os homens da impiedade corrente. Para que um padre seja fiel á sua missão divina, e consiga arrancar-nos do lodo em que patinhamos, é preciso que suba á virtude e mesmo á santidade.

O que nós esperamos do sacerdote é um novo ambiente, é o contacto com a vida sobrenatural. O padre é sempre, para nós leigos, o mediador, o disciplinador, o representante de Deus junto a nós. O que lhe pedimos é que nos traga o que não temos em nossas existencias absorvidas por obrigações terra a terra ou pelas lutas e vaidades

dos meios profanos, mesmo quando de nível mais elevado, em que vivemos. Por isso é que vamos com tanta alegria aos mosteiros, aos conventos, aos collegios, aos seminarios, sem falar nos templos bem entendido, onde possamos respirar o ambiente verdadeiramente religioso que nos falta em nossa vida profissional ou domestica. Ora, de que vale tudo isso, se a pessoa do padre for vulgar, sem espiritualidade, preocupada apenas com os mesmos acontecimentos, que nos enchem a cabeça todo o dia? O que pedimos ao padre é a palavra de Deus, o sentimento da Igreja, a viração espiritual das altas montanhas christãs, que tanto nos faltam na arida e ardente baixada em que lutamos, no forno dos interesses, das maldades e das pretensões dos homens sem Deus.

Nada mais falso, portanto, do que se pensar que, para corresponder ao appello do leigo, para interessal-o, precisa o padre descer até elle, occupar-se apenas com os seus interesses profanos. Nada disso.

Quanto mais nos levar o padre para outro ambiente, mais alto, mais puro, mais proximo de Deus, mais longe daquelles em que somos forçados a viver, mais nos sentimos docéis á sua palavra e dispostos a segui-lo em tudo.

E' por isso que pedimos padres espirituaes e não padres politicos, padres advogados ou padres sem fervor religioso, — banalizados pela vida, cumprindo as suas funcções sacerdotaes, como se não passassem de meros burocratas de batina. Tanto é detestavel o leigo, que não está disposto a obedecer á orientação do seu director de consciencia ou de obra (funcção tão importante como aquella) — como o padre que, sem espirito sacerdotal, julga que lhe basta a qualidade de padre para exigir obediencia ou mesmo acatamento. Ou o padre é um fóco de espiritualidade, e cumpre assim a missão divina que Jesus Christo lhe determinou, — ou, quando não o é, se transforma automaticamente num elemento de escandalo, num fóco de incredulidade e melhor fôra nunca ter nascido.

A espiritualidade verdadeira, portanto, a vida sobrenatural intensamente vivida, é o que, a nós leigos, mais nos prende aos chefes hierarchicos que a Igreja nos determina a seguir. Quer isso dizer que só os cenobitas, os contemplativos, os isolados no fundo dos mosteiros ou os silenciosos nos fundos das Trapas, possam corresponder ao ideal do sacerdocio?

Longe disso. O Clero de que mais precisa a Acção Catholica, aquelle que corresponde mais directa e immediatamente ás nossas exigencias de leigos, — é aquelle que junte ao sentido espiritual de

sua vida, outra fôrma de comprehensão das nossas necessidades modernas e que podemos chamar, o **sentido social**.

Não queremos um padre ausente, desinteressado do mundo, falando uma linguagem unctuosa e falsa, trazendo para a vida moderna methods de pensamento e fôrmas de actividade, que cheirem ao môfo do anachronismo e ao relento dos ambientes confinados. Queremos um padre que traga a vida sobrenatural á sociedade humana. Isto é, que segure em suas fortes mãos de homem de Deus, os dois extremos da cadeia, o elo de Deus e o elo do Homem. Se ficar apenas neste, peccará por ausencia de espiritualidade. Se ficar apenas naquelle, ou será um mystico que nos leve a Deus pela communhão de orações ou poderá ser um evadido, que não comprehende o mundo e perdeu com elle o necessario contacto. E nenhum dos dois corresponderá ás exigencias da Accção Catholica.

O **espírito social**, pois, é uma necessidade fundamental do padre que as nossas obras precisam para ir adiante. Quando vemos gabarem as obras sociaes catholicas nos Estados Unidos, na Inglaterra, ou na Hollanda, e vamos examinar os motivos de sua evidente superioridade (que os proprios não catholicos reconhecem) — um dos que certamente influem, de modo mais decisivo, é a **presença** constante dos seus assistentes ecclesiasticos e o seu **espírito social**. A palavra de Pio XI não admitte duas interpretações: “Uma obra vale o que vale o seu assistente”. Está tudo dito.

Ora, nesse ponto, por innegaveis que sejam os enormes progressos já feitos, são graves, ainda, nossas lacunas.

Absorvidos por suas tarefas parochiaes, afastados por outras preocupações, insufficientes em numero e muitas vezes em **pratica do serviço social** (pois a Accção Catholica se torna mais complexa e exigente, de dia para dia) — seja porque fôr, o facto é que ha falta innegavel de padres em numero sufficiente para dirigir, de perto, os leigos, nos movimentos de accção catholica. E os que o fazem, estão de tal modo sobrecarregados de serviço que sua vida, alem de ser um sacrificio constante, não dispõe de tempo sufficiente para attender a tudo o que delles exigimos. Quantos nomes de verdadeiros santos, não poderiamos enumerar nesse sentido, desde o grande Cardinal que Deus nos deu, até tantos humildes vigarios que tudo dão pela causa de Christo e de sua Igreja!

Essa, porém, é a difficil situação em que se encontra, em muitos pontos, a nossa incipiente Accção Catholica. Por deficiencia numerica de Clero e, outras vezes, por falta desse **espírito social** — não está o Clero em condições de attender sufficientemente ás solicita-

ções da moderna A. C. brasileira, já tão exigente. De modo que o problema do recrutamento sacerdotal e do ensino nos seminários, longe de interessarem sómente aos meios estritamente ecclesiasticos, são decisivos para toda a movimentação das hostes catholicas pelo Brasil afóra. E nos tóca, a nós leigos, de modo todo particular.

O exercicio da Acção Catholica, portanto, exige que se dissipem, por parte dos leigos, os absurdos preconceitos, de uma era impregnada de regalismo e espirito maçonico anti-clerical, que fazia o catholico um méro assistente na vida militante da Igreja. A obediencia á hierarchia da Igreja é principio e condição fundamental, não só do exercicio da Acção Catholica, mas ainda dos proprios deveres de toda consciencia catholica.

Por outro lado, é preciso que o Clero se colloque, cada vez mais, á altura das suas graves responsabilidades. E o que d'elle esperamos, — para tornar a sua actuação realmente efficaz e digna da missão incomparavel que lhe cabe, — é a combinação de um espirito liturgico, que nos edifique profundamente, com o espirito social que o faça vir, junto a nós, dirigir-nos e combater comnosco o bom combater comnosco o bom combate.

Leiam

S. THOMAZ DE AQUINO — SUMA THEOLOGICA — Traducção portugueza de Alexandre Correia — Um volume de 484 pags. com texto latino, brochado 40\$000.

Pedidos á Bibliotheca Anchieta — Praça 15 de Novembro, 101-2.º — C. P. 249 — Rio.

**D. JOÃO DE SEIXAS DA FONSECA BORGES, O. S. B.,
BISPO DE AREOPOLI**

DIARIO INEDITO (1728-1734)

O manuscrito, inédito até agora, que publicamos na A ORDEM faz parte do Archivo Particular do Mosteiro de S. Bento do Rio de Janeiro, cuja reorganização em bases scientificas nos foi confiada pelo D. Abbade D. Thomas Keller desde Dezembro do anno passado. Preparamos para publicação proxima um estudo sobre o autor deste interessante diario e para não dilatarmos muito os limites do espaço de que dispomos nesta Revista, tivemos de deixar os commentarios, já escriptos, para publicação posterior de maior vulto.

**DIARIO DE D. JOÃO DE SEIXAS DA FONSECA BORGES, O. S. B.
BISPO DE AREOPOLI
publicado por**

**GUY DE HOLLANDA, prof. auxiliar de Historia no Collegio Pedro II
Fl. 1 em branco**

Fl. 2, r.

1728

Sahi de Roma aos 15 de Dez.bro emcomp.a do P.e Manoel Lopes Sottomayor clerigo regular Menor meo patricio do Rio de Jan.ro, e fomos a Florença, onde estivemos em caza de M.el P.ra de Sampayo, pagando cada hum 500 rz por dia, athe o ultimo do mes, que fomos p.a Pistoia, onde me recolhi, no hospicio dos clerigos regulares Menores, doSSmo Crocefixo da boa morte

1729

Estive no d.o hospicio em Pistoia todo o anno de 1729 e o anno seg.te de 1730 athe 17 de Outubro.

Em Outubro de 1729 fui a Urbana em comp.a do P.e Jacomo Giraldi, fomos a Camaldola, onde dormimos huã noite, evimos o mostr.o debaixo, e ensima as hermidas dos Anacoretas; depois passamos a Alvernia (e?) (vi ou vimos?) (1) aquelle Santuario, onde S. Franco recebeo as chagas; edahi passamos a Valleombroza de Monges Benedictinos da congregaçã (2) de S. Joã Gualberto. Em 22 de Abril de 1729 tive noticia da enfermidade de minha may de que morreo.

Em 13 de Setembro do mesmo anno tive avizo de que fallecera d.a minha may em 28 de Junho do d.o anno (de ?) 1729 e no mesmo dia lhe disse missa p.la alma, hu officio, e os psalmos graduaes, e huã estaçã (do?) SSmo Sacramento, tendo cada huã destas couzas indulgencia p.a tirar hu f.o religiozo a alma deseio pay, may, ou irmão do Purgatorio; efui continuando afazerlhe outros suffragios, e lhesfarei sempre em quanto viver.

Fls. 2 v.

Anno ————— 1730 —————

Começou este anno com m.tos Nortes, tempo secco, que durou todo Jan.ro e Fevr.o, e tinhasido todo Dezembro do anno passado. Logo em jan.ro começaraõ m.tos catarros por toda a Italia, de que morreo m.ta gente, e dizem começara este mal no Norte, dõdese veyo diffundindo por todas as mais partes daEuropa. Aqui em Pistoia começou a atearse com mayor vigor no mes de Fevr.o, sendo raros os que não experimentaraõ este mal, que sedisse ser influencia; e delle morreo lastante gente, principalm.te da campanha, e os velhos, que foraõ tocados do d.o catarro, todos morreraõ em poucos dias; porem de gente moça morreu muy pouca, a q.m o tal catarro fazia pleoriz.

Em 15 de Fev.ro 4afra.a decomadres foy visto de todos um Fenomino defogo muy Largo e comprido, que nascendo da parte do Occidente se estendia p.a o Oriente, e durou mais de huã hora. Havia opinioens de que significava guerra, da qual já avia algum rumor pela introduçã do Infante D. Carlos de Espanha, de que se tratava, em Florença; eoutras de que significava peste, tendo p.a esta opiniaõ motivo na que ouve no anno de 1630, do qual este he o anno centesimo; e finalm.te outros diziaõ que significava morte de Grande Principe.

Em 21 de Fev.ro morreo oSSmo Papa Benedicto XIII da familia Ursini de Napoles, e por profissã Religiozo de S. Domingos; sette dias depois de apparecer oobr. d.o Fenomino, em 3afra. do entrudo

(1) v (i) ou v (imos)?

junto anoite, isto he as 23 horas Italianas; cujus anima requiescat.

Em 12 de Julho foi eleito Papa o cardial Corsini florentino, com o nome de Clemente XII; ese chamava pr.o Lourenço Corsini.

Fl. 3, r.

Anno _____ 1730 _____

Em 17 de Outubro sahi de Pistoia, evim p.a Florença em comp.a do P.e Sup.or Pedro Giraldi, e chegamos anoite (em ou na?) caza de Duarte Lopes Roza, do qual fui recebido com gr.de affecto.

Em de Março chegou de Roma M.el Pr.a de Sampaio, e foi recebido do d.o Duarte Lopes Roza com todo o primor, e com o mesmo tratado. (1)

Anno _____ 1731 _____

Em de Março chegou de Roma, onde esteve quazi todo o tempo da rotura, M.el Pr.a de Sampaio, e foi recebido de Duarte Lopes Roza com todo o primor, e com o mesmo tratado todo o tempo, que assistio na sua caza, que foi athe (?) Novembro. (2)

O (?) d.o (?) M.el Pr.a de Sampaio pagava p.lo comer por si, hum camareiro, e hum criado 12 drz cada mes; ec (?) seis escudos qsaõ 6 drz.

Aqui na comp.a do d.o Duarte Lopes Roza passei sempre bem, e fui delle tratado com m.to resp.to attençaõ e amor; e lhe sou infinitam.te obrigado por m.tos titulos; como tambem aseo pay Miguel Lopes Roza, sua may D. Izabel, e seos irmãos e tios.

Aqui havia continuam.te Academias de Muzica, e instrum.tos, que privadam.te fazia o d.o Duarte Lopes Roza e vinhaõ tocar os mais insignes Professores, como o famoso Veracini o famoso Tanfani, eofamozo Martinho todos de violino, harpa o insigne Martinho de Bohe (mia?) Tierba (?) ofamozo Nicolino etambem Bandolino (cra?) vo alem de m.tos outros, D. Ludovico Justini de Pistoia, alem de m.tos outros de obuê, de flauta, etran (v, o?) rsa: ealem de m.tos ca (va?) lhe (r.os)

Fl. 3, v.

(1) Linhas riscadas.

(2) Desenvolvimento das linhas riscadas.

 1731

(D?) eleyt (?) tes de muzica, e instrum.tos. Aqui se faziaõ os Celebres Sette Candieyros, e huã Cruz de ElRey de Portugal p.a asua Patriarchal, p.a os quaes dei en varias scritturas, e geroglificos, que se fixaraõ com Letras de ouro; como se podem ver na discriçaõ impressa em Florença dos d.os Candieyros. E p.a se admirar esta obra sem duvida peregrina no seo genero, concorriaõ continuam.te não só Toscanos, mas forasteiros de toda a Europa.

Neste mesmo anno dei principio a mandar estampar doze sonatas decravo de martellfnhos, p.a as dedicar ao S.r Infante de Portugal E. Antonio.

Em 20 de Fevr.o recebi carta de Jozé Golston d(?) bro 24 de Outubro de 1730 vinda por mar (?), em que me dava noticia da morte de meo pay os.r Fran.co de Seixas de Fon.ca sucedida a 7 de Junho de 1730. (?) hospedarias de Ch (?) (ll) (?) onde morava, Cujus anima requiescat. E Logo comecei afazer os suffragios que podia por sua alma eosfarei em q.to viver.

Fl. 4, r.

 Anno ----- 1732 -----

Neste anno continuey a fazer tirar em (Li (?) as (?) sonatas decravo tendo ja abertos os arames peLos quaes paguei de abrir a o buril, ou com agoa forte dous mil reis por cada hum, e 150 por alizar d.os arames, antes de abertos com pedra pomes, eburnizdor, por cada hum. E pelos dous do Titulo, e Dedicatoria, paguei 6 drz.

Fis tirar couza de 300 Livros, dos quaes fis hum regalo de 12 Ligados a Franceza, e hum de viludo cramezi recamado de ouro e prata primorozam.te, que offereci a os.r Infante D. Antonio por maõ dos.r An.to da Motta Enviado, que tinhasido deS Mag.de em Roma.

Mandei hum caixaõ com 232 Livros de d.as sonatas (a?) Inglaterra p.a se venderem, e forão por via de Duarte Lopes Roza, a entregar a Thomas Godfrei em Londres.

Em 26 de Abril fui com Pandolfo Attavanti Nobre Florentino p.a a sua quinta da Magia, e Lá fui tratado com toda a attençãõ, e regado athe 15 de Junho, que com elle tornei p.a Florença.

Entrou D. Carlos Infante deEspanha em Florença com m.to estrondo, e concurso de todo povo.

(?) scos (?), eeu o fui ver fora das portas, por onde o vi passar

em huã carroça m.to boa tirada (por?) seis cavalos e o acompanhavaõ m.tas carroças de cav.os e Damas, e huã tropa de cavalo, qhe a g (uar?) da de seo corpo, chamada (de?) cadetes.

Fl. 4, v.

Anno ————— 1732 —————

Sahi de Florença em 30 de Outubro em comp.a de Andre Lopes Roza, D. An.to Pegado, alias (Fr.?) An.to Pegado; D. An.to de Castro, alias Fr. Fran.co de Castro Bernardo e outros em huã tercafr.a, e chegados a Monte Roza, tomei postas p.a poder chegar aquelle dia a Roma por ser ja tarde; e com effeito cheguei depois das Ave Marias a Pontemille, onde achei o P.e M.el Lopes q me esperava com huã carroça, e Miguel Lopes Roza com outra. Fui com o d.o P.e M.el Lopes athe S.ta Fran.ca Romana, onde me recolhi a 4 de Novembro dia de S. Carlos, tendo sido aminha pr.a a habitaçaõ antes da rotura. Aqui fui bem recebido do P.e M.el da Rocha Po (r?) (1, s?) nte, Min.tro daquelle conv.to que he da Ordem daSSm.a Trid.e, e (?) meo am.o ja no anno de 1727 que entrei a pr.a ves em Roma, eme recolhi no d.o mostr.o

Fl. 5, r.

Anno ————— 1733 —————

Em 10 de Settembro anoite me confirmou o Papa Clemente XII Corsini a graça do Bispado in partibus de Areopoli que me tinha feito o Papa seo antecessor Benedicto XIII. Ursini no anno de 1728, de que tive (hum o?) Bilhete de seo Auditor o Arcebispo Accoramboni em 15 de Junho do mesmo anno; e nas maos do d.o And.or tinha feito logo subsequentem.te a profissaõ dafé, e o costumado juramento (?) tendo-se p.a isso feito processo de vita et moribus, (?) em que foraõ testemunhas o P.e M.el Lopes Sottomayor clerigo regular Menor, e o Con.o José de Cerq.ra Borges, hoje Deão daSe daGerarda.

No dia seg.te 11 de 7.bro tive o Bilhete de Mors.r Passari Aud.or do Papa eso (?) etto a os.r Cardeal Guadanhi, da d.a confirmaçaõ do meo Bispado

No dia 13 fui beijar o pé ao Papa, agradecerlhe a graça, o qual

me reco (mendou, beo?) (que?) (?) (?) (e disse?) fizesse bem o ministerio de Bispo.

Em 26 do d.o mes se me fes novo processo, em q foraõ testemunas o Men.tro de S. Fran.ca Romana Fr. Manoel da Rocha Trino, e M.el Pr.a de Sampayo p.or dos Monges deS. B.to de Portugal.

No mesmo dia 26 de tarde, fis a profissã da fe, (?) o costumado juram.to nas mãos de Mons.r Passari Aud.or do Papa.

Em 28 do d.o mes segundafr.a fui preconizado (no?) Concistorio pleno Bispo de Areopoli, pelo Papa Clemente XII; e Logo acabado o Concistorio lhe fui beijar (o pé?) (e?) renderlhe as dividas graças, eo d.o Papa me recomendou os Povos do Brazil

Fl. 5, v.

1733

No mesmo Concistorio foi creado Card.al o d.o Aud.or Mons.r Passari, e com elle Mons.r Spinola Genoves, que era Gov.or de Roma

No Domingo 4 de Outubro dia de S. Francisco de Assis, em que se celebrava a festa do Rozario, fui sagrado Bispo na nossa Igreja nacional deS. An.to dos Portuguezes, e assistiraõ a funcçaõ a mayor parte delles que se achavaõ em Roma, e muitissimos Italianos. Foi o (meo?) consagrante o os.r Cardeal João Antonio Guadagni, sobrinho do Papa reynante Clemente XII, Vigario de Roma. Eforaõ Bispos assistentes o B.o de Coureto, eoB.o Recitenense in partibus.

Em 27 de Dez.bro do d.o anno dia do Evang.ta S. João (m?) e fui despedir do Papa Clemente XII p.a a (?) (em?) p.a Portugal, elhe pedi o seg.te que tudo (?) (?) e Hum corpo de (hum?) S.to Martyre, q tenho comigo e lhe de S. Clemente.

Indulgencia plenaria in articulo mortis p.a todos os meos parentes athe segundo grao.

Indulgencia plenaria in articulo mortis p.a 100 am.os Indulgencia plenaria in articulo mortis p.a todos os q naquella extrima hora beljarem, ou tiverem nas mãos huã imagem doSSmo Crocefixo, que tenho de prata, em huãcrus negra (?) Privilegio de altar privilegiado em qualquer, que eu disser missa duas vezes som.te em cada mez, e isto somt. no Brazil, e naõ em outra parte.

Fl. 6, r.

Anno 1734

Parti de Roma aos 12 de Jan.ro em comp.a de on.to (?) de Pietro Monis meo caudatario, em huã tercafr.a Apr.a noite dormi em Monte roza, a 2^a em Viterbo, na 3^a em A(?) q (?) u.a (?) vertente, na 4^a em S. Quir (in?)o. Na 5^a em Sena. Aqui não achei osteria por estarem todas occupadas com officiaes Hespanhoens, que no mesmo dia tinhaõ chegado com as tropas do Infante D. Carlos deEspanha em n.o de 3 mil homens; por esta cauza me accomodei emhuã casa p.ar, e por que choveo todo o Domingo 17, não pude seguir viagem. Na seg.da fr.a 18 parti pela posta demadrugada, tendo neve, vento, e frio por gr.nde parte da viagem, (e?) cheguei a Florença a boca da noite, onde de novo tomei y postas, e fui p.a a Magia quinta dos.r Pandolfo Attavanti (fidal?), o Florentino meo p.ar e in (tim, sign?) o amigo 15 milhas distante de Florença e 5 de Pistoia, onde cheguei pelas 20 horas da noite. Ali fui recebido e hospedado deste am.o com todas as finezas emaginaveis. Na 6^a-fr.a 22 passei a Pistoia onde me recolhi em caza docau.ro Felice M (?) ute meo gr.de am.o do qual (?) que (?) m (?) hospedado, e tratado com (todo?) o (?) (?), feitas todas as minhas despedidas, detodos os am.os antigos, tornei p.a a Magia na 2^a-fr.a 25, onde continuei aestar entre os regalos, e finezas do S.r Pandolfo Attavanti athe a 6^a-fr.a 29; que bem (?) otro asa vosso (?) passei a Florença e fui alojado em casa do d.o am.o, tendo elle mandado ordem p.a me hospedarem com t(?) a (?) a (?) a, como experimentei. Logo me vieram vizitar o va (?) Ricazzoli primo offerendome carroça e tudo o que me fosse necessario.

(e?) Tive varias outras vizitas (?) No dia 2 de Fevr.o 3^a fr.a fui fallar ao G Duque de Florença, o qual Logo que cheguei asua presença, me (?) jantar, e cubrir; e depois de discorrer comigo sobre Portugal e o meo Rey, me agradeceo a attenção, e me despediu. Logo que sahi, chamou o Barão Ricazzoli, que estava de Sala, e lhe ordenou, que me fizesse servir das carroças da corte em todo o tempo, que eu me demorasse em Florença, o qual me mandou a caza dizer o que lhe tinha ordenado seo amo, e que podia eu mandar recado a cavalherica todas as vezes, que quizesse sair; como defacto mandei, e fui sempre pontualm.te servido. No mesmodia anoite, Logo que me recolhi p.a caza, me mandou o d.o Principe hum regalo grandiozo de Comestiveis, (o?) qual traziaõ oito homens bem carregados, e 32 frascos de vinhos exquisitos.

Em 13 do d.o Mes tornei a pallacio, e fui, agradecer a (o?) G. Duque a honra, que me tinha feito, e pedirlhe licença p.a partir. (E?)

recebeo-me com as mesmas honras, e depois de varios (?) se (?) me augurõ hua boa viagem e me despedio.

No dia (1?) 2 entrou D. Carlos Infante de Espanha (em?) Florença, vindo de Parma onde o deixei p.a ir a conquista de Napoles com cerca de 30 mil homens.

Em (?) do d.o mes de Fevr.o parti de Florença com o meo caudatario Antonio de Castro Monis, e hum criado chamado Carlos Cervetti, o qual tomando o p.a me acompanhar (?) tempo, que estivesse Florença, e com elle outro chamado Bernardo, na vespora da partida fez grandes instancias p.a que eu o trouxesse comigo, e o conservasse em quanto me parecesse. Dormi (?) (?) (?) (?) e 16, e no dia seg.te 17 sahi muy demanhan e fui seguindo viagem p.a Viorreggio. Passei pelacathedral, e ali parei a ver, e admirar o campanil celebrado por todo o mundo (?) e elle alto bastante, redondo, e circundado de espaço em espaço de columnas.

Fl. 7, r.

1734

de marmor delgadas a proporção; e asingularidade d(a?) (?) torre consiste na architectura, porquedesde o pedetal, ou parte infima se vay erguendo torta p.a huã parte com toda asua circumferencia, desorte que no capitel, ou parte superior sahe m.tas braças fora do ponto perpendicular, em cuja pazitura se conserva desde a sua fundação, que foy a m.tos seculos.

Chegamos a Viarreggio, que he huã pequena villa da Republica deLuca situada a beira do mar, as des horas da manhan, onde achando hua boa fal(?) que esperava frete, não quis seguir aviagem de terra athe Lerici, eafretei por 4 Zequins, istohe, por 8 drz athe Genova que desde Viorreggio são noventa milhas. Feita brevem.te alguã matalotagem, embarcamos e fomos navegando a remos por não aver vento Passamos sob (re?) a tarde o golfo da Spezie, onde estavaõ alguns Naos Espanhoes anchoradas. Neste Porto he huã fonte que surge no meyo do mar salgado, ebota agoa doce, (que?) se bebe; antes a roda della em pouco espaço he a agoa doce. Assim mo affirmaraõ os marinheyros, q Eraõ dahi vizinhos, que eu a não vi. Vizinho as Ave Marias embocamos em hum Estreito, onde a mão esquerda está huã torre alta bastante, e quadrada dentro do mar fundada pelos Genoveses, a qual se chama a Eschola sendo fabricada p.a exercicio dos artilheiros, que ali hiaõ aprender aquella arte, (?) exercitarse em

fazer pontarias, e atirar artilheria (?) tendo avista em proporcionada distancia huã bastante Ilha, que lhes offerece nas m.tas pedras qtem

Fl. 7, v.

1734

multiplicados alvos p.a os seos tiros. A mão direita fica Porto Venerre, villa fundada na marinha com bastantes vizinhos, e onde de ordinario se recolhem os passageiros, que não querem viajar de noite. Aqui queriaõ os marinheiros que repouzassemos athe a manham seguinte, porém vendo eu que nos favorecia o vento, e que seria tanto incomodo dormir naquella tera, como nobarco, ordenei que seguissemos a nossa viagem, como se fez com boa felicidade desorte que a o romper do dia ja estavamos pouco distante deGenova. Toda a noite tivemos bom Luar, e com elle fomos vendo varios Lugares, e villas que estaõ sitos na quella ribeyra, que he verdaderamente bella, e vistosa. Mas ja perto de Genova poucas milhas, he que começa a divisarse o melhor, porque parece huã cidade continuada, e não de cazinhas, senaõ de sumptuosos Palacios, que alem dasua grandeza, fazem mais agradavel prospectiva a vista com as varias pinturas de que são externamente ornados, alem dos jardins que entre os d.os Palacios apparecem verdejantes.

Pelas sette horas da manham do dia 18 de Fev.ro entramos no porto deGenova, onde estava anchorada huã grande quantidade de Navios, e muitissimas T (?) anas, que eraõ de transporte dos Espanhoes p.a Liorne, as quaes sairaõ dali a tres dias com as tropas que ali se achavaõ, ficando so huãs Nao de guerra, da mesma Nação junto ao Molhe Novo.

Fomos entregar as cartas daSaude, e eu me recolhi na Ostaria do Papa, onde pagava hum escudo por dia, que são 13000 rz por mim, eos dous creados.

Fl. 8, r.

1734

Fui ver varias Igrejas m.to boas, mas não couza grande, vi tambem o Palacio do Doge que he magnifico; eo vi tambem a elle, que hia ouvir Missa na suacapella. Era da nobre familia Durazzo, hum homem

muy alto, e gordo, mas bem proporcionado, muy alvo, e rozado. Hia vestido de roupas Senatorias compridas e Largas de velludo carmezim, e acompanhado de m.ta Nobreza, e senadores, os quaes senadores vestiaõ da mesma sorte, porém de velludo negro. A sua capella he como (?) huã bastante Salla, com hum unico Altar m.to decente, em que está collocada huã Imagem de Nossa S.ra com o Minimo Deos; e em porporção da Largura do d.o Altar vaõ grades de pao negro baixas dehuã, e outra parte girando athe pouco espaço antes de chegar a porta; as quaes grades, que formaõ hum curral, são assentadas sobre hum degrao de marmore, no qual está huã almofada continuada, ou m.tas juntas huã depois da outra, onde ajoelhaõ p.a ouvirem Missa os senadores de Governo; e na parte ultima e fronteyra a o Altar, estaõ almofada mais distincta p.a o Doge, sendo aquelle Lugar, donde ouve Missa.

Vi tambem huã gr. de Salla com cadeyras em gyro de pao, a man.ra de cadr.as de choro de Frades, porem baixas, e no pavim.to da d.a Salla, a qual serve p.a os seos concelhos qndo, se ajuntaõ, e p.a a eleiçaõ do novo Doge; ese chama a Salla do Concelho.

Vi outra Salla mayor, e mais nobre, com boas pinturas e huã como capella, com assento nobre onde se coroa o Doge depois da sua eleiçaõ.

Fl. 8, v.

1734

Vi huã grande e nobre Armaria com armas brancas, espingardas, espadas, e Lanças p.a se armarem 30 mil homens. Ali achei varias armas brancas p.a todo o corpo de mulheres, as quaes Levaraõ a guerra de Jeruzalem varias Matronas Genovezas, que foraõ etiveraõ parte com ofamozo Godfrei naquella conquista; e estaõ ali penduradas junto as d.as armas (duas?) Bullas dos Pontifices daquelle tempo, nas quaes fazem mençaõ, e expressaõ as familias da quellas Matronas, enchendoas de Louvores, e privilegios eLembreme que estavaõ ali apí (nha?) das as Familias de Doria, Durazzo, Lum (?) lino, eoutras que menaõ Lembraõ. Vi espingardas de dous, e mais tiros. Vi huã rodella, em cujo escudo havia mais de 30 (bri?) cas de pistolas, epela parte de dentro hum entreixo que fazia disparar todos aquellos canos, hum por hum com arbitraria demora. Esta rodella me diseraõ fora invençaõ dehum traydor, que quis sobLevar aquella Republica, o qual foy preso e morto. Vi alabardas, que tambem dispararaõ o seo tiro.

Vi huã espada curta, que tambem disparava. Vi o pr.o canhaõ ou pes-
sa de artilheria que ouve na Europa, o qual foi invençaõ dos Geno-
vezes na guerra que tiveraõ contra os Venezianos. He ella de pau
m.to bem feita, coberta de couro cru' bem justo, e pontado, e com
varias argollas ou aneis de ferro, q a circundaõ, e fortalecem; e por
dentro, onde se carrega e se mette aballa, he toda circundada de folha
de Frandres; e se conserva na quella Armaria por memoria, e gloria
daquella Republica inventora daquelle artificio.

Fl. 9, r.

 1734

Fui com o Pe. Roccatalhiata, e outro Trinos. a quinta do Prince-
pe Loria, e saindo logo do porto de Ponente, fomos vendo varios Lu-
gares, que parecem huã Genova continuada de sumptuosos Palacios,
m.tas quintas todas com Palacios famosos. Entramos na quinta de
hum senador de Familia Imperial, em cuja entrada tem hum gran-
diozo Palacio, bem preparado, e m.tas eboas pinturas pelas paredes,
eteclos; tê varios caminhos pela quinta circundados de estatuas de
marmore, caza de agoa, e outras galanterias dignas de se verem. Tem
m.tos vasos de Lorangeiras, eLimoens, Flores (?) lhe verdadr.am.te
hua Regia quinta.

Dali caminhamos na mesma carroça q era do Principe Doria, e
chegamos asua quinta, que he de m.ãa grandeza, edivertimento, situa-
da abeira da praya. Tem dous Palacios; hum junto do mar naõ muy
grande; e outro mais acima mayor, e do pr.o sevay p.a o outro por
hum vial ou rua que he toda cheia de colunas de marmore de ambos
os Lados e cuberta de parras por espaço de 200 passos com pouca dif-
ferença; eLogo em cima fas hum terreyro, que de huã parte esta
cercado de semelhantes columnas, eda outra esta o Pallacio. Tem
m.ta fruta de espinho, bellos viaes de murta, chafarizes de agoa; e
hum tanque na parte mais emtrante, no meyo do qual tem huã Ilho-
ta com jogos de agoa. Ali nos metemos em hua barqueta muy linda
e alcatifada, p.a girarmos aquelle pequeno Lago, e p.a me darem di-
vertim.to deixaraõ dous caens que a nado perseguiraõ huns patos,
que ali andavaõ, e estes ja

Fl. 9, v.

 1734

quazi p.a serem colhidos dos caens, os burlavaõ morgulhando por hum grande espaço, ou voando sobre a agoa, desorte que punhao distantes; mas com tudo isto ainda hum caõ pilhou hum pato, que lhe tiraraõ da bocca mal ferido. Depois deste divertm.to, e o de correr aquella quinta, ainda fizemos depois de nella tomarmos chocolate, fomos jantar e tivemos hum grandiozo banquete, ordenado pelos d.os Padres Trinos; e o Principe Doria nos mandou da cid.e hum grande e delicado peixe. Depois do jantar fomos ver a fabrica de panos, que (he?) la nesse mesmo Lugar, em que estavaõ empregadas alguãs 200 pessoas, entre homens, e mulheres, e foiguei de ver aquella machina, e petrechos, e o modo com q se fabrica. Por ultimo ja sobre atarde tornamos p.a Genova, onde estive athe o dia 24.

Em 24 de Fevr.o embarquei no Navio Pomb (?) Ingles cap.m Thomas Jones, em comp.a do P.e Pedro Fran.co Tambini Jezuita e os P.es Trinos, e humcarmelita, e Lorenzo Grasso todos Genovezes. Logo que entrei abordo fes o cap.m disparar a artelheria por me fazer obzequio. A noite nos fizemos avela, porem com pouco vento, eesse não favoravel. Assim andamos o dia 25 e 26, enesta noite de 26 tivemos huã grandissima borrasca desueste com a qual corremos a popa p.a Liorne, porem quis Deos que cessasse na manham seg.te de 27; etornamos abuscar o nosso caminho. Sendo porem o vento sempre contrario, ou calma, andamos 8 dias avista do Genovezado; athe que veyo hum vento favoravel, com o qual passamos as Ilhas de Leris de França, e nos metemos no Golfo de Leaõ!

Fl. 10, r.

 1734

Porem como este golfo, parece que inclui emsi todas as tormentas do Mediterraneo, p.a intimidar os passageiros, Logo que nos engolfamos, nos deo a mais terrivel, que eu ainda experimentei, crescendo tanto a furia do vento, que só navegamos com nossa vela grande, e todo o mais pano ferrado, que ja hia roto da pr.a furia. O mar parecia querer apagar os faroes do firmam.to subindo fora do seo centro, e não deixava juntura por onde não entrasse na Nao, que a não ser nova, e forte, sem duvida lhe daria Larga estrada p.o o ingresso das suas agoas, e a nos serviria de tumba p.a nos Levar a ofundo da quelle golfo. E como os males vem pela mayor parte

acompanhados veyo tambem huã gr. de chuva de saraiva, taõ fria que pode resfriar os marinheiros de sorte, que naõ podiaõ trabalhar nem manear os braços, por cuja cauza se foraõ esconder m.tos buscando abrigo debaixo da coberta, e hum rapaz de 18 annos prostrado por terra quazi sem calor, acabara sem vida, se lhe naõ acodiraõ com hum bom copo de vinho, e o cobriraõ com m.tas roupas p.a tomar calor, o que fes depois de m.to tempo. Emfim alguns poucos marinhr.os mais robustos, sopportaraõ o trabalho athe que acabou a d.a saraiva, e chuva; porem o temporal foi continuando, e durou 62 horas, que tantas estive sem comer, nem beber. Acabado elle cessou de todo o vento, e se fes hum dia claro, assim necesr.o p.a se refazerem as velas, que eraõ Laceradas. Depois tivemos bom vento, que nos tirou do Golfo, e nos pos a vista de Mayorica, in cuja enseada andamos bordejando m.tos dias, athe que finalm.te passamos.

Fl. 10, v.

 1734

a d.a Ilha, e chegamos a Cabo de palos; e aqui andamos a vista delles m.tos dias, e quazi sempre em calmaria. Veyo depois hum pouco de bom vento, com o qual nos fomos chegando p.a o cabo da Gata; onde de novo com calmarias estivemos m.tos dias p.a o passarmos. Finalm.te veyo um pouco de vento a propozito p.a tomarmos Armeria ycid.e de Espanha, que era necesr.o p.a tomarmos Lenha, que ja naõ avia, e algum peixe, naõ avendo na Nao mais, que bacalhao ardido, com o qual tinha eu feito a quaresma athe ali. Com effeito demos fundo em huã praya distante tres legoas de Armeria, onde está huã torre ou fortaleza, e foi ocap.m a terra, donde trouxe huã grande quantidade de peixe fresco, por aver ali m.tos barcos de pescadores. Detarde tornou a terra, e no dia seg.te fuy eu tambem, e trouxemos ovos, ortalices, e Lenha. No outro dia tornou a terra o cap.m, porem naõ o deixaraõ desembarcar, porque de Armeria mandaraõ esas ordem por ser navio Ingles; o que (?) o nos fizemos a vela com pouco vento e assim fomos navegando ora, mais, ora menos athe que chegamos a Gibraltar. Aqui demos fundo de madrugada, e na mesma mauham me veyo vizitar o Vigario da Freguezia q era hum Espanhol de Minorca, com outras pessoas. E porq o outro dia 25 de Março era festa da Anunciação, fui a terra ouvir Missa, onde achei o d.o Vigario, e outro clérigo que vinhaõ esperarme, tendo me mandado buscar em hum bom

barco. Com elles fui p.a a Matris, em comp.a de alguns Genovezes que vin-

Fl. 11, r.

1734

hão comigo na Nao p.a Lisb.a. Entrei na Matris, onde achei preparada hua cadr.a p.a me assentar, e hum sitial de seda sem docel. Ali me assentei depois de fazer oraçaõ; couvi Missa, que foi cantada, e tambem o sermaõ, que o fes od.o Vigario em Lingoa Espanhol. A Igreja era velha, mas grande e pouco ornada, como de terra, que esta em poder de hereges. Vi m.ta gente homens e mulheres pela mayor parte Genovezes. Couza de 3 mil Inglezes de prezidio; m.to Judeo de Maquinês, e alguns Portuguezes, q fugiraõ de Portugal, e vivem ali sem medo da Inquizição nasua Liberdade, e na Ley de Moyzes, se he que estes a sabem

Queria o d.o Vigario, que eu ficasse com elle a jantar, no que fes grande instancia, porem eu não aceitei, e me fui p.a o molle p.a embarcar; e como me foi neces.o trocar algun dr.o, me detive naquella praya hum Largo quarto de hora, onde concorreo muitissima gente p.a me ver, assim catholicos, como Inglezes, e todos com os olhos em mim como senã tiveraõ visto nunca hum B.o ainda que eu estava vestido de curto a (?) bbatina. Emfim me despedi dos clerigos, e o d.o Vigario me offereceo ali hum gr.de badejo fresquissimo, dizendome, que ja que não lhe avia feito a honra de jantar com elle, que a o menos Levasse aquelle peixe p.a os meos criados. Agradecilhe, eme meti no barco, q od.o Vigario me tinha ali prompto, e me fui p.a abordo, com os meos tres criados,

Fl. 11, v.

1734

ficando em terra os Genovezes, q tinhaõ hido em minha comp.a. No outro dia de manham partimos com bom vento, e sette navios mais, passamos o Estreito com o mesmo bom tempo, que foi o melhor, que tivemos em toda a viagem, e nos durou athe o cabo de Sta. Maria do Algarve. Ali estivemos a bordejar com vento contrario alguns dias, athe que nos puzemos na altura de Lix.a, e na manham do pr.o de Abril Logo ao amanhecer vimos a Rocca, e fomos buscar abarra. Tomamos Piloto, e com boa felicid.e, entramos pela barra grande, e

demos fundo vizinho a torre quazi defronte do conv.to de Belem. Fal-
lou o cap.m a Torre, e Lá foi no escaler tomar falla como se costuma
Eu fis huã carta ao D.or Alexandre de Gusmaõ, e outra a meo cunha-
do o cap.m Bernardo da Silva Ferraõ, dando lhes parte da minha
chegada, e pedindo me Livrassem dos cinco dias de quarentena, que
costumaõ fazer todos os Navios; p.a o que ja tinha orde o nosso, e man-
dei as d.as cartas a saude onde foi Logo ao jantar o cap.m Eraõ 8 ho-
ras da noite, quando chegou o escaler do Guarda Mor da saude abordo,
dizendo, que se concedia entrada a o Navio, e no d.o escaler vinha o
Guarda Mor, e seus Officiaes, o D.or Alexandre de Gusmaõ, e meo

Fl. 12, r.

 1734

cunhado, que todos me vinhaõ buscar com Licença de S. Mag. de que
concedeo por meo resp.to, pedindolho o d.o Gusmaõ, que entrasse o
Navio sem quarentena. Deste favor me rendeo m.tas graças o cap.m
do Navio, porq tinha abordo 4 goardas, a quem pagava tres tustoens
por dia a cada hum, alem de não poder entrar. Entraraõ na camera o
dr. GuardaMor, Alexandre de Gusmaõ, e meo cunhado e nos saudamos,
e depois de huã pequena demora, nos mettemos no escaler, e fomos p.a
terra, dando-nos o cap.m hua salva de artelharía. Chegamos a praya
de Belem, onde estavaõ as carruagens esperandonos; e despedindome
do GuardaMor, que ali tem asua habitaçãõ, me meti na carroagem de
Alexandre de Gusmaõ, e fui com elle athe a caza de meo cunhado na
Bica de Duarte Bello, onde fiquei com elle 12 dias. Logo escrevi ao
D. Abb.e de S. B.ntonio que era o P. Preg.or Fr. João de S. Paulo,
pedindolhe licença p.a ir morar no mostr.o, a qual carta Levou Ale-
xandre de Gusmaõ. Veyo Logo o d.o Abb.e vizitarme, e offerecerme o
quarto dos Geraes e Logo depois vieraõ muitos outros Monges vizitarme
e dar-me aboa vinda. Tive m.ta vizita de varias pessoas athe que no Do-
mingo 11 de Abril fui p.a Sam Bento, de morada; tendo ja La hido
pagar avizita aos P.es, na qual occazião fui recebido com repique, e
me veyo assistir todo os.te conv.to. Aqui fui bem recebido, e hospe-
dado com m.ta grandeza os tres dias primeiros do Rm.o P.e D. Abb.e
e accomodado

o d.o Abb.e acima Fr. Joaõ de S. Paulo, morreo (a?) 20 de Março de
1735 sendo Abb.e do d.o mostr.o os Geral Fr. Joze do Desterro (nota
do manuscripto).

Fl. 12, v.

1734

no quarto sobredo dos Geraes, onde persevero, enelle me continuaraõ varias vizitas, e m.tas de pessoas muy distinctas, e fidalgos, entre as quaes foi o d.r D. João de Souza Calheris graõ Prior deGuimaraens; Franco Jozé de Almada, D. Carlos de Menezes, e os.r B.o de Constantina.

Fui beijar amaõ aS. Mag.de que me recebeo com agrado, e me disse estimava tivesse chegado bom. A mesma dilig.ca fiz aSra. Rainha e Infantes; e oS.r D. Antonio me honrou com tanta distincão, que me deixou confuzo.

Vizitei o Secr.o de Estado, antes debeijar a maõ aS. Mag.de. Vizitei depois os card.es e (o?) Patriarcha e em todos achei m.to agrado; eocar.dal da Cunha, eoPatriarcha me quizeraõ persuadir, que naõ fosse eu p.a oBrazil, porque seria melhor ter algum emprego neste reyno, ou no mesmo Brazil, avendo taõ gr. de falta de Bispos.

(No proximo numero da A ORDEM publicamos o resto do DIARIO).

UM LIVRO UTIL AOS EDUCADORES

TECHNICA DA PEDAGOGIA MODERNA

Preço 10\$000

Pelo professor Everardo Backheuser

Pedidos á BIBLIOTHECA ANCHIETA

Caixa Postal 249 — Rio de Janeiro

COMMUNISTA, MEU IRMÃO !

PAULO SA'

Ha catholicos de duas especies. Uns o são integralmente, de coração, sete dias por semana e todas as horas do dia, peccadores, quasi sempre (mas já lá dizia Péguy: "le pecheur est de chretien-té"), incapazes, porém, de chamar virtude aos seus vicios ou de se gloria-rem nos seus peccados.

Outros são catholicos, "talvez mais catholicos do que os primei-ros", é o que affirmam humildemente (e a sombra do phariseu sorri na sombra...), mas não supportam os padres ("o clericalismo, eis o inimigo!"), mas, como espiritos que 89 libertou, não admittem a "bai-xeza" do confessionario; mas, porque estão ao par dos "progressos da sciencia" já que lêem, ás vezes, a chronica scientifica do "Mois", dei-xam a communhão para as mulheres ("Eu sou o Pão dos fortes!")

O que se passa com os catholicos, acontece tambem com todos os outros grupos de individuos.

Assim, por exemplo, com os communistas. Delles ha no Brasi! (como alhures) duas classes bem distinctas. Uma (e é a quasi tota-lidade) se subdivide em uma serie de sub-classes mais restrictas: são os communistas por "infantilismo" que o são porque o comunismo é alguma coisa de perigoso e é bom mostrar que não se tem medo de papões (como fôra bom fumar para provar que se era homem, ou to-mar o bonde andando porque as crianças não o podem fazer...); são os communistas por chic que usam idéas vermelhas como usam gravatas Laco, ou almofadas nos hombros do paletot, são os commu-nistas por "primarismo" que o são porque a propaganda subsidiada pelos Litvinofs põe ao alcance de todas as bolsas (e de todas as in-telligencias...) o meio suave de se ser erudito em sociologia inge-rindo comprimidos brochados, com a marca de garantia da foice e do martello; são, ainda, os communistas que têm a "obcessão do sexo" e a elles parece que os Soviets acabarão de vez com o que os seus ins-tinctos, fantasiados de principios, chamam "os preconceitos da moral

burgueza" (burgueza, Deus meu!); são finalmente os communistas por odio a Deus, o que é uma coisa tão real como o demonio, ou o orgulho humano. Com estas sub-classes todas de communistas, é claro que não é possível argumentar: que caia sobre elles a faisca fulgurante da Graça, é o que devemos pedir como meio unico de illuminai-os!

Ha, porém, um grupo de communistas (são, entre nós, muito poucos) — que o são sincera, conscientemente, errados, com certeza, mas de boa fé no seu erro. São communistas porque, como a todos os que têm ainda a virtude do engulho, revolta-lhes as entranhas o espectáculo nauseante de um mundo em que os bezeros de ouro se multiplicam em rebanhos innumeraveis, em que a injustiça se envolve em toga e reina nos tribunaes, em que a liberdade é o pretexto brilhante para a mais abjecta das escravidões, em que "apenas permanecem de pé os mais fortes, o que quer dizer muitas vezes aquelles que são menos peiados pelos escrupulos de consciencia" (a phrase é de um "revolucionario" authentico: S. S. Pio XI, gloriosamente reinante...).

A estes communistas é que nós podemos repetir as palayras admiraveis com que, não ha muito, o presidente do congresso dos jocistas francezes (Juventude Operaria Catholica, de França) recebiã os camaradas vermelhos que invadiram a assembléa no intuito de "sabotal-a": "Irmãos communistas! Vós tendes para nós, na bocca, palayras de odio e de violencia! Nós, pelo contrario, nós vos amamos!"

E é porque nós vos amamos que queremos abrir os vossos olhos á luz serena da verdade. Fazei, por um momento, a hypothese de que estaes errados — e verificaes se o que vos fez communistas não foi, afinal de contas, apenas o facto de que o communismo quer destruir esta organização social cujos erros revoltantes a vós vos revoltam (como a nós, catholicos). Pensae um pouco se depois daquella "alegria de destruir" a que se referia Bakunine não haveria para vós a desillusão sem remedio de uma construcção que repetiria, aggravados, os males todos destruidos!

Não seria possível, é claro, reproduzir em poucas linhas os argumentos muitos que provassem a fallencia absoluta da parte positiva das doutrinas de Marx e de Lenine. Mas o que eu desejaria, sinceramente, fraternalmente, é que balanceasseis vós mesmos as vossas convicções: Pensae no que, sob a tyrannia do proletariado (proletario, Lenine? proletario, Staline?), restaria daquelle minimo de liberdade individual, sem o qual se esborôa a dignidade da pessoa humana, sem o qual para dizer: "Eu..." conscientemente, cada um de nós teria de se mentir a si mesmo: Reflecti, se quizerdes descer

para um plano mais terra a terra, reflecti no que seria de vós, no que seria de nós, se os detalhes mais intimos ou mais materiaes de nossa vida, o pão que comemos, a casa onde moramos, o logar onde trabalhamos, dependessem, como dependeriam nesta obra prima de burocracia que é um estado communista, do 2º escripturario Silva, ou do chefe de secção Souza, funcionarios publicos exemplares na inamovibilidade de sua segurança partidaria!

Pensae um pouco no que são os "canaes competentes" para quem deseja uma coisa qualquer em nossa terra (que não é tão diversa das outras neste ponto) e considerae o que seria o paraizo bolchevista a 1.000.000 de burocratas! Sirva um numero que vem da Russia, os Kholkozoes, organizações communistas agricolas, têm que enviar annualmente 961 relatorios dando conta de seus serviços (Serge de Chessin "Le thermidor moujik"). Quando vos deslumbrarem as estatisticas sovieticas ("a estatistica, já se disse, pode ser simplesmente a arte de errar com precisão"...) raciocinae que tendo lá o governo o controle de tudo o que deixa filtrar para o estrangeiro, seria apenas imbecil, elle que visa antes de tudo a propaganda, se permitisse a exportação de dados que o condemnassem!

Prestae attenção nas unidades que empregam: uma estatistica em rublos nada representa se não se leva em conta a variabilidade da moeda; uma tonelada de mão aço vale menos do que meia de aço optimo (em 1930, segundo o Bureau of Research of Russian Economic Conditions, a qualidade dos productos russos baixára de 30 %). Se vos vier a tentação de repellir os dados que não sejam de communistas, reflecti sinceramente em vossas consciencias se não haverá nisto apenas a deturpação de um preconceito! E se admiraes a coragem com que a viuva Lenine denunciava os exercitos de milhões de crianças abandonadas da Russia bolchevista, com que, e isto recentemente, Buibyshev, presidindo o Gosplano, declarava a baixa de qualidade na produção russa; com que Koganovitch, homem de confiança de Staline, pregava a volta a processos "commerciaes para os Kholkozoes" (Pravda, de 12-10-1932); com que este mesmo Pravda quatro dias antes denunciava o facto de estarem parados na Ukraina na occasião de sementeira, milhares de tractores; admiraes, se quizerdes, o poder de autocritica dos leaders sovieticos — não esqueaes, porém, a realidade dos factos criticados.

E, se depois de tudo isto, vier Lenine (este talvez um genio, embora um genio "gorado") a repetir com Engels, ao estudar as relações entre a "Revolução e o Estado", que as "funcções publicas" na organização communista perfeita, passam a ser simples operações de

controle e de manutenção de livros... ao alcance de qualquer individuo", tereis bem o direito de, olhando em torno de vós, sorrirdes da ingenuidade desse theorico genial!

Irmãos communistas! Tende um momento de serenidade e verificaes que não é só a vós que revolta a organização social do mundo moderno; nem supponhaes que fóra della a solução unica seja a de Marx e da Rússia.

Procurae averiguar a veracidade do que dizemos nós outros, catholicos, quando affirmamos que a injustiça infinita desta pseudo-civilização tem na sua origem o afastamento dos principios sociaes da Igreja do Christo; e que só a submissão a elles, na plenitude de sua integralidade e no rigor de suas consequencias bem determinadas, é que poderá salvar o homem! Se o fizerdes, na simplicidade de vossa boa fé, eu estou certo de que haveis de encontrar a Verdade definitiva e consoladora, porque ella não se recusa aos que sinceramente a buscam; eu estou certo de que a vós se abrirá a porta divina de todas as soluções, porque ella não se conserva fechada ao bater desesperado da pobre angustia humana!

POEMAS DE ISMAEL NERY

Recolhidos por MURILO MENDES

EU

(1933)

Eu sou a tangencia de duas fórmulas oppostas e justapostas
Eu sou o que não existe entre o que existe.
Eu sou tudo sem ser coisa alguma.
Eu sou o amor entre os esposos,
Eu sou o marido e a mulher,
Eu sou a unidade infinita.
Eu sou um deus com principio.
Eu sou poeta !

Eu tenho raiva de ter nascido eu,
Mas eu só gosto de mim e de quem gosta de mim.
O mundo sem mim acabaria inutil.
Eu sou o successor do poeta Jesus Christo
Encarregado dos sentidos do universo.
Eu sou o poeta Ismael Nery
Que ás vezes não gosta de si.

Eu sou o propheta anonymo.
Eu sou os olhos dos cegos.
Eu sou o ouvido dos surdos.
Eu sou a lingua dos mudos.
Eu sou o propheta desconhecido, cego, surdo e mudo
Quasi como todo o mundo.

CONFISSÃO DO POETA

(1933)

Eu tenho um ciume terrivel da minha sogra e do meu genro
E uma saudade mortal da minha esposa fallecida.

Eu queria ter sido meu pae ou ser agora a minha nora.
 Ou ter morrido como meu irmão...
 No instante em que nasci.

POEMAS PRE-ESSENCIALISTAS
 (1932)

1

Tres mulheres pariram de mim tres filhos iguaes,
 Samuel, Ismael e Israel.
 O primeiro no mar, o segundo no ar, o terceiro no fogo.
 A terra toda percorreram os tres irmãos
 Sem nunca se terem encontrado,
 Sem nunca terem sabido o nome de seu pae
 Que com elles andou,
 Que p'ra elles deixou tres mulheres iguaes
 Com as quaes tiveram tres filhos,
 Samuel, Ismael e Israel.

2

Desde Eva que tu te repetes em fórmulas inuteis
 Para Samuel
 Para Ismael
 Para Israel
 De quem és filha, mulher e mãe.
 Ainda não atinaste, o' mulher!
 Que só em mim, que só p'ra mim e só commigo
 Não repetirás mais as tuas fórmulas inuteis ? !

3

Os filhos de minhas noras se parecem commigo
 No andar
 No pensar
 No falar
 E no ciúme que tenho
 Da minha mãe,
 Da minha mulher,
 Da minha filha.
 Os filhos das minhas noras se parecem com a avó.
 Gostam de mim !

MANHÃ

(1932)

Acordei hoje com a desagradavel e estranha sensação de que sou o unico sêr humano sobre a superficie da terra. Os outros homens me parecem animaes que nenhuma relação poderão estabelecer comigo. Olho-os com uma indiferença notavel — nem mesmo a profunda piedade que costume ter por elles estou sentindo hoje. Recordo-me de factos da minha vida, como se fossem historias que me contaram. Noto que não me deixaram marca nenhuma. A vida para mim está me parecendo a coisa menos importante deste mundo. Poderei continuar a viver como poderei morrer neste instante. Isto me é absolutamente indifferente. Não sinto a necessidade de me mover nem de tomar resoluções. Uma senhora passou e me cumprimentou. Confesso que não a reconheci. Meu espirito está vagando sem curiosidade alguma sobre todas as coisas e idéas. Talvez por habito. As vozes das pessoas que estão perto de mim me parecem ruidos sem nenhuma significação, como, por exemplo, o barulho que está fazendo a agua que cae na caixa do banheiro. Olhei-me no espelho e achei excessiva a anatomia do meu corpo, sobretudo da minha cara. Para que olhos, para que boca, para que nariz? Minha barbicha no queixo me parece mais inutil do que um seio para uma mulher que não foi mãe. O homem deveria ser uma bola com pensamento. E das mulheres, que penso eu hoje? Nada! Aliás sempre pensei nellas muito pouco. Só costume pensar no que me interessa. Creio que não existem neste mundo tres mulheres que me possam interessar — pelo menos ao ponto de pensar nellas. E dos homens, que penso eu? Penso que foram feitos para as mulheres, muito mais do que o contrario. E de mim? Creio que eu seja uma coisa qualquer sem classificação, apenas com uma apparencia humana. Será que minha inapetencia pela vida seja resultado de falta de comprehensão della? Não creio! Creio mesmo o contrario. Mais do que o instincto de conservação, penso que seja a curiosidade a mola que nos impelle para a vida — digo isto por experiencia propria. Tenho a impressão de que nada mais poderei apreender e descobrir na vida. Esta deve ser a unica razão do meu desinteresse por ella e do meu profundo desanimo. E a outra vida, como desejaria eu que ella fosse? Um repouso eterno numa paz infinita? Não! Isto mais ou menos foi o que eu sempre tive!... Eu queria que ella fosse a correição da minha vida da terra numa progressão infinita. Eu sou bastante mediocre!

A ORDEM

POEMA
(1932)

Deus criou duas almas.
 Deu uma a Adão, outra a Eva.
 Deu também a Adão e Eva
 O poder de criar corpos
 Para herdarem as almas que Elle lhes deu.

A UMA MULHER
(1932)

Eu queria ser o ar que te envolve
 Desde o teu nascimento.
 Eu queria ser o teu vestido que te esconde dos outros.
 Eu queria ser tua camisa que te conhece em segredo,
 Eu queria ser o leito onde te abandonas ao teu proprio frio.
 Eu queria ser teu filho e teu amante.
 Eu queria que fosses eu.
 Eu queria ser teu amor e teu Deus.
 Eu queria não existir.

POEMA PARA ELLA
(1933)

Acabaram-se os tempos.
 Morreram as arvores e os homens,
 Destruíram-se as casas,
 Submergiram-se as montanhas.
 Depois o mar desapareceu.
 O mundo transformou-se numa enorme planicie
 Onde só existe areia e uma tristeza infinita.
 Um anjo sobrevôa os destroços da terra,
 Olhando a colera de um Deus ofendido.
 E encontrou nossos dois corpos fortemente enlaçados
 Que a raiva do Senhor não quiz destruir
 Para eterna lembrança do maior amor.

VONTADE DE QUEM?
(1933)

(Replica a um poema de M. M.)

O enterro do menino rico
 Encontrou com o enterro do menino pobre
 Na porta do cemiterio.

A ORDEM

O pae do menino pobre
 Pensa que o filho morreu por falta de recursos.
 O pae do menino rico
 Não sabe a que attribuir a morte do seu filho.

INERCIA

(1932)

O poeta quer se locomover.
 Para que bonde, navio, avião e zeppelin
 Se já te encontrei e estás commigo ? !
 Para que,
 Se tu és para mim o universo inteiro ? !
 Para que,
 Se estamos juntos da cabeça aos pés ? !

POEMA

(1931)

Estou com o olho no telescopio que está dentro da barriga aberta da cupula. Observo a lua, a filha da lua, a neta da lua, toda a familia da lua, menos o marido della. Eu gosto da cor da lua mas acho incompleta a sua fórma. A lua é uma mulher gorda, que parece magra, magrissima, abstracta. Eu gosto das mulheres abstractas que vêm ao mundo sem pae nem mãe nem irmãos, e que não nasceram em nenhum paiz nem tão pouco no mar. Gosto mais de ter uma mulher em pé na minha cabeça do que pendurada em meu pescoço. O meu pescoço, ás vezes, não aguenta bem o peso da minha cabeça. porque ella está cheia de coisas que quasi sempre eu não gosto. Tenho uma formidavel atracção pelo que detesto, inclusive eu mesmo. Ismael Nery: nunca consegui ouvir nem dizer este nome sem sentir uma commoção — mas não sei bem que especie de commoção eu sinto ouvindo ou dizendo este nome. Ha nomes tambem que me emocionam e me obrigam a inventar um physico para elles. Nunca vi ninguem que escapasse completamente a uma critica minha — nem eu proprio. Terei que captar a minha sinceridade em alguem que não seja eu, é até muito pelo contrario — que seja bem differente de mim. Preferiria olhar as mulheres de cabeça para baixo e suspenso por um fio de aço, do que de outra maneira qualquer. A desorganização das coisas não me agrada, tambem como a organização. Gostaria de ter um creado moral para arrumar o meu cerebro e consolar nas minhas ausencias aquelles que moram commigo, de mim e para

mim. O meu maior instinto é o da paternidade, que applico a tudo e a todos. A minha maior vontade era ser a sombra de tudo e de todos, afim de nascer e morrer com tudo e com todos e em todos os tempos. Não haverá um homem que me determine moral e physicamente? Sou o germen de um Deus, toda a gente o é também.

ULTIMA PAGINA

(Novembro 1933)

Esperei até hoje que vós me descobrisseis. Quiz dar-vos o prazer de vos sentir crescer. A minha excessiva proximidade impediu, porém, que me olhasseis como realmente sou. Contar-vos-ei agora a minha historia e descreverei o meu physico, para que disto tireis o proveito necessario e justifiqueis a minha e a vossa existencia.

Pertencço a esta especie de homens que não constroem nem destroem, mas que dão a razão de toda a construcção e de toda a destruição. Eu sou um predestinado, como foram também meus predecessores e como serão meus successores. Através dos seculos deveremos desenvolver o germen que, no principio da vida, recebemos. Nós somos os grandes sacrificados que soffrem por todo o erro e atrazo dos homens. Somos os homens que amam e consolam, e não somos amados nem consolados. Se não fossemos portadores do germen de que vos falei acima, ha muito que a nossa raça teria acabado violentamente.

Quando tudo tiver attingido os seus fins, ahí começará nossa visivel utilidade. O homem agora distribue suas esperanças na arte e na sciencia. Chegará um tempo em que a arte e a sciencia não bastarão mais para suprir a ancia crescente de compreensão que a humanidade tem. Toda a arte resume-se em supprir as necessidades scientificas, toda a sciencia resume-se num estudo de equilibrio da vida e numa tentativa formidavel de conhecimento da matéria da vida. Ah, se nós nos pudessemos conhecer, ou se, pelo menos, pudessemos chegar a conhecer um outro homem!... A solidão do homem é o que mais o apavora na vida. Os homens se olham como desconhecidos com as mesmas roupas. Vivemos desconfiados — tudo fazemos para garantir o que possuímos, com medo dos ladrões de toda a especie, que vemos em todos os homens.

Inventamos o direito e a policia e pomos em nossas casas grades de ferro e portas de bronze. O homem se esquece de que o que possui moralmente não é accessivel aos ladrões — mas augmenta o seu desassocego com as suas posses physicas, esquecendo a sciencia

por elle já conquistada. Para que guardar uma mulher que não é sua? Para que bater-se por uma idéa que não sente? Para que duas casas com um só corpo? Para que o sustento de uma vida sem consolo? Ah a esperança! Que é a esperança? Tenhamos esperança — augmentemos a esperança — eu em Deus e vós em mim e em meus successores. Um conselho vos dou, com a autoridade que me conferem as rugas da minha testa, o meu olhar febril e as minhas mãos mutiladas: não façais o que vos causar nojo, mesmo que este nojo seja minimo. Dirigi vossa sciencia para conseguirdes um augmento micrometrico das vossas sensibilidades. Já reparastes, meus irmãos, que vivemos num mundo em que existem soldados, juizes e prostitutas? Onde se encarcera um homem pelo depoimento das testemunhas ou se enforca um outro por insultar um leader. Existem testemunhas? Existem leaders? Que é a vontade do povo? Que é o bem geral? Já fizestes, com a sciencia que tendes, a psychologia de um chefe? Por que não acreditar em Deus, quando acreditaes até nos regimens politicos? A fome, a guerra e a peste se apresentarão aos nossos descendentes como a nossa unica herança altruistica.

A humanidade, como as plantas, precisa de estrume. Dos nossos corpos renascerão aquelles corpos gloriosos que encerraram as almas dos poetas, aquelles de que nós já trazemos o germen. — Tudo foi feito no principio — porém tudo só existirá realmente em tempos diversos. Os poetas serão os ultimos homens a existirem, porque nelles é que se manifestará a vocação transcendente do homem. Todo o homem recita um poema nas vespuras da sua morte — a humanidade recitará tambem o seu nas vespuras da sua, pela boca de todos os homens que nesse tempo serão poetas.

F I M

NOTAS E COMMENTARIOS

MURILLO MENDES

POEMA POST-ESSENCIALISTA

O essencialismo é uma theoria philosophica e artistica creada por Ismael Nery sobre bases catholicas. Ismael imprimiu-lhe o caracter da sua fortissima personalidade, sujeitando-a, porém, aos eternos principios do catholicismo. O espirito do homem moderno caracteriza-se sobretudo pelo cansaço que tem das pesquisas inuteis. Qualquer idéa de inutilidade nos repugna, sobretudo hoje, em que descobrimos que poderemos usar toda a sciencia accumulada pelos ho-

mens de outras épocas, com a selecção inconsciente de um systema de vida para fundarmos o dominio da pura consciencia e da razão, pois já podemos dizer que o campo experimental da vida foi todo explorado. Se estudarmos a vida de um homem, veremos que toda a parcella de adeantamento moral foi conseguida em periodo em que elle conseguiu harmonia entre sua vida e a vida exterior, produzindo isto a sensação da felicidade.

Não póde haver felicidade quando ha desharmonia de rythmos entre a vida interior e a exterior, por isto será util uma philosophia que nos ensine justamente a controlarmos estas velocidades. Felicidade, para o essencialista, é o unico estado em que o homem poderá começar a comprehender as cousas transcendentas — embora saibamos muito bem que muitas vezes o homem consegue a sabedoria das cousas pela infelicidade — achamos porém que, pela dor, a sciencia da vida fica sendo objectiva. A vida scientifica de hoje permite ao essencialista uma educação artificial para conseguirmos uma mentalidade pura de homem primitivo, com a enorme vantagem da consciencia deste estado. Deve um essencialista procurar manter-se na vida sempre como se fosse o centro della, para que possa ter sempre a perfeita relação das idéas e dos factos. E' claro que, para manter esta posição de relativa precisão, será necessario esforço, aliás inapercebivel pelo homem, devido á sensação de equilibrio dynamico produzido.

O problema actual consiste em fazer com que o homem resta-beleça conscientemente o equilibrio harmonioso que necessariamente deve existir entre o espirito e a materia, e que vem perdendo gradativamente, desde talvez que foi creado. Não se discute a utilidade desta degenerescencia, pois estamos convencidos da utilidade de todos os acontecimentos e experiencias que têm havido.

O que se deve é tirar um proveito total desta experiencia, que não poderá ir mais adiante, porquanto já começa a corroer as bases da nossa existencia. A vida da humanidade possui as mesmas características da vida de um homem. A humanidade deve começar agora a entrar no periodo de selecção dos elementos adquiridos na infancia e na mocidade, épocas em que a unica justificativa da pluralidade dos factos era o gráo de convicção que elles nos imprimiam. Hoje, o nosso campo de experiencia é completo. Percorremos todas as escalas de possibilidades da vida. Deteriorámos de tal modo o nosso instincto de conservação, que chegámos a aceitar o suicidio como uma condição de vida. O problema social é tão complexo que, a-priori, póde ser considerado insolúvel; basta para isto

Pensar que, no sentido rigoroso, não ha mais collectividade, pois os elementos que compõem a sociedade são absolutamente heterogeneos, e as leis não podem ser objectivas.

As theorias politicas são todas feitas dentro da idéa de tempo; basta considerar o que é o tempo e o que é a vida, para perceber logo a sua impraticabilidade. O erro dos angulos só poderá ser anulado com uma volta á raiz.

A vida é uma fornecedora de elementos constructivos que o homem consegue percorrendo uma serie de momentos que se nos apresentam todos com perspectivas e propriedades particulares em seu encadeiamento logico. Por imperfeição de sentidos, o homem necessita agrupar momentos, afim de que melhor se constatem diferenças (épocas, idades, etc.). Estudando a vida, isto é, a totalidade destes momentos, chegamos á conclusão de que verdadeiramente o homem não se pôde representar nem ser representado com as perspectivas e propriedades de um só momento, pois, seria sempre uma representação fragmentaria, portanto, defficiente para o conhecimento. O homem deve representar sempre em seu presente uma somma total de seus momentos passados. A localização de um homem num momento de sua vida contrari'a uma das condições da vida, que é o movimento. Se pegarmos a esmo, dentro de sua vida, um homem, em momentos distantes, elle nos dará impressão de coisas diferentes, tanto mais diversas quanto maior for o afastamento dos momentos, impressão impossivel com a organização dos momentos que determinaram esta evolução. O essencialismo dá uma grande importancia á abstracção do tempo, que não é outra coisa senão a reduccão dos momentos necessaria á classificação dos valores para uma compensação absoluta. O desenvolvimento dessa idéa se encontra no artigo "Abstracção do espaço e do tempo", redigido por Jorge Burlamaqui sob as vistas de Ismael Nery, e com a approvação deste. Transcrevemo-l'o aqui, para melhor comprehensão do exposto.

ABSTRACÇÃO DO ESPAÇO E DO TEMPO

Os phenomenos são observados pelos homens no espaço e no tempo. Muitas vezes um mesmo phenomeno é comprehendido differentemente pela humanidade considerada em serie continua, desde o homem mais primitivo até o homem mais aperfeçoado, para a comprehensão da determinada observação que se considera.

As diversidades de comprehensão se estabelecem por diferenças infinitamente pequenas entre os homens infinitamente proximos,

mas para os termos oppostos da serie humana, estas differenças podem levar a comprehensões oppostas do mesmo facto.

Ha assim, indiscutivelmente, a distinguir a existencia absoluta dos factos, da existencia deste facto relativa a cada homem.

Um dado homem, isolado deante de um facto isolado, só póde perceber a sua verdade relativa : esta verdade relativa podendo ser um erro em relação á verdade absoluta, da qual o homem sente claramente que é separado por condições inevitaveis imperativas e por condições accidentaes e evitaveis.

A distincção destas condições só póde ser determinada pelo exame dos elementos que são essenciaes em cada homem, que constituem, portanto, o seu isolamento, dos elementos exteriores, que podem ser afastados.

Os elementos exteriores constituem um atrazo ou um avanço na evolução de comprehensão do homem sobre os outros homens.

Quanto a si mesmo, o homem é capaz de um gráo de verdade determinado em relação ás suas capacidades naturaes physiologicas e moraes.

... Um dado homem só percebe uma verdade relativa e attinge a uma perfeição e uma sabedoria relativa.

Para conseguir a expansão maxima desta sabedoria em relação a sua natureza, o homem sente claramente que deve afastar causas exteriores de erro.

Isto é, todo homem tem consciencia clara que, em muitos casos, elle está aquem da verdade dos factos, e que ligado ás suas determinações physicas e fataes, póde progredir no caminho da verdade; o erro é portanto exterior a elle mesmo.

Tudo isto, até hoje, é perfeitamente sabido; porém é necessario organizar um methodo que auxilie o homem a eliminar o superfluo do sem essencial, e o superfluo do essencial dos factos observados, para attingir mais rapidamente a maxima verdade relativa possivel.

Assim, antes do julgamento, o homem deve sempre procurar eliminar os superfluos, que prejudicam a essencia a conhecer.

Ora, um homem deante de um facto, é sempre um caso unico e excepcional.

E' um producto de um passado, podendo ter erros e ser degenerado para a percepção a considerar; comtudo é em sua formação presente que deve ser considerado. Com a sua conformação physica e integridade moral relativa, errado ou certo, é que agirá. Dado o homem neste isolamento assim comprehendido, elle só poderá modificar o exterior com os methodos adquiridos de experiencias passa-

das : entendendo-se as certezas intellectuaes e moraes incorporadas no consciente e no inconsciente, pela sua propria logica e pela dos outros com a qual tiver concordado, e por isso mesmo tambem suas.

Ora, a observação de todos os campos de acção do homem, ensina que um facto deve ser observado, estaticamente, no espaço justo, e dynamicamente, no tempo justo. As observações dentro do espaço são imperfeitas todas as vezes que houver distancias excessivas ou falta de distancias entre o observador e o facto : a falta de aproximação ou a approximação exagerada do objecto, prejudicam a observação, dando logar a perspectivas erradas e a conhecimentos imperfeitos.

Por exemplo : um individuo junto a uma parede de um arranha-céo não tem o espaço justo para julgar a altura do edificio; do mesmo modo, esse arranha-céo pasará a ser infinitamente pequeno para um individuo collocado infinitamente longe. Entre estas duas posições limites, ha uma unica posição justa para a sua observação. Será nesta posição o espaço justo. As outras posições, ou têm espaço superfluo, ou falta de espaço.

A serie humana total, descontinua em seus termos, deve procurar se ordenar em diferentes posições, cada uma dellas sendo o espaço justo para cada homem.

O exemplo dado já prova que, no campo do julgamento, o espaço póde ser causa de erro, e abstracção do espaço errado uma condição de verdade.

A posição justa no espaço justo é necessaria tambem no campo de dominio dos sentidos e dos instinctos.

Para o instincto sexual, o espaço exagerado é um mal.

Um homem deante de uma mulher que o attrahia, quer sempre a eliminação do espaço, no maximo possivel. A distancia dos phisicos não é supportavel pelo par sexual. A diminuição da distancia augmenta ainda a força da atracção sexual.

O espaço phisico reduzido ao minimo não destroe ainda a intensidade da necessidade de eliminar as separações, as distancias, o espaço, enfim porque a necessidade de identificação é mais ampla.

O amor integral é um desejo de absorção mutua dos espaços moraes.

Todo homem sente a falsidade dos contactos phisicos sem a reciprocidade percebida na mulher. Uma mulher que corresponde a um homem, corresponde a uma necessidade de ampliação de personalidade dentro do espaço.

Além do instinto sexual, o espaço é um mal para a vida dos sentidos.

Os sentidos só vivem commodamente percebendo o mundo exterior no espaço adequado. O homem procura sempre, naturalmente, a posição exacta para a conformidade da sua vista, do seu tacto, olfacto, paladar e ouvido: para o espaço justo elle aproxima os objectos dos quaes quer sentir o perfume, afasta ou aproxima ainda seus olhos, ouvindo, procurando equilibrar as suas condições physicas com o espaço justo.

Na falta de um sentido, os outros se auxiliam na luta contra o espaço insufficiente ou exagerado.

Não ha regras para todos os homens, para determinar a posição justa; o homem usa seus sentidos isolados e combinados, na luta contra o espaço, na medida que só elle sabe avaliar, e na relação do desejo de posse que tem relativamente ao objecto a possuir.

A necessidade de posse, ao extremo, póde levar o homem a ver, sentir, apalpar e ouvir conjuntamente, mas num equilibrio reciproco e num accordo mutuo, quanto á posição justa do objecto.

O espaço, além de influir nas imperfeições dos sentidos, é um mal para as reservas physicas. O progresso do homem cresce com a rapidez com que os espaços são absorvidos e as distancias eliminadas. Os records de velocidade ainda não são nem nunca serão os limites para os quaes o homem se considere satisfeito. (A vista é augmentada pelos microscopios e telescopios).

No mundo physico, não é possível a observação sem relatividade. Assim, as leis physicas de um movimento não são tiradas do valor da velocidade ou da aceleração num momento determinado, mas sim relativamente á velocidade e aceleração que o movel tinha noutro momento anterior.

Esta velocidade e aceleração são dependentes de todo o espaço do tempo percorrido, são funções do tempo, em todo o seu passado.

Conhecido o estado presente do movel, pode-se então calcular a força capaz de agir sobre o mesmo, para produzir um efeito capaz de um fim, que será perfeitamente previsto.

Por uma observação estatica do movel num momento isolado, é inteiramente impossível, senão adivinhando, conhecer o estado dinamico do corpo, no momento que se considera.

No dominio da moral ainda é necessario o homem se collocar sempre dentro do espaço justo, para evitar os erros da falta de amplidão dos seus julgamentos.

Os erros moraes são mais facéis de se praticar se não fôr usada a abstracção do espaço, do que os erros physicos.

De facto, as imprudencias physicas produzem efeitos funestos mais rapidamente do que as imprudencias moraes.

Um ataque á conservação physica que produza uma doença, representa mais approximação da morte do que um ataque á conservação moral.

Na moral, as adaptações ao erro são mais imperceptíveis que no physico. As consequencias do erro moral são mais longinquas que nos erros physicos. Estes são os factos. Como se o physico fosse independente do moral. Porém tal não se dá. Os erros moraes são consequencias de prazeres instinctivos, physicos, considerados como bens imperativos.

Ora os imperativos de conservação dos elementos da vida não são contra a moral.

A moral só repelle as necessidades superfluas da vida sensitiva.

Estas necessidades superfluas só podem ser consideradas imperativas dentro de um espaço e em tempo restricto.

Realmente, um homem normal só ataca a propria conservação, quando os efeitos que causam a morte são remotos; dahi o valor imperativo das necessidades superfluas physicas, só poder existir dentro de um presente restricto.

Agora, estes efeitos remotos de approximação da morte podem se tornar presentes pela abstracção do espaço que dará ao homem a posição justa, para encarar os grãos de vida e de morte de um acto seu immoral, no espaço mais dilatado possível.

Assim, as visões de irresistível deante de uma mulher ou deante de uma fortuna a roubar, são productos de julgamento de um espaço restricto, porque só o bem indispensavel para a vida é irresistível, pois ahí o instincto de conservação o exigirá.

Acontece, porém, que todo o homem sabe que o valor de uma mulher ou do prazer de uma fortuna varia no espaço e no tempo.

Portanto, o homem, deante de uma attracção, precisa distinguir se está deante de uma necessidade essencial da vida ou dispensavel.

Ora será em um dado momento indispensavel ou sómente indifferente, toda attracção que não causar nenhuma repulsa moral por minima que seja.

Se houver repulsa é signal de erro. Este erro levará a uma transformação da natureza moral, e se for um ataque remoto á vida moral ou physica, sem abstracção dos defeitos de espaço e

tempo, poderá ser praticado com uma adaptação funesta. Porém, abstrahindo os erros de visão do espaço e do tempo, o homem ficará deante sómente das suas necessidades essenciaes, para conservar a sua vida moral ou physica.

Quanto á abstracção do tempo para o homem, é necessaria no plano intellectual e moral, tanto como a abstracção do espaço.

Abstracção do tempo é necessaria pelo facto da vida ser dinamica, isto é, existir o movimento e a evolução.

Um homem que se estudar em um momento, não se conhecerá. Um homem que estudar uma época de um paiz, não conhecerá a evolução do progresso neste paiz. Os momentos e as épocas não são estanques, são ligados aos momentos e ás épocas passadas.

Estudando o moral de um homem no tempo, deve-se, para se conhecer um homem de uma época passada, recorrer aos documentos conservados, formando a propria cultura. Para o estudo da moral de um homem passado, abstrahindo o tempo, basta no essencialismo, observar que, em cada época, ha homens de todas as mentalidades. Um corte na humanidade presente revelará homens de todas as épocas, desde o primitivo até o mais refinado, ao alcance da observação directa, muito mais efficiente que um producto de cultura.

Esta observação poderá encontrar difficuldades insuperaveis, mas não é impossivel. Dadas porém estas difficuldades, a abstracção do tempo para o juizo perfeito de um homem em si proprio, é de uma importancia muito maior.

O estudo de um homem dentro do tempo, isola o homem em um momento determinado. O presente de um homem é porém um resultado do seu proprio passado e do dos seus antepassados. Os julgamentos moraes actuaes são, na sua maioria, errados, por serem referidos a um momento determinado, e todos os dias se condemna um tarado, um degenerado, com os mesmos processos com que são condemnados os criminosos responsaveis. A responsabilidade por sua vez deve ser sempre attenuada e dividida com as culpas dos antepassados. O homem em um momento é fatalizado por infinitas causas, em todas as direcções. O gráo de livre arbitrio que elle possa ainda possuir deante de uma acção, só é avaliado na medida justa, com abstracção do tempo.

Um homem com a abstracção do tempo, consegue antes de qualquer acto moral, avaliar todos os seus effeitos e sua repercussão. A evolução moral segue leis. As forças moraes só poderão ser applicadas com verdadeira consciencia quando houver a sciencia mais proxima possivel do estado moral em que cada um se acha :

quando houver a avaliação, fóra do espaço e do tempo, da repercussão e da diminuição da vida pessoal ou de outrem, que provocará um acto desnecessario e não essencial.

N. da R. — Continuum no proximo numero os commentarios dos poemas de Ismael Nery, por Murillo Mendes.

O liberalismo

de PERILLO GOMES

Prefacio de Tristão de Athayde

UM LIVRO QUE INTERESSA A TODOS

Preço 5\$000

Pedidos á

BIBLIOTHECA ANCHIETA

CAIXA POSTAL 249

Rio de Janeiro

SANTO AGOSTINHO

J. ZAMARIM DA TESTA

O dynamismo das luctas historicas e espirituaes do mundo claramente nos demonstram o facto que vivemos num periodo apocalypticamente que duas epochas, uma antiga e outra moderna, se juntam, se dividem, se repellem e novamente se atraem, como num anel fechado, abrangendo em lance de amor e de odio o passado e o futuro.

Antigamente, como hoje em dia, varias vezes no decurso dos milenios, a Humanidade foi obrigada a tentar as soluções dos problemas que a agitavam. E como é que os resolveu?

Consideremos o Occidente. No Vº seculo, depois de luctas e misérias, depois de heroismos e vandalismos, cahe o Imperio Romano multiseccular e forma-se a Europa Germanica; desaparece o Paganismo polytheista, são triumphalmente o Christianismo das catacumbas, novo, victorioso, vigoroso, percorre, alargando-se por todo o Orbe conhecido, pelo mundo medieval.

Germanismo e Christianismo erigem, de mãos dadas, a nova Europa. a Europa germano-christã da briosa e luminosa Idade Media.

Comtudo, a Humanidade do Vº seculo, de certo não foi facil a despeida do passado. Olhando mesmo esperancosamente para um futuro christão, ella viu em seu redor, só ruinas e catastrophes, o fracasso de antigos ideaes, a confusão medonha nas luctas espirituaes e a perturbação completa, confusão horrivel nos dominios das idéas.

Tudo isso opprimia os espiritos, e as melhores intellectualidades da epocha jaziam inertes, apavoradas...

O que parecia impossivel, inimaginavel, acontece. Povos vindos do Oriente e da Africa pisam o sólo da Italia, aniquillam as suas riquezas artisticas, arrazam a magnifica Aquileya, séde de Patriarchas Pontificios e Exarchas Imperiaes, tomam a mesma Capital e destróem Roma, a Urbe... Estas massas guerreiras de intrusos dão uma feição nova e completamente differente a paizes, a cidades e a povos vigorosos, moços, vindos de longinquas e desconhecidas terras, da Scy-

thia, Sarmacia, Scandinavia, conquistando occupam as terras de antiga e florescente civilização. Estremece o mundo mediterraneo sob os golpes de Theodorico e Narses; Germanos, Francos, occupam a Gallia; Vandalos destróem a novamente florescente Carthago e muitissimas outras populosas cidades da Africa. O Arianismo levanta desassombradamente o seu pulso de ferro; parece lutar victoriosamente contra a Igreja Occidental, prestes a ruir. E toda a Europa, com pavor terrivel, escuta os boatos desencontrados que vem da Pannonia hunica e ansiosamente espera-se, de um momento para outro, o inhumano Flagello de Deus cair, fulminantemente, com as suas hordas ferozes, sobre os povos christãos. esmagando-os...

Sem duvida, difficillimo foi o momento politico mundial e poucos tiveram a coragem de não desesperar dos destinos da humanidade e da incipiente civilização christã, continuando através de tantas ruinas, com visão prophetica, a vel-a levantar-se qual Phoenix lendaria na aurora radiante d'um futuro proximo.

Um destes poucos impavidos visionarios foi Santo Agostinho. Quando a Urbe deixou de ser a capital do "orbis terrarum" e, continuando Roma a decair começou o germano novo imperio de certo, estremece o grande Africano, no imo da sua alma. Mas um tal sábio e philosopho, um tal rethorico e literato, que personificava as melhores tradições espirituaes greco-romanas não podia ficar por muito tempo gemendo e inerte.

Roma caiu e Santo Agostinho começou a escrever aquella obra immortal que escripta em momento tetrico devia indicar em tempos futuros o caminho da verdade e da luz. Estremece nestas paginas a alma do grande Santo -- triste pela perda irremediavel do Imperio, condoeu-se da queda do mundo antigo — mas, eil-o a traçar com mão segura novas idéas politicas, novo estado ideal ao qual se prendem, sem alcançal-o, os seculos da idade Media: a "Civitas Dei".

Passaram-se desde então 1500 annos; desapareceu tambem ha muitos seculos o Medioevo, cuja fórmula estadual e ideologica foi traçada pelo grande Doutor da Igreja com intuição genial e formada com este livro.

Hoje estamos deante de questões e problemas que pódem ser resolvidos com as idéas agostinianas. Durante quasi um millenio as soluções por este offerecidas nos pódem ser de proveito, hoje em dia, para a solução dos que nos atormentam presentemente. E a sua visão unitaria, a synthese espiritual, a totalidade completa, a concepção integral de todos os problemas que surgem no ser e no pensar de Santo Agostinho podem ser applicadas para a solução das questões comple-

xas da actualidade tormentosa. O nosso tempo exige novamente uma visão total, integral dos grandes problemas da vida e do mundo. Devemos aprender a encarar, dum lance só, as multiplas questões espirituaes e materiaes, politicas e religiosas, sociologicas e economicas, presentes e futuras. Applicando a concepção agostiniana integral aos problemas modernos, faremos um trabalho bem maior e melhor do que o individualismo mecanico, dissecante do seculo liberal passado. Requer este labor, grande e genial, homens fortes e um tempo novo que já está para chegar e que ha de abrir novos caminhos para um futuro luminoso á Humanidade moderna

Assim fala hoje Santo Agostinho ao nosso tempo: hunc sequemur ducem!

PINDAMONHANGABA, outubro 1934.

O LEGIONARIO

Quinzenario catholico com approvação ecclesiastica

DIRECTOR: PLINIO CORRÊA DE OLIVEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL, 12\$000

Redacção e administração: Rua Immaculada Conceição, 5
Caixa Postal, 3471 — São Paulo — Capital

PLASMAS (1)

DURVAL DE MORAES

CIV

O manto da morte,
Na hora morta da noite,
Bate-lhe funebremente nas arterias...
E a alma
Arrependida
Soluça e canta nos intervallos das martelladas.

CV

Sob o cinzeiro da tempestade...
Aza negra de gaiola,
A Alegria de uma orla branca
Sobre a tua nobre escuridão.
Aza .. aza... aza...
Contemplo-te de joelhos,
Smorzando...
... em surdina.. O "Cantico do Sol".

CVI

Silencio exterior da noite dos desejos...
Silencio interior das almas absortas na Noite.
"A musica silente".

CVII

No extremo do promontorio...
A tempestade... tão longe!

(1) Inéditos do volume a sair.

O mar silencioso
 De ondas mudas...
 As rosas das estrellas
 Silenciosas
 No céu silencioso.
 Na alma,
 O silencio crystalino e harmonioso
 Da "solidão sonora".

CVIII

Como elle adorava
 O rayho
 Do amor dos homens!
 E a dourada mentira
 Da comprehensão dos homens!

CIX

Vida de musicas mortas...
 O longinquo... o longinquo...
 Petalas fanadas,
 Revivescidas sob dedos magicos...
 O passado voltou...
 O piano evocava...
 E o casal de velhinhos,
 De olhos quasi apagados,
 Sorria.. sorria...
 O adolescente
 Tamisava-lhes na alma
 A poesia de neve da saudade...

CX

Torturado de gloria,
 E's o naufrago da Paz.
 Teu martyrio apparece
 No oceano tempestuoso do teu espirito,
 Cabeça agonizante de naufrago sobre as ondas.
 Coroada de salsugem,
 Ao sol.

CXI

— “Meu filho, o coração não morre.”
 Dizia-me a velhinha tiritante, maguada,
 Sacudindo
 Do lyrio da cabeça branca
 O pollen fecundante da lembrança.

CXII

— “Senhor, dá-me a luz divina
 Da cegueira.
 Meus olhos são abysmos malditos
 Onde caem as pedras dos peccados.
 E a saraiva dos escandalos”
 E aquelles olhos fo.am-se apagando
 Mysteriosamente.

CXIII

Velho, não vês que vaes gelando?
 E porque te enfebreces,
 E toáo teu corpo de corcel ferido,
 Espedaçado em campo de batalha,
 Que a succumbir ouvisse o toque de victoria,
 Tentas ainda levantar do chão?
 Não vês que vaes morrendo?
 E por que vibras ainda
 Attraído pelo ephemero que passa,
 Pelo que se transforma,
 Pelo que se desfaz?
 Dilata o coração para conter o Infinito...
 Morre, para viver na Eternidade.

CXIV

O “Amor Desesperado”:
 A vida purgativa
 Alongando-se indefinidamente,
 Arrastando uma alma
 Para um calvario sem hora nona.

Uma alma crucificada perennemente, sangrando
A oração gelada,
A comunhão .. gotta de agua evaporando-se
Na esterilidade de um deserto
A inquietação... uma dadia?
A blasphemia... um allivio?
O amoroso do Absoluto
Compreendeu, por fim, o seu estado mystico
E entregou-se ao Santo Abandono:
"Senhor, se o vosso prazer,
E' que eu suporte as tentações mais tristes,
As dores todas dos damnados,
Senhor, abri em minha carne,
Senhor, abri no meu espirito,
Os circulos do inferno.
Vossa vontade seja feita
Em mim, Senhor.
Seja vossa delicia o meu tormento.
E a Paz dos pincares illuminados
Nasceu entre os raios
E os trovões
Da tempestade interior, na hora da morte quietissima.

FREDERICO OZANAM

Conferencia pronunciada pelo sr. H. J. Hargreaves, na Cathedral de Juiz de F6ra, a 21 de Junho de 1933, na comemoraç6o do primeiro centenario da fundaç6o das Conferencias de S6o Vicente de Paulo.

No exame retrospectivo de nossa vida interior, sempre podemos, sem maior esforço, sublinhar um momento ou outro, que marca para n6s uma epoca, fixa um acontecimento

Ao nos prepararmos, para iniciar o presente estudo, que vos offerecemos, por exemplo, avulta entre as nossas melhores recordaço6es, a lembrança encantadora de como nos foram revelados os aspectos menos conhecidos da vida de Frederico Ozanam.

E' um uso velho e prejudicial, infelizmente, entre os catholicos, o de n6o se referirem quasi aos seus grandes homens, como cidad6es, como express6es do seculo.

Quasi sempre, nos limitamos a apreciar, pela acc6o maior de nossos archetypos, toda a sua vida — esquecendo-nos, por vezes, de que esse processo, nem sempre consulta aos proprios interesses da Santa Igreja e aos altos designios da Causa de Christo.

Perguntando-se, v. g., a qualquer dos presentes quem foi Ozanam — difficilmente encontraremos alguem que nos n6o responda ter sido elle o Fundador das Conferencias de S6o Vicente de Paulo, cujo centenario hoje celebramos.

Além desta resposta poucos ir6o.

Rarissimos ser6o os que, j6mais, se preoccuparam em conhecer de todo o polarismo maravilhoso de sua alma admiravel, que della nos permite affirmar ter sido uma das maiores do seculo passado.

Dizemos isto, porque foi o que se deu conosco mesmo, durante muitos annos.

Vicentino, como v6s, ouviamos sempre, no final de nossas sess6es recitar a prece, em favor de sua beatificaç6o, e, como a maioria dos catholicos, lavamo-nos por satisfeitos.

J6 sabiamos, t6o s6mente, por isso, que se tratava de um homem,

MARCO — 1935

CENTRO DOM VITAL
BIBLIOTECA

à parte, sobre cuja vida mais nos valeria tudo ignorar, do que procurar saber alguma coisa — afim de não augmentar o nosso desanimo de algo conseguir no dominio espiritual.

Estavamos, ainda, na phase em que todos vemos nos Santos — seres á parte — de uma organização sui generis — vivendo num ambiente construido, adrede, para elles e por elles. E, com os quaes, sempre que procuravamos qualquer intimidade, era para nos sentirmos desolados.

Ou fosse, porque os senhores biographos dos grandes catholicos exaggerassem demais os traços marcantes das grandes almas, que elles pintavam. Ou fosse, porque, sem exaggeral-os, abstrahissem de toda e qualquer noticia sobre sua contingencia de seres creados, como nós. Ou fosse, porque collocassem os seus biographados fóra do seu tempo, cortando-lhes todos os laços de contacto com a realidade ambiente, com a epoca historica em que elles viveram. A verdade é esta que, candida e sinceramente, vos confessamos: — sabiamos que Ozanam devia ter sido uma alma privilegiada, apenas, porque viamos a sociedade, que elle fundou, interessar-se pela sua beatificação e tanto nos bastava.

Acontece, porém, que, por accaso, perlustrando uma collectanea de parallelos, admiravelmente tem traçados por Terrade entre os grandes genios da humanidade e Dante — com surpresa, exactamente, no estudo comparativo de Dante com Leão XIII — vimos a conhecer que a sala, em que aquelle mesmo estudo era feito, tinha o nome de Czanam.

Nossa primeira surpresa: — a existencia, no “Circulo de Luxemburgo”, em Paris, duma sala com o nome do fundador da sociedade vicentina.

Em proseguimento, dizia Terrade, sentir-se muito á vontade, referindo se a Ozanam, naquelle recinto, não só porque elle era o patrono daquelle nobre ambiente — como e, sobretudo, porque o grande Frederico Ozanam tinha sido um dos maiores cultores das letras dantinas.

Ora, por essa epoca, nada mais nos interessava do que conhecer tudo o que se referisse ao notavel Florentino — na defesa de cujo patrimonio artistico, considerado como da propria Igreja — dizia Terrade, teria Ozanam bradado que “o catholicismo jámais se conformaria com o despojo de suas bellezas”.

Nossa surpresa segunda e definitiva: — Ozanam offereceria, daqui por deante, um encanto a mais, do que aquelle outro já muito superior de medianeiro da misericordia do “Senhor”.

Atraves de Dante, a sombra santa que se estendeu por sobre os dias calidos de nossa adolescencia — approximar-nos-ia de Ozanam custasse o que custasse.

Foi o que se deu

Um novo sendeiro de admiração e de interesse pela sua personalidade extraordinaria, abria-se a nossos olhos avidos de contemplação das bellezas que adivinhávamos, occultas até então, para nós.

Antes, porém, de entrarmos no amagó de nosso estudo — permittit-nos pôr um reparo serio e accentuado, no procedimento de nosso catholicismo nacional, mesmo letrado, no que se refere á maneira delle angular os nossos grandes vultos.

Soffrendo, talvez, o influxo da chapa velha de envolver os heróes do christianismo nas guirlandas duma literatura, cheia de arte, mas vazia de humanidade — esquecem-se os srs. biographos que si, de facto, a economia do espirital é tudo, na vida dos santos, achasse ella, entretanto, condicionada ás leis do Tempo.

Escapa-se-lhes que, primaria e necessariamente, no fundo de cada santo, antes do mais, vive um homem. E, consequentemente, um ser, que, pela sua estructura natural, pela sua organização de natureza, está sujeito á generalidade de todas as leis, ás quaes se acham sujeitos os demais corpos organizados, consistindo toda santidade, por conseguinte, não numa insubordinação a essas leis — e, sim, num dominio, num controle dellas obtidos á custa da pratica incessante das virtudes oppostas ás nossas tendencias desordenadas e aos nossos appetites inferiores.

Até a epoca em que conhecemos, mais de perto, a figura inconfundivel do contemporaneo de Lacordaire, de Montalembert e de Cochin — não suspeitávamos da immensa vantagem de se conhecer da actuação dos santos, como homens de sociedade.

A face temporal de sua existencia era, para nós, como talvez, para vossa maioria, senão inteira, quasi, totalmente, relegada a um plano inferior — erro dos mais lamentaveis e dos mais perniciosos.

Si, como realmente, acontece, a eternidade é o nosso fim — ella tem, entretanto, que ser conquistada no tempo, o unico meio do qual dispomos, para alcançal-a. Este é a tela branca, onde se desenha a realidade de nossos actos, antes de se projectarem na eternidade.

Varando o tempo, como um raio de luz vára uma gotta de orvalho, irizando-a e deixando nella a belleza dos rastros de sua passagem — é que o nosso espirito se abysma nas collinas azues do eterno.

Fazer, portanto, a historia de nosso espirito — desprezando o graphico de sua vibração, a descriptiva de sua travessia, nos limites do

tempo — olhos fixos só na eternidade, como num céu immovel — é mutilar a unidade de sua vida — pelo desprezo de suas refrações mais numerosas

A Causa de Christo tem um interesse inédito, no momento, de dar a conhecer, de pregar aos quatro ventos, em todas as direcções, que a união hyposthatica do Verbo, o mysterio da Encarnação, no profundo das suas profundezas — tem, antes de tudo, depois de tudo, e, acima de tudo, esta significação admiravel: — a santidade, si eleva o homem acima das coisas terrenas, não o desliga da terra, no sentido, por exemplo, em que a morte separa a alma do corpo.

Pelo contrario, é vivendo em cheio a vida terrena, realizando, integralmente, o seu Ser, nas minucias dos designios estabelecidos no plano omnisciente do Senhor — que chegamos á posse da santidade — a qual, por ser obrigação imposta por Deus ao homem, não póde, sem quebra da justiça divina, ser proposta como inalcançavel á fraqueza humana auxiliada pela Sua graça.

* * *

Duas cousas assombram-nos ao estudarmos a alma de Ozanam. Uma é a semelhança exacta entre os seus dias e o momento que o mundo atravessa. Outra, a riqueza extraordinaria dos seus aspectos maravilhosos.

Attenhamo-nos á primeira.

O seculo XIX, já é um logar commum, foi um seculo que, fugindo ao “opio das multidões”, como diria Lenine, referindo-se á religião — foi fallir nos braços duma sciencia tiranizante, a qual correndo sobre os espiritos um velario cinzento de descrença e de scepticismo dissolventes — deu ensejo a que Ollé Laprunne exclamasse com amargura:

“Parece que o mundo se cansou de Christo, e, Christo, parece, que se retirou ou foi vencido. . .”

No marasmo de mil e uma philosophias desencontradas nos seus principios basicos — o que quer dizer no meio de mil e uma concepções diversas da vida — era total a anarchia dos espiritos, da qual deveriam brotar as instituições sociaes do nosso seculo XX — em todos os seus desdobramentos: — politico — moral — religioso.

Ecis bem, si dentro da desordem interior do Occidente, pelos meados do seculo passado, indagarmos onde mais accentuada e mais fervilhante era a ebulição mental da Europa, teremos como resposta: — a França.

Paris vivia um momento serio de hypertensão cerebral. Como

ainda hoje, a "Cidade Luz" era o pharol do mundo. A capital do pensamento.

Atordoado pelas conquistas, verdadeiramente assombrosas da sciencia — e acabrunhado, concomitantemente, pelas consequencias tremendas de aproveitamento de todas as suas applicações praticas — geratriz do desequilibrio economico agudissimo, traduzido no amontoado de injustiças e omissões sociaes, que, ainda hoje, contemplamos — é paradoxal o seculo XIX nas suas attitudes.

Ao lado das deserções surprehendentes dum Lamartine — com o seu "Jocelyu" incluído no "Index" — e dum "Lamennais" com as suas "Palavras de um Crente" — damos com as conversões menos esperadas quaes a desse grande desviado, que foi Lemaitre, o qual

"depois de muito fluctuar pelos pantanos dos erros, aspirando o perfume de todas as flores perigosas que ahi brotam — reconheceu, afinal, no Catholicismo, uma fonte de vida indispensavel á França."

A conversão duma das almas mais torturadas pela duvida systematica — que só adquiriu a fé, após um peregrinar penoso através das mais variadas escolas — num esforço ininterrupto de critica — queremos nos referir ao grande Brunetiére. E como esta conversão, a de Huysman e Coppée, aquella alma simples, que resumiu todo o milagre de sua volta a Jesus, na singeleza desta phrase: "chorei e cri"...

Tal era o ambiente em que a alma vulcanica dum moço de dezeseite annos — iria desabrochar em toda sua vitalidade, para o assombro das maiores cerebrações de sua época.

Não nos precipitemos, porém.

Afirmamos, no inicio, que é extrema a semelhança entre o momento do mundo de hoje e o dos dias de Ozanam. Vamos, agora, marcar-a como um corollario inevitavel e serio da propria anarchia espiritual e philosophica do seculo passado.

Estamos no espasmo daquella crise de espirito que nos antecedeu.

Nosso seculo appareceu sob o signo da cristalização de todos os erros do racionalismo, com o qual Renan chegou até a identificar o proprio Deus.

E esse signo tomou um nome. Chama-se a socialização integral. Socialização da Verdade. Socialização da Vontade. Socialização dos bens.

Todos damos noticia dessa terceira phase da socialização integral. Quer dizer, ninguem lucta com difficuldade para comprehender que a socialização dos bens — a negação do direito de propriedade — o communismo — seja um absurdo.

Pouquissimos serão, entretanto, os que jámais pensaram em que a socialização dos bens é, apenas, o epilogo fatal, o termo natural, a consequencia ultima e inevitavel das duas outras.

A multiplicação ao infinito dos systemas philosophicos, o apparecimento incontavel dos credos religiosos mais variados, a proliferação miraculosa dos messias de todas as idades e de todos os tamanhos, cada um se attribuindo a si, se arrogando o direito de por-se á frente das turbas, parodiando o Christo, dizendo-lhes: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida". . — o brado que tresmalha a humanidade, lançando-a no ridiculo exploravel das mais grosseiras superstições — convencendo-a de que a verdade nada tem de impessoal, nem de objectiva — que cada um póde possuir a sua verdade e pregal-a á vontade... eis como se processou a sua socialização.

A essa primeira succedeu-se a segunda: — a da vontade —, através do suffragio universal egualitario, de criterio puramente quantitativo, postulando o absurdo indefensavel de cada individuo ter o direito absoluto de interferir na marcha dos destinos collectivos.

Combinadas estas duas prerogativas inalienaveis da massa, calcadas na infallibilidade expontanea da sua sciencia e na sacralidade intangivel do seu suffragio, passamos a ver, duma hora para outra, todo o mundo entendendo dos negocios publicos, toda gente dona duma consciencia civica esclarecida — todos, em nome da sociedade, com o direito incontrastavel de dirigil-a e de oriental-a.

Ora, desde que a sociedade consagrou o direito que eu, individualmente, tenho, direito livre e absoluto de pregar a minha verdade. Uma vez que ella me garante, amplamente, a manifestação da minha vontade. Em nome de que principio, poderá essa mesma sociedade podre e condemnada por todos os créditos théo e philosophicos, querer conduzir-me á enxovilha, apenas, porque, nos recessos inviolaveis de minhas tendencias e de meus instinctos inconfessaveis, eu cheguei a descobrir, auscultando o meu egoismo, mais esta verdade minha: "a propriedade é um roubo, ou, "a propriedade não deve existir"? ..

Para ser coerente comsigo mesma, em nome da socialização da verdade e da vontade — ao invés de ser eu apontado como comunista — não deveria a sociedade facultar-me todos os meios de impor o meu novo credo?

Sem duvida. Mas, agora, se trata de coisa tangivel. De bem material. De coisa que se vê. O desfalque é sensivel. Perceptivel a olhos nus. Vae de encontro aos interesses temporaes de cada um.

Paradoxalmente, o egoismo entra em choque com o proprio egoismo. O egoismo, na sua manifestação, por assim dizer, mais

quintessenciada contra o mesmo egoismo mais materializado. O egoismo da verdade e da vontade contra o egoismo dos bens materiaes.

Eis em resumo o nexu intrinseco, a nosso ver, do drama social que sacóde o coração dos homens., conturba a intelligencia do universo e compromette a paz da humanidade.

* * *

E, quando vos dissermos que este estado de coisas de hoje — a fallencia formal do communismo, como doutrina economica do Estado, facto irretorquível, demonstrado pela Russia dos Soviets; quando vos dissermos que, no tempo de Ozanam, todas essas doutrinas mirabolantes, para massa suggestionavel e sem capacidade de analyse, estavam em eclosão, desencapando-se, desembuçando-se, apparecendo no proscenio do mundo, como tentativas duma concretização rudimentar, debaixo da fórmula de verdadeiras Igrejas, como aconteceu, por exemplo, com o Saintsimonismo — comprehendereis, então, que o connexo entre o momento que vivemos e aquelle em que viveu o principal fundador das sociedades vicentinas é o mais estreito e o mais intimo.

E, podemos dizer, sem medo de errar, que data da campanha anti-saintsimonista, a revelação da precocidade genial de Ozanam ao mundo parisiense, muito embora, desde sua infancia escolar tenha elle se revelado uma criança superior, já torturada, “pelo fogo sagrado do bello e as ardencias calcinantes do bem, que lhe requeimavam todo o interior — a ponto de, antes mesmo dos seus quinze annos, já ter podido resumir em volume as suas poesias de motivação historica e biblica, offerecendo-as a seus paes, com uma dupla dedicatória: uma, em latim, para seu pae e a outra, em francez, para sua mãe — sendo difficil distinguir qual das duas linguas elle conhecia mais a fundo e mais perfeitamente.”

Mas, esses primeiros triumphos eram intimos. Não se destinavam ao conhecimento do mundo. Seriam, entretanto, a preparação. bem como o prenuncio de suas victorias definitivas, na campanha interminavel em pról da causa de Christo.

E, Ozanam, além de triumphar, soube triumphar. Sua acção desenvolveu-se inteira entre estes dois polos: o coração e a intelligencia. Na unidade de sua obra poderemos distinguir a sensibilidade prodigiosa de sua alma, da força penetrante de sua razão, mas, não podemos separar os dois elementos.

O coração e a intelligencia nelle batiam no mesmo ritmo, no mesmo compasso. Os movimentos de um e as vibrações da outra, sem se confundirem, se nos apresentam encadeados. Pensou e agiu sem-

pre, com um profundo sentido de **humanidade**; o **quilate maximo** de sua **vida nobre**.

Aos seus dezoito annos, estreava como ensaista, em sociologia, combatendo o **saintsimonismo**, ao longo de cem paginas, mais ou menos, duma monographia intitulada "**Reflexões sobre a doutrina de Saint-Simon**" — ensaio esse, cujas linhas finaes são de uma applicação universal a todas as doutrinas socialistas, e que bem revelam a universalidade de sua cultura:

"A doutrina Saint-simoniana se nos apresenta, como fundamentada no principio da **perfectibilidade humana**, como apoiada num **systema historico**, que os factos comprovariam, em harmonia com as **necessidades humanas**. Ella se annuncia como verdadeira nos seus **dogmas**, profunda e santa nas suas origens, fecunda e benefica nos seus resultados. E a historia a desmente, a consciencia da **humanidade** a reprova, o **senso commum** a repudia. Sua revelação primitiva é uma **fabula**; sua novidade, uma **illusão**; sua applicação, uma **immoralidade**. **Contradictoria** nos seus principios, ella seria desastrosa nas suas **consequencias**, fazendo recuar muito o genero humano na linha do seu **progresso** e de sua **civilização**".

São de um rigor e de um acerto sem restricção essas linhas do nosso grande patrono. Applicam-se á critica hodierna de qualquer das doutrinas que disputam a hegemonia da consciencia historica contemporanea. Explicam, perfeitamente, a admiração entusiasta de Lamartine, o qual, se referindo á glosa que Ozanam fizera de um dos seus conceitos, assim se expressou:

"**Sinto-me orgulhoso** de verificar que um simples pensamento meu, apenas, por vós indicado, vos tenha feito produzir commentarios tão brilhantes. Crede-me, porém, o pensamento era vosso... a minha forma não foi senão a **scentelha** que incendiou a vossa alma.."

O vigor de espirito do novo apostolo estava revelado ao mundo, pela serenidade, pela imparcialidade, pela bondade (sempre o elemento do coração) com que elle soube tratar os **saintsimonianos**, ao longo de suas cento e tantas laudas, as quaes, além dos elogios de Lamartine, tiveram a consagração de Chateaubriand, de Tocqueville e do grande Ampère.

Duas imputações graves faziam os **saintsimonistas** á ordem de coisas reinante na sociedade daquelle tempo:

a) **accusavam** o liberalismo economico de impotente para crear a ordem;

b) **accusavam** o christianismo de impotente para garantir a liberdade.

Pois bem, sem partilhar dos excessos, da seccura de alma com que os liberaes tratavam os transviados; e, sem endossar tambem as fulminações impiedosas, que lhes dirigiam os jornaes do proprio clero legitimista — Ozanam, sabiamente, acceitou o facto que se lhe apresentava: — os seus coevos condemnavam a organização social de seu tempo e, contra ella, queriam reagir de qualquer forma.

Dahi a derivação de sua rebeldia, o extravazamento de sua revolta, engrossando a onda Saintsimonista, a qual, com o seu caracter medieval, o seu culto externo, estava destinada á acolhida da plebe, á adhesão da massa.

Nada, por conseguinte, do egoismo liberal do seculo, que afasta os mentores do contacto com os seus dirigidos. Ozanam comprehendeu, immediatamente, que era necessario acceitar a reacção da massa, como ella se lhe revelava. Descer ao seu encontro. Por-se em contacto com ella. Corrigir-lhe os defeitos pelo ensino directo. Eis o que, para logo, se lhe afigurou de mais pratico e efficiente.

Com a videncia aguda de sua intelligencia cultivada, no estudo especializado da historia e da philosophia — vê-se que, para elle, a solução do problema social teria que se dar ou, por uma approximação voluntaria das camadas, e sem attricto ou pela sua confusão irremediavel e ex-abrupto.

Christianizar o pensamento da massa. Rebaptizal-a, pelo exemplo. Revitalizal-a, pela fé. Animal-a, pela esperanza. Reerguel-a, pelo amor. Eis o sentido, profundamente christão, e, por isso mesmo, profundamente humano dessa sua phrase impressionante a Leoncio Currier: — “eu quizera ver a França envolta num tecido de caridade”...

Ao humanitarismo materialista das doutrinas sociaes que adocelaram o berço do “monstruoso mecanismo da sociedade moderna, industrial e scientifica” — era necessario oppor o codigo da caridade christã.

Ozanam comprehendeu e patenteou essa comprehensão sua em actos, muito antes de Bergson. O que este philosopho moderno pintou com os recursos inexgotaveis de sua prodigiosa associação de imagens, nas linhas abaixo e que o seculo chamaria de propheticas...

...“A experiencia nos mostra, cada vez mais que, dum desenvolvimento tão violento das utilidades sociaes — não poderia resultar, automaticamente, um aperfeicoamento moral dos homens na sociedade, bem como que um accrescimo dos meios materiaes disponiveis, pode trazer consigo graves perigos, uma vez que elle não venha acompanhado dum desenvolvimento espirital correspondente. As machinas, que construimos, são outros tantos órgãos artificiaes que se vêm

ajuntar aos nossos órgãos naturais, prolongal-os e augmentar assim o tamanho do corpo da humanidade. Para continuar a encher esse corpo inteiro, assim augmentado e, sobretudo, para regular os seus movimentos — é, absolutamente, necessario que a alma tambem se dilate. Do contrario, o equilibrio será ameaçado e veremos surgir difficuldades graves, problemas politicos e sociaes, que não serão mais do que a expressão das desproporções entre a alma da humanidade que continua a ser o que era e o seu corpo que cresceu desmesuradamente...”

Ozanam os leu muitos annos antes, na pauta dos acontecimentos de sua época, procurando prevenil-as, que toda a sua obra não é, nem mais nem menos, do que um esforço, no sentido de dilatar ao maximo a vida da alma dos homens em Christo...

* * *

Effectivamente, não encontramos uma manifestação sequer de vida social ou mental, sobre as quaes elle não tenha, numa carta ou noutra, de sua veloz e substancial correspondencia, exposto suas idéas pessoas a respeito.

O articulista, o homem de imprensa, que nelle procure, encontrará os melhores ensinamentos duma ethica impecavel, cujos segredos não occulta e tornam tudo o que elle escreve suavemente agradavel.

Nos seus artigos de combate, ainda sobre o saintsimonismo, que, como dissemos, foram o treinamento inicial de seu espirito militante, elle triumphou, graças, sobretudo, a essa elegancia, cada vez mais rara entre os pamphletarios de hoje.

“Os saintsimonianos — escrevia elle, com uma confiança tocante — são apenas uns transviados. Mas, para muitos, esse desvio da orthodoxia não será mais do que uma curva reintrante, que os ha de reconduzir a ella. E’ o Christo, que elles, inconscientemente, procuram. El a prova é que muitos já se voltam para Elle. E seus braços, como os da Igreja, continuam abertos para todos os demais.”

Comprehendeu e praticou, como ninguem, o que elle mesmo escrevia, a respeito da conducta que o catholicismo deve adoptar, constantemente, no convívio com os nossos semelhantes, para impor á sociedade a sua força moral, aquella sua força catárctica, da qual diz Chesterton, que uma simples mollecua dá para transformar a face do mundo:

“Entre nós (catholicos) deve reinar sempre uma cordialidade íntima e franca: uma especie de fraternidade! Com os outros sejamos todos benevolencia e polidez”.

Só, assim, pela confidencia íntima das alegrias e das tristezas,

que povoam o nosso coração, só no estuar reciproco das almas catholicas, mas em expansões francas e sinceras, é que Ozanam via um meio do... "catholicismo se tornar o ponto central de convergencia de todas as pesquisas de nossa intelligencia e de todos os sonhos de nossa imaginação. . só, assim, desapareceria esse estado vago de nosso espirito, que é o mal moderno, e essa melancolia do coração, que constitue toda a fraqueza e todo o soffrimento da humanidade"...

Fixando qualquer problema, a sua sensibilidade recta e a força do seu grande coração nunca silenciavam. Não conseguiu jámais demarcar os limites dilatados, que elle mesmo adoptou para o amor que devemos ter a Jesus, na figura do pobre, como o vemos, através desta resposta a uma carta de seu amigo Garnier:

"A terra está quasi gelada; a nós, catholicos, nos cabe reavivar o calor vital que já se lhe va extinguindo. Devemos reiniciar a éra do martyrio; pois, existe um martyrio, perfeitamente, ao alcance de todos os christãos.. Ser martyr é dar a sua vida a Deus, a seus irmãos... E' dar sua vida em sacrificio... sacrificio esse que tanto se pôde consummar, duma só vez, como um holocausto... como tambem se pôde consummar, lentamente, ardendo, dia e noite, evolando-se de nosso ser, como o perfume nos altares .. Ser martyr é dar ao céu tudo o que do céu recebemos: seu ouro, seu sangue, sua alma, tudo, integralmente, tudo... E esta offerenda está nas nossas mãos... cada um de nós pôde fazel-a.. "

Linhas de ouro. Linhas eternas, que bem nos mostram quanto falamos de Ozanam e quão pouco conhecemos do seu verdadeiro espirito.

E não se julgue que Ozanam, um minuto sequer, se esquecesse da gravidade dos conceitos, que expendia a seus amigos.

Como advogado, tendo-se decidido a militar na sua carreira, é facil suppor-se quanto teria sua alma candida de soffrer no ambiente habitual de chicanas e de pequenezas, de inferioridades e de baixezas, que é o foro de qualquer paiz e em qualquer época, uma vez que, mais do que em qualquer outro logar, é lá que contra a Justiça investe furiosa a vaga dos appetites, na defesa dos interesses em jogo.

Não occulta elle sua dolorosa impressão, commum a toda alma recta, que se acerca dos tribunaes e constata quanto o espirito de Christo está longe, está afastado das consciencias que pugnam pela defesa, ou, pela condemnação dum réo:

"Não existe causa alguma, por melhor que ella seja, na qual um advogado, dentro da lei, honesto, não consiga descobrir pontos fracos. No entretanto, na barra dum tribunal, é, exactamente o contrario o

que acontece. Ao ouvir o advogado da defesa — o réo, de forma alguma, pôde deixar de ter razão, em todas as suas allegações e pretensões e o adversario tem que ser, necessariamente, um criminoso! E' pungente constatar como os tribunaes já se acham inveterados no habito das invectivas grosseiras, das hyperboles e das reticencias".

Antes de Felix Dantec, um dos corypheus do materialismo, no seu livro o "Egoismo" — já tinha Ozanam apontado, como scena de verdadeira comedia, a defesa dum réo, pelo instituto do jury popular, e, isso porque, patrocinando a causa dum pobre, com o ardor cuja pratica elle aconselhava aos demais, notou o pouco caso com que o conselho de sentença o escutava.

Um outro traço marcante da personalidade admiravel de Ozanam é que, nelle, mesmo as attitudes combativas nada accusavam de semelhante com as de uma supposta independencia de character, que deixa, a perder de vista, os dictames da consciencia.

E' o que deflue do exame, por exemplo, de suas idéas politicas, que merecem a meditação de todos os catholicos e não só dos vicentinos principalmente, nesta hora gravissima que vivemos, em que tudo depende, não daquella independencia imbecil, que, por vezes, nas suas contradicções, nos faz desprezar a sociedade, alheiar-nos do que nella se passa, por não dependermos della materialmente — mas, daquella independencia consciente, resultante do accordo nosso comnosco mesmo, da coincidencia de nossa linha logica de pensamento com a de nossas accões

Vendo nascer a seus olhos e desenvolver o typo da vida catholica, baseada num parallellismo sacrilego entre as sollicitações do Seculo e os imperativos da fé — entre os quaes os catholicos buscavam um meio termo — aquillo que nós mesmos chamamos necessidade de ambientação, acomodação, "modus vivendi" — Ozanam, a quem não faltaram offertas de posição e cargos politicos, nunca se deixou seduzir pelo applauso fugaz das multidões. Nunca se deixou embalar ccm a consagração da plebe, precaria como a direcção dos ventos, — embora, melhor do que elle, o grande philosopho da historia medieval, ninguém soubésse que suas attitudes de consciencia só poderiam prejudicar o sonho de todos os politicos: serem homens da situação. Nada disto, lhe poderia impedir vazar no estylo indiscutivel da verdade incontroversa — ensinamentos, como os que se seguem, e, que parecem escriptos para nós:

"Si a questão, que agita hoje o mundo, em torno de nós, não é

uma questão de pessoas, nem uma questão de formas políticas, mas, uma questão social — si é a lucta dos que não têm contra os que têm demais — si é a cadencia violenta da marcha da pobreza, que faz tremer o sólo que pisamos — nosso dever de christão é nos interpormos entre esses inimigos irreconciliaveis e fazer com que uns se despojem do que lhes pertence, como que, em cumprimento duma lei superior, e que os outros recebam o que lhes couber, como um beneficio — que uns deixem de exigir e os outros de recusar — que a igualdade se verifique entre os homens, no seu mais alto gráo — que a communitate voluntaria substitua o imposto forçado e os empréstimos pesados — que a caridade faça o que a justiça sozinha não conseguiu fazer”.

Ora, por mais que sejam discutiveis essas suas idéas e, mesmo, por mais que se tomem como algo de romantico, não se póde deixar de sublinhar nellas, mais uma vez, o esforço serio, a collaboração irmanada de sua intelligencia lucida com o seu coração requeimante de amor ao soffrimento do proximo.

Melhor do que elle ninguem nos exporia a preliminar terrivel que se nos antolha, em face do desassocego, da inquietação, do desnorteio universaes.

Temos que decidir, antes do mais, si se trata duma verdadeira questão social, ou, de uma questão de pessoas, ou duma questão de ideologias políticas.

E, si no seu tempo, elle devia propor essa premissa — sem, de forma alguma, alterar o seu conteúdo — poderemos substituil-a hoje por essa outra:

— Precisamos, primeiro, nos convencer ante o espectáculo do mundo, que a civilização fundada pelo Christo está em cheque — para, só depois, então, nos decidirmos sobre a directriz a tomar — sobre o meio unico de salvar a sociedade do seu naufragio total e irremediavel, que é, ainda de accordo com Ozanam: “christianizar o povo”.

Effectivamente, na rechristianização do pensamento político dos que dirigem — na rechristianização do pensamento dos que são dirigidos — na eleição de Christo, como unico chefe político, isto é, como unico codificador de todos os detalhes de nossas attitudes publicas — só nos decidindo em face das solicitações do momento actual, pelo indiviçuo A, B, ou, C, depois de, em consciencia, nos havermos decidido em face de Christo — é que se resolverá o problema do equilibrio

entre os interesses do capital e do trabalho, problema, absolutamente, insolúvel pelo methodo das revoluções sociaes...

* * *

Um dos aspectos mais bellos da obra providencial de Ozanam reservamol-o, para expor-vos, finalizando este nosso bosquejo rapido e sem pretensões.

Referimo-nos áquella frescura moça que a sua vasta correspondencia exuda, como as faiscações dum cerebro povoado de mil e um sonhos duma belleza nobre e candida.

Dir-se-ia, á contemplação de seu enthusiasmo, de seu ardor, de sua vibratibilidade, que todo elle era uma mocidade desencarnada, immaterial, uma mocidade espiritualizada.

Um amor entranhado aos moços foi o toque purissimo de sua acção social.

Em 1863, quando, sob a dupla acção ambiente do racionalismo e da onda larga de soffrimentos, que rolava, impiedosa, sobre a França, Ozanam concebeu o plano da fundação das Conferencias de São Vicente de Paulo — cujo centenario de existencia hoje commemoramos — contava elle apenas vinte annos...

Nessa idade, porém, já tinha passado pela agonia dolorosa, pela qual passam todas as almas, que tomam a serio a sua vida interior, conforme elle mesmo o confessou mais tarde, dois annos antes de sua morte:

“No meio dum seculo de scepticismo, Deus me concedeu a graça de nascer na fé. Criança, ainda, Elle me depoz no regaço dum pae christão e duma santa mãe. Meus primeiros conhecimentos sorvi-os nos labios de minha mamã, intelligente e piedosa, como os anjos do céo, aos quaes ella se juntou. Mais tarde, porém, os ruidos do mundo, que não cria, conseguiram attingir-me. Eu conheci todo o horror das duvidas que rugem no nosso coração, durante o dia e que, á noite, voltam para fazer chorar a nossa alma... A incerteza sobre o meu destino eterno não me dava socego. Eu me agarrava, desesperado, aos dogmas sagrados e os sentia desvanecerem-se, esvairém-se entre as minhas mãos... E foi nessa occasião que os ensinamentos dum padre philosopho me salvaram. Elle ordenou e nitidou os meus pensamentos. Eu comecei, desde então, a crer com firmeza. El, tocado dum beneficio tão extraordinario, prometti a Deus votar todos os meus dias ao serviço daquella verdade que serenou os sossobros do meu espirito e me deu a paz”.

Essas linhas commovedoras, pelo seu sentido vivamente humano; esses conceitos affectivos tão singellos e tão convincentes, resumem o episodio eterno da alma moça, abandonada ás tempestades do seu intimo e que, por vezes, se perde, por falta dum apoio moral, dum asylo ás suas dores reconditas; por não encontrar um estuario franco, para aquellas lagrimas, que vertemos para dentro, silenciosamente, sem éco, no crespusculo da fé ameaçada.

O drama de sua alma é cheio de lances enternecedores, que só ella mesma, sabe desdobrar á nossa imaginação, depois de arrancal-os do limbo de suas lembranças, para nol-os confiar através de phrases destacadas, como estas duma carta sua a Materne, um dos seus numerosos amigos:

“Oh! como eu soffri, porque queria ser religioso!... Minha fé não era solida e, no emtanto, eu preferia crêr sem razão do que duvidar... e isso me torturava demais... Cheguei a pensar, por momentos, que acabaria duvidando de minha propria existencia”...

Commentando este entrecho, eis como Baunard o aprecia: “Vejo nelle, com nitidez, todo o homem, integralmente, empenhado nesta lucta: espirito — coração — vontade. O espirito padece a duvida, o coração protesta, a vontade resiste.”

Pois bem, a mocidade do tempo de Ozanam — na sua essencia — é a mesma de nossos dias. Acha-se sujeita ás mesmas contingencias. Exposta aos mesmos perigos. Tem as mesmas necessidades. Precisa do mesmo amparo. Implora a mesma caridade. Merece o mesmo amor.

Todos os erros, que, ha um seculo, se achavam ainda em embryão, hoje se nos manifestam desenvolvidos, franca e abertamente, desabrochados, a se enroscarem nos passos inexperientes de nossa juventude, na sua jornada através dos abysmos que a circumdam.

Si neste momento, em que commemoramos o centenario da fundação desta Sociedade — filha dos sonhos dum pugillo de moços — nos fosse dado scismar sobre as scismas de seu maior fundador, por certo que contemplariamos o seu coração ensombrado daquellas mesmas nuvens, daquella mesma angustia, que lhe fizeram chorar sobre o futuro dos moços, de cuja formação depende o futuro da Igreja.

Nada mais opportuno, por conseguinte, que eu, como medianeiro da mocidade ameaçada de meu tempo, vos implore um pensamento ao menos sobre a sua sorte... Oxalá! esta força viva da Sociedade de S. Vicente de Paulo, tão ciosa dos sentimentos e do espirito de Ozanam, — reconheça ser a mocidade brasileira a pupilla dos seus olhos...

Pois, só assim, conseguiremos um Brasil vicentino, um Brasil para o qual, parece, Lacordaire teria vasado esta phrase programma, que tão justa se adapta ao caso nacional:

“Religião — tolerancia — liberdade civil e liberdade politica...”

BIBLIOGRAPHIA

Lettres du Réverend Père Lacordaire (1893);

Frédéric Ozanam — Mgr. Baunard (1926)

Frédéric Ozanam — Claudio Peyroux (1925)

Frédéric Ozanam — Bernard Faulguier (1913)

Un Catholique Romantique: Frédéric Ozanam — Henri Girard
— (1930)

A Igreja e o Pensamento Contemporaneo — Dr. M. Gonçalves
Cerejeira (1930)

Origines de la Société de Saint Vicent de Paul — D'après les
Souvenirs de ses Premiers Membres. (1920)

La Revolution et la libre pensée — A. Cochin

As Repercussões do Catholicismo — Tristão de Athayde (1930)

Les Espérances Chrétiennes — H. Cochin

A ORGANIZAÇÃO DA FAMÍLIA

HEITOR ANNES DIAS

(Deputado Federal pelo Rio Grande do Sul e cathedratico de clinica medica da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro)

Transcrevemos, a seguir, o discurso proferido pelo professor Annes Dias, em fevereiro de 1934, defendendo a instituição da Família. Assegurada embora na Carta de 16 de Julho, a indissolubilidade do laço matrimonial, e afastados, portanto, os motivos de inquietação da sociedade brasileira em face das investidas tenazes dos seus adversarios no periodo de reconstitucionalização do paiz, contra o instituto basico da nossa estabilidade social, — não deixa de ser opportuna a divulgação desta pagina eloquente e de segura doutrina de uma das mais eminentes figuras de cientista que possuímos.

Para os que ainda em bôa fé duvidam da these catholica sobre a materia, será ella um repositorio seguro de ensinamentos. E para os que acceitam essa these e que, no seio da Igreja de Christo, velaram pela salvação da família brasileira no periodo tormentoso dos trabalhos constituintes, constituirão as paginas que se seguem motivo de justo reconhecimento a um dos mais dedicados defensores da tradição moral brasileira.

O sr. Annes Dias (lê o seguinte discurso) — Sr. presidente, srs. constituintes, é a primeira vez que subo a uma tribuna politica e, com ser de todas a mais alta, impar é a responsabilidade que me assoberba.

Um imperativo ineluctavel, entretanto, me obriga a occupar a attenção de meus pares. No momento em que o Brasil vae traçar a nova norma de sua vida constitucional, o Rio Grande do Sul liberal me faz portador de um appello vehemente á Assembléa Constituinte, no sentido de ficar assegurada á família brasileira a estabilidade de que ella

actualmente goza e que tão largos beneficios vem proporcionando á collectividade nacional.

A longanimidade dos srs. constituintes por certo relevará a insignificancia de minha palayra (não apoiados) para só distinguir através della a intangível sinceridade que me trouxe a esta tribuna.

Meus srs., base e paradigma da sociedade, a organização da família reflecte o vigor moral de uma nação. A solidez dessa instituição permite á sociedade resistir aos embates reiterados e violentos da demagogia infrene ou ás seducções traiçoeiras de ideologias de importação. Argamassada pela Moral que lhe dá rija estructura de granito, ella, por todo o longo desfilar dos seculos, vem constituindo uma das mais fortes barreiras contra a maré montante da licenciosidade que, periodicamente, tenta submergir a sociedade humana.

Varias vezes, na historia dos povos, surgiu e dominou o divorcio, mas os proprios males, deste decorrentes, despertaram sempre a reacção salvadora e essas oscillações nos permitem avaliar o gráo da cultura moral de uma época. Hoje, quando de novo sopra pelo mundo o vento da derrocada social, só resistem ás rajadas demolidoras os povos que ficaram fieis ás suas tradições moraes, evitando imitar a perigosa experiencia do divorcio, tantas vezes demonstrada como nefasta pelo testemunho irrefragavel da historia.

Meus senhores, tal é a questão e tão notavel a sua magnitude que, sobre ella, precisa depor a maior cerebração de que já se orgulhou o continente. E' a voz oracular do grande Ruy que, lapidaramente, proclama: "alterar a substancia do casamento, sagrada matriz da sociedade, é operar uma revolução organica na estructura moral de um povo, e, portanto, deitar a barra muito além das revoluções politicas, factos superficiaes que apenas modificam a forma exterior dos governos."

Sabiamente, e de accordo com o que se observa em varias constiuições modernas, os illustres juristas, organizadores do ante-projecto constitucional, procuraram deixar ahi assegurada a solidez da família brasileira.

Ficou, assim, firmado o grande principio da superioridade do interesse social sobre os interesses particulares.

Pensam alguns que o assumpto cabe melhor em uma lei especial do que na propria lei basica da nação, mas ahi estão as constiuições actuaes de varios paizes a combater essa concepção estreita e obsoleta.

De facto, entre os principios, que devem figurar em uma consti-

tuição moderna, estão indiscutivelmente os que se referem ás garantias do individuo, da familia e da sociedade.

Não é possível estatuir sobre as garantias do individuo sem fazer o mesmo com relação á familia, visto que na defesa desta, mais do que nas prerrogativas daquelle, reside o interesse social.

Proceder de outro modo seria inscrever na carta magna o predomínio do individualismo, criterio perturbador e condemnavel.

Os povos precisam defender-se dos factores da desordem e, entre estes, está o divorcio, como mostraremos.

A questão é das que mais fundamentalmente interessam á sociedade. A sua solução deve ser nacional e, nessas condições, nenhum congresso mais autorizado do que este para deliberar. A nossa missão aqui é, precisamente, a de transformar em leis os anseios de nosso povo.

Postulando, na nova constituição, a estabilidade do lar, attendemos aos desejos da nação brasileira e mostramos a esta que, acima de interesses particulares, collocamos o bem colectivo e, em vez de copiar servilmente leis estrangeiras, nós asseguramos ao Brasil os dispositivos legais que já estão integrados na sua tradição e correspondem a uma sedimentação secular de principios moraes.

Que alguns partidarios ostentivos, e outros disfarçados, do divorcio queiram relègar a questão basica da estabilidade da familia brasileira, para as leis ordinarias com o intuito evidente de aguardar uma oportunidade para golpear esta — é explicavel, mas que os que vêem, na organização da familia, um dos problemas mais sérios de vida de um povo se prestem a esse jogo, não podemos comprehender.

Defender o casamento monogamico, indissolúvel, é um dos compromissos que assumimos com a nossa consciencia e com o povo brasileiro, quando ingressamos nesta Assembléa.

Não ha arranjos, nem conveniencias de occasião que sejam de molde a preterir materia de tão alta relevancia para a nação.

Varias são as emendas apresentadas neste sentido, do conhecimento de todos os srs. deputados e, além de tudo, a questão já foi lançada ao plenário através do ante-projecto.

Não póde e não deve a Assembléa permittir que sob este ou aquelle pretexto, seja subtrahido ao seu exame, á sua apreciação e ao seu julgamento, esse problema tão sério, cuja solução tanto influirá nos destinos da patria.

Sr. presidente e srs. constituintes.

A bancada do partido liberal do Rio Grande do Sul apresentou uma emenda, sob o n. 204, em que, de accordo com o programma do

Partido Republicano Liberal e com o sentir do povo riograndense, pede que, na Constituição Brasileira, fique consagrado o casamento monogamico e indissolúvel.

A monogamia indissolúvel corresponde á natureza da união sexual e attende á sua finalidade especifica. Os sexos têm a sua razão de ser na vida da espécie. "Não está, pois, nos paes, diz Franca, senão nos filhos o porque da sociedade conjugal; sua razão de ser é a prole, sua constituição fundamental será a indissolubilidade que, só, reúne as condições exigidas pela criação e desenvolvimento normal das gerações futuras".

"O casamento monogamico é, social e moralmente, o typo ideal de casamento", disse um dos mais sinceros divorcistas do nosso paiz, Menotti del Picchia. Para Adler "o ideal monogamico é o unico verdadeiro ideal moral"; para o protestante Foerster, a união monogamica indissolúvel é a consciencia de toda a vida social humana, ao passo que o divorcio, affirma Fogazzaro, é um retrocesso para a polygamia, ou, segundo o evolucionista Morselli, uma paralyzação no caminho da evolução humana.

O notavel estadista Th. Roosevelt, estudando os efeitos do divorcio em sua patria, affirmou que esta marchava para o suicidio da raça.

O positivista A. Comte, em nome da civilização, combateu o divorcio e enalteceu o matrimonio indissolúvel.

De todos os lados, pois, os que viram o divorcio em acção, ou o estudaram, proclamam a monogamia indissolúvel como o ideal social e, nesse clamor, ouvem-se vozes de todas as nações, de representantes de todos os credos religiosos e sociaes.

Basta, aliás, que alguém se demore na analyse da evoluçã, humana, através dos ensinamentos da anthropologia e da ethnologia, para perceber, logo e claramente, que acima das opiniões, das theorias, das leis, apparece o facto natural da familia como a expressão mais lidima da sociedade. (Muito bem).

Debalde os pregadores do amor livre procuram fazer crer que a primitiva associação conjugal, precaria e passageira, se diluia na promiscuidade.

Pesch (Tra. di Economia I, pg. 68) refuta tal affirmação, dizendo: "A historia não sabe uma palayra de tudo isto. Nem um só caso se póde demonstrar de nenhum povo em que a promiscuidade genésica haja existido como instituição social reconhecida."

Ao contrario, a historia mostra que o matrimonio é uma instituição de character religioso e de fôrma monogamica (Laneras).

Mesmo aquelles, que se orgulham de uma descendencia simia, são levados a considerar a monogamia como a fórma normal de associação sexual humana, pois o biologista Morselli, insuspeito aos materialistas, affirma que entre os animaes mesmo, alguns Primates apresentam a monogamia persistente, assim o Hylobates, que é um gibbon, o macaco com o qual o homem teria, na sua opinião, mais vinculos genealogicos; monógamo é o Macacus silenus, até á morte. "Qualquer sociologo positivista e naturalista, diz elle, verifica que a união conjugal duradoura, estavel, tende a tornar-se uma prerrogativa zoologica da especie HOMO".

E' em virtude de uma lei biologica que as exigencias naturaes da prole dão á união sexual a sua fórma e regulam a sua duração.

"A formação de um homem, diz Franca, exige por longos annos, a collaboração assidua do homem e da mulher. O que nos animaes era a necessidade physica do instincto, no homem se apresenta com a força moral de um dever. O matrimonio indissoluvél constitue, pois, a lei fundamental da familia humana e tem como funcção principal a transmissão da vida."

Já A. Comte fazia ver que os laços fundamentaes da familia não são ficticios e abstractos, pois se encontram nos animaes com os mesmos caracteres essenciaes e Foerster mostrava que a norma monogamica não é uma instituição artificial que opprime a vida, mas a expressão externa das verdades mais intimas da vida sexual.

Nada exprime melhor esse facto, do que a phrase celebre de Gioberti: "O ciume é a voz da natureza que reclama a monogamia."

Um dos mais exaltados divorcistas patricios reconhece textualmente "que a continuidade do matrimonio é um instincto da espécie e que a união por toda a vida é o ideal para o qual deve tender o aperfeiçoamento".

Ora o divorcio afasta desse ideal porque torna instaveis e precarios os laços conjugaes.

O matrimonio instavel, virtualmente provisorio, não póde realizar as suas finalidades physiologicas, psychologicas e moraes, pois o seu unico sustentaculo é o instincto, ao passo que o verdadeiro amor, absoluto, irrestricto e irrevogavel só póde medrar na familia estavel.

"As virtudes que garantem a estabilidade do lar são as mesmas que sustentam a grandeza de uma nação: dedicação, desinteresse, espirito de sacrificio, energia da vontade, nobreza de caracter, sujeição do instincto aos dictames da razão. A indissolubilidade apresenta-se, diz Rohden, como a escola da perfectibilidade moral do homem, ao passo que o divorcio é a lei do menor esforço moral."

Para Foerster, a família monogâmica constituirá, eternamente, a pedra angular de toda a forma superior de vida pessoal e social.

"Biologica e moralmente, diz Grasset, a dissolução do matrimonio é um mal; o casamento deve ser proclamado scientificamente: uma monogamia livremente consentida e indissolúvel. Sob o ponto de vista biologico o casamento só tem um fim, uma razão de ser — a fundação da família, com todos os deveres, que lhe importam, de formação physica e intellectual e de educação da prole."

Essa família é a sociedade domestica cuja unidade resulta da doação mutua, total, de marido e mulher, e representa a poderosa convergencia de duas actividades, irmanadas pelo mesmo ideal.

Só a noção da indissolubilidade pode realizar a verdadeira vida da família, harmonica e fecunda, pois só ella mostra aos conjuges o character sagrado de sua união e nelles desperta as reservas moraes necessarias á plena finalidade desta.

A indissolubilidade do casamento, diz Lamoignon, garante o Estado e a educação dos filhos: é ella que prende os paes á sua prole e os cidadãos á sua patria; é ella que dá costumes á sociedade e a humanidade lhe deve os seus mais suaves sentimentos." Ao contrario, o divorcio dissolve as familias e, entre os mais extremados divorcistas se acham os que tentam annullar a noção de patria e destruir a sociedade.

Para esses o divorcio é a primeira conquista necessaria, pois a desorganização da família facilitar á da sociedade.

Trinquelague, na Camara Franceza, apontava esse perigo, mostrando que o Estado se forma de familias e tudo o que prejudica estas, ou lhes altera a união, lhes deteriora os sentimentos, ou provoca a sua dissolução, prejudica essencialmente o Estado.

O nosso jurista Carvalho de Mendonça não é menos explicito, quando diz: "admittir o divorcio é destruir a família e, portanto, desorganizar a sociedade". A lei do divorcio constitue um attentado á lei da natureza, pois, ante a realidade do filho, os autores de seus dias jámais deixarão de ser seu pae e sua mãe. Ha ahi, como diz Parides, uma ligação natural e infallivel, e, emquanto a lei não puder realizar o phenomeno pelo qual os filhos legitimos de taes paes deixem de o ser, o vinculo concreto, vivo, que determinou a essencia de seu matrimonio, permanecerá em toda a extensão da sua realidade e com toda a imposição de seus deveres; emquanto esse filho fôr filho, a lei do divorcio não passará de uma ficção legal e um audacioso atropello contra leis e direitos da natureza."

Senhores. A indissolubilidade absoluta dos vinculos de paterni-

dade e maternidade criam a indissolubilidade moral dos conjuges, que sobrepassa a quaesquer leis de occasião, dictadas por interesses individuaes, ou resultantes de conveniencias politicas. E' uma lei vital cuja infracção acarreta desastres certos.

"A criança, na unidade physicamente indivisivel de sua propria vida, diz Franca, é o symbolo vivo da indissolubilidade que, para sempre, deve estreitar os paes na sua unidade moral."

J. J. Rousseau assim emittiu a sua opinião, cujo valor avulta na insuspeição do seu testemunho: "O filho fórma um nó verdadeiramente indissolúvel entre aquelles que lhe deram o ser, uma razão natural e invencivel contra o divorcio."

A razão de ser do casamento, o seu principal fim, é a vida da humanidade.

Quem transmite a vida assume o indeclinavel dever de assistencia ao fiiho; para assegurar-lhe, nas melhores condições, o desenvolvimento physico e psychico e essas condições só podem realizar-se no matrimonio estavel, duradouro, pois, ahí, como mostrou Coulet, se encontram um meio mais favoravel, a dupla ternura e o duplo devotamento, em summa, a reunião de todas as boas influencias para bem formar a intelligencia, o coração e a vontade. A indissolubilidade exerce verdadeira acção pedagogica, mantendo vivo o senso da responsabilidade, disciplinando a vontade, despertando sentimentos de caridade, combatendo o egoismo e dominando os caprichos occasionaes.

Ouçamos, agora, o eminente cientista e sociologo, o illustre constituinte Fernando de Magalhães: "A união sexual dura o tempo exigido pela criação da prole, dil-o o enunciado de uma lei, não dos homens, mas da natureza. A lei natural, pois, formada no interesse superior da espécie, obriga ao homem a união sexual permanente e unica. A monogamia definitiva é a fórma natural da união sexual no homem."

E' ainda do mesmo mestre este argumento de ordem pratica mas de valor psychologico. "No casamento indissolúvel a mulher domina pelo affecto, pelo respeito e pela virtude, que não acabam; no divorcio, ella só póde fulgurar pela belleza, que é fugaz".

Meus senhores. O casamento indissolúvel é, sem duvida, uma escola de educação moral em que os conjuges procuram, no interesse de sua união, reconhecer e corrigir cada um os proprios defeitos, aprimorar os sentimentos, alisar as arestas do temperamento, tolerar impertinencias, supportar uma imperfeição de outro, pelo reconhecimento da sua propria; tendem, assim, aos poucos, para a benefica comprehensão de que a felicidade de um reflecte e augmenta a felicida-

de do outro. Em breve, as nuvens se dissipam e as divergencias calam-se no aconchego do filho, que vae cimentar a união, agora mais necessaria e muito mais facil.

A observação nos paizes divorcistas já mostrára que as probabílidades de divorcio diminuem com a duração do casamento, o que constitue forte argumento contra o divorcio e demonstra que esse resulta, antes de tudo, da indisciplina moral.

Considerações de outra ordem levaram o emerito jurista Clovis Bevilacqua á defesa da indissolubilidade matrimonial: "Como os interesses que se regulam pelo casamento não são transitorios, como não são apenas dos individuos que se unem e sim, tambem, da sociedade e dos filhos, como esses interesses são permanentes porque a familia é de natureza permanente, a perpetuidade do vinculo matrimonial traduz, com felicidade, a relação criada por este concurso de solicitações diversas, egoistas e altruistas, harmoniza e equilibra os impulsos da liberdade individual, que não quer limitações e as necessidades sociaes, que as impõem em beneficio da collectividade, da próle e tambem dos proprios conjuges, para os quaes a dissolubilidade é, muitas vezes, um incentivo para a dissolução".

Meus senhores. — A reprovación absoluta do divorcio é imposta pelo bem social, sem duvida muito superior ao bem estar desta ou daquella pessoa.

Não desconhecemos a existencia de casos de infelicidade conjugal, de situação verdadeiramente dolorosa, que nos confrangem o coração, mas que não devem perturbar a nitida visão do conjuncto deste problema social, seguramente um dos maiores, por ser vital, para a collectividade humana... Coefficiente de risco, ou de erro, inherente a todos os empreendimentos, e resultante das proprias imperfeições humanas, essa infelicidade será tanto menos frequente quanto mais perfeita, na sua organização, e mais cercada de cuidados na sua preparação, fôr a sociedade conjugal.

A certeza da indissolubilidade, a noção do contracto vitalicio, o balanço das responsabilidades a assumir, a comprehensão clara da finalidade a realizar, serão, indubitavelmente, factores valiosos de uma boa escolha entre os nubentes.

Ao contrario, a certeza de poder esquivar-se facilmente ao compromisso assumido, o acicate da curiosidade, a obediencia irreflectida ás impulsões do instincto, a noção de quasi irresponsabilidade, o individualismo infrene sobrepondo-se á finalidade social, — multiplicam seguramente os motivos de conflictos, mantêm e agravam dissidios existentes, despertam ressentimentos e odios e, aos poucos, en-

fraquecem os esforços de mutua adaptação, crestando-se, então, os ultimos restos de um amor precario.

A lei do divorcio, por sua simples existencia, perturba a vida da familia e da sociedade; ella cria a suspeita entre os conjugues, desperta e exalta o egoismo, deturpa a finalidade do matrimonio, compromette a natalidade, multiplica as divergencias, cultiva o instincto, sobrepondo-o aos sentimentos mais nobres, despreza os filhos, apaga a noção de responsabilidade, permite fugir dos reclamos da moral, destróe a familia e lança a sociedade no caminho da dissolução. Os seus proprios partidarios consideram o divorcio como um mal, mas, inspirados na lei do menor esforço, o julgam inevitavel em casos especiaes.

Confessam, assim, que propõem um mal geral para combater males particulares, o que corresponde a subverter a ordem natural. Além disso, o divorcio provoca o divorcio, pois onde existe tende a multiplicar-se.

Elle foi proposto para sanar e prevenir os máos casamentos, e, no emtanto, as estatisticas todas mostram que o numero destes, isto é, de casamentos que reclamam o divorcio, augmentou rapidamente depois da applicação do remedio que devia evital-os.

Este facto lembra a recente catastrophe de Lubeck, em que, de boa fé, por engano, com o intuito de immunização contra a tuberculose, dezenas de crianças foram inoculadas com uma vaccina, que se suppunha preventiva, mas, de facto, era uma cultura de germens da-quella molestia; as crianças inoculadas morreram tuberculosas. O divorcio é a pseudo-vaccina preventiva dos máos casamentos: logo que é applicada os máos casamentos se multiplicam. A lei do divorcio falla, assim, completamente ao seu objectivo; é uma lei de morte social.

Ha, no emtanto, alguma coisa mais grave: é que essa lei como bem faz resaltar o illustre publicista patricio J. L. Santos, constitue apenas um incidente de tactica em uma campanha mais vasta. Bem se póde affirmar que a lei do divorcio encobre o germen do amor livre.

Toda a vez que proposta, ella é apresentada como medida excepcional, só applicavel em casos muito especiaes, raros, mas, desde que é votada, o disfarce cae e os seus apologistas procuram estender cada vez mais a sua applicação. Os casos especiaes multiplicam-se e o abuso não encontra mais limites abalando, então, em seus fundamentos, a organização da familia e da sociedade.

Tal é a experiencia viva e indiscutivel em todos os paizes divorcistas, tal se devia, aliás, esperar pois, como diz Rohden, não ha lei,

nem magistrados, capazes de conter o divorcio nas fronteiras de alguns casos objectivos.

As ideologias extremistas começam sempre disfarçadamente, a solapar a sociedade. Certas dellas constituem a ultima etapa da campanha divorcista que, a principio, se apresenta discreta, propondo-se refazer os lares infelizes, assegurar o direito á liberdade e á felicidade e, nesse sentido, agir excepcionalente. Logo, porém, passa do divorcio excepcional ao divorcio por mutuo consentimento, ao divorcio por tudo e por nada, até chegar ao amor livre, marcas extremo e definitivo de tal ideologia. Terá, então essa lei conseguido destruir a familia e poderá, assim, mais facilmente, dissociar a ordem social.

Reconhecemos que muitos dos que se batem pela implantação do divorcio, procedem levados por bons sentimentos, enganados que estão sobre o verdadeiro alcance desse terrivel veneno social.

Agem estes sob o influxo de um sentimentalismo que não divisa, atraz do interesse individual prejudicado, um grande bem social a salvaguardar.

Detenham-se elles na apreciação do conjuncto desta questão, analysem as lições da historia, avaliem a repercussão na vida social, tenham em vista o valor das leis moraes e os supremos interesses da collectividade e, estou certo, rectificarão o julzo precipitado, que fizeram em um assumpto de tão alta relevancia social.

Alguns desses divorcistas sinceros, que ainda acreditam nas virtudes do divorcio-remedio em casos muito particulares, lamentam a extensão que este tomou em certos paizes; um delles, entre nós, acha que as leis do divorcio norte-americanas produzem a libertinagem, admittindo assim que, quando a lei divorcista se amplia, determina a dissolução dos costumes. E' o testemunho de um divorcista contra o divorcio pois, sempre e em toda a parte, esta começa como lei de excepção, que é logo dilatada pela multiplicação dos motivos que o procuram justificar.

Sr. presidente. Ninguém pode deter a dissolução da familia desde que o afrouxamento dos laços moraes lança o matrimonio nesse plano inclinado que é a lei do divorcio.

O grande paladino dessa campanha funesta, Naquet, ao defendel-a em 1884, na Camara Franceza, dizia que o numero de divorcios poderia ser elevado nos primeiros annos, mas decresceria logo até ficar estacionario. Vale a pena lembrar um trecho deste discurso para que bem se possam avaliar os sentimentos que dictaram, então a campanha divorcista: "se chegardes a demonstrar-me, dizia elle, que, estabelecido o divorcio, teremos contribuido para corromper os nossos

costumes e augmentar o numero de familias que se desunem; que, a pretexto de devolver sua liberdade a um certo numero de esposos, vamos, pelo contrario, privar dessa união, que é o maior beneficio da vida, a um grande numero de esposos agora ainda unidos; se me demonstrardes isso estareis autorizados a concluir contra mim."

A lei do divorcio foi promulgada e a dolorosa experiencia, desde então até agora, proporcionando a Naquet a tragica demonstração pedida, mostra que a lei sinistra vae numa progressão crescente, devastando os lares e corrompendo os costumes. Em 1884 o numero de divorcios foi de 1.657, trinta annos depois, só no anno de 1913, esse numero foi de 16.335. Que diz Naquet deante do estendal de desgraça que a sua lei provocou?

Em seu livro "Vers l'union libre", á pag. 25, diz: "vemos a criminalidade crescer ou, ao menos, não decrescer; vemos os divorcios e as separações augmentarem rapidamente em todos os paizes e os suicidios seguirem uma progressão crescente parallella á primeira... Na presença de taes factos, alguns, e nós somos deste numero, alegrem-se..."

Em 1911, na "Bataille Syndicaliste" elle descobre seu objectivo: "A familia privada é certamente um dos maiores obstaculos ao progresso". Em seu livro "Religion, Propriété, Famille" declara que o "casamento é attentatorio da liberdade, uma causa de degeneração para a especie, uma instituição de vicio, miseria e morte."

O divorcio já não lhe basta, é preciso arrazar a familia. E' o que succede com os toxicos entorpecentes: as primeiras doses precisam ser augmentadas; a principio, é o prazer, depois o embrutecimento...

Ao pregar o divorcio, Naquet affirmava que este não comprometteria a união da familia, e para embair os ingenuos, disse ser esta o maior beneficio da vida. Votada a lei maldita, desfeitos milhares de lares, desarvorada a familia, elle se regosija e, deixando cair a mascara, prega a união livre que é o supremo objectivo do divorcio.

Srs. constituintes. Vêde qual é o verdadeiro sentido dessa lei, estampado na dura experiencia dos outros povos e evidenciado pela lição da historia. Poupaé ao Brasil essa enxurrada de crimes que vemos praticados, em outros paizes, em nome de uma lei anti-natural e criminosa.

Sim, sr. presidente, é uma lei criminosa...

O sr. Costa Fernandes — Criminosa e immoral.

O sr. Annes Dias — ... porque, como mostrou Parides, "ella foge á razão das leis, para chegar a sancionar e premiar um delicto individual, com menoscabo da justiça e da equidade social. E' insen-

sato que os erros ou deficiências, ou excessos e vícios particulares, tenham direito legal de perturbar as bases da harmonia e da estabilidade sociaes."

E' uma lei anti-natural porque, havendo um antagonismo, certo e irreductivel, entre o divorcio e a prole que é a propria razão de ser da união conjugal — essa lei subverte a ordem natural, sobrepondo aos interesses legitimos da prole e da familia, as paixões individuaes desencadeadas.

"O divorcio estabelece o primado anarchico do instincto sobre as exigencias imperiosas da consciencia" (Franca).

Elle é um seguro dissolvente da familia, pois, na mulher, diminue o affecto á maternidade, e o proprio amor materno, infiltra a suspeita do abandono e destroe o espirito de sacrificio; no homem, installa a primazia do instincto, insinua a idéa da libertação do dever e desespera a reacção contra as leis moraes; no filho, accorda revoltas mudas e profundas, provoca odios incoerciveis e cresta, em seu desabrochar, as suaves illusões da idade innocente.

A irreparavel destruição da familia é um facto cuja gravidade parece escapar mesmo aos divorcistas sentimentaes, que não percebem ser por um sentimento de justiça que não se pode sacrificar a felicidade da familia e da sociedade, para satisfazer os desejos deste ou daquelle conjuge, de recuperar uma ventura perdida.

Força é preferir, disse Esmeraldino Bandeira, os naufragios solitarios, de conjuges infelizes ao naufragio maior e colectivo da familia.

A simples existencia da lei do divorcio concorre para diffundir e agravar a infelicidade conjugal e para comprometter o bem estar social, pois, como diz L. Franca, a familia, deslocada da sua posição natural de equilibrio estavel, entra a vacillar, á mercê das fluctuações politicas, das combinações partidarias, etc.

Ahi estão os paizes divorcistas, em que essa legislação varia, modifica-se, amplia-se; algumas vezes até dentro do mesmo paiz, como succede nos Estados Unidos, cada Estado tem a sua lei, cujas consequencias vão apparecer nas estatisticas, que, se em certos Estados, mostram os divorcios na proporção de 15 0/0 com relação aos casamentos, em outros revelam uma cifra de 40 0/0 e mais. No Estado de Nevada, em 1923, houve mais divorcios do que casamentos: 1.029 divorcios e 1.012 casamentos!

Um estudo dessas estatisticas officiaes permite verificar que as razões de divorcio, mais frequentemente allegadas, não são precisamente as que formam o leit motiv da propaganda divorcista, como a

loucura de um conjuge, a impotencia, as condemnações a penas infamantes etc., que fazem o lastro dessa literatura rica em descrições de tragedias conjugaes, provocadas por aquellas causas, que reclamam a medida salvadora do divorcio

Ao contrario do que proclamam os paladinos divorcistas, não são aquelles desgraçados que vão tirar proveito da lei, pois na quasi totalidade (mais de 90 0/0) dos 180.853 divorcios decretados, nos Estados Unidos, em 1926, os motivos foram culposos, por transgressões da moral domestica, assim distribuida: crueldade, 38,5 0/0; abandono do lar, 31,8 0/0; adulterio, 9,3 0/0; descuido de provisões, 4 0/0; embriaguez, 1,5 0/0.

Taes resultados, consignados em documentos officiaes, ao mesmo passo que proclamam a extensão dos maleficios do divorcio, mostram a iniquidade dessa lei que outorga aos criminosos o direito de continuarem a sua obra devastadora.

Em todos os paizes divorcistas quadros semelhantes se apresentam.

Na Inglaterra, o divorcio foi instituido em 1857 e começou a demolição dos lares, apesar da consideravel resistencia opposta por uma secular tradição de moralidade.

O grande Gladstone, que em vão se oppoz á lei nefasta, exclamou: "com carvão e não com giz deverá ser escripto, nos fastos da Inglaterra, o dia em que a lei declarou dissolvel o matrimonio."

Em 1878 escrevia elle: "passados 21 annos, com pesar verifico que a minha convicção sobre o valor destes argumentos e destas previsões é tristemente confirmada pelos effeitos perniciosos produzidos por aquella lei sobre a moralidade conjugal do meu paiz."

Em 1890, ainda vivo, Gladstone escrevia ao professor Gabba: "de-sejo-lhe o melhor exito no empenhõ de afastar da Italia esta calamidade religiosa e social dos segundos matrimonios que se seguem ao divorcio."

A Italia, para felicidade do seu povo, repelliu a innovação demolidora, mas na Inglaterra o divorcio continuava sua marcha destruidora e a proporção de divorcios, sobre mil casamentos, que, em 1901, era de 1,9, passou em 1926 a 9,1, isto é, quintuplicou.

A França fez duas vezes a terrivel experiencia, em 1783 e em 1884.

Na primeira phase, a revolta contra o divorcio alçou-se dentro da propria Convenção Nacional, onde o deputado Mailhe exclamou: "nunca será demasiado cedo para pôr um dique á torrente de immoralidade que rolam estas leis desastrosas."

“Nada mais contrario á moral e á sociedade”, dizia Villers.

Haverieis de fremir, disse Favart, se vos desenhasse o quadro fiel das victimas que a libertinagem e a cubica multiplicaram na França, em nome de uma lei que tinha por objecto fazer mais feliz e respeitavel o casamento. Urge pôr freio a esta depravação.

Fôra difficil imaginar, diz Regnault de l'Orme, quanto o divorcio favorece a leviandade e a inconstancia dos esposos, excita a libertinagem e devassidão e contribue para a corrupção dos costumes.”

Na segunda experiencia, inaugurada em 1884, o numero de divorcios que, nesse anno fôra de 1.657, attingiu, em 1913, a cifra de 16.335.

Na França divorcista houve, em 1921, 32.472 lares destruidos, ao passo que, no mesmo anno, na Italia, não divorcista, houve apenas 1.399 lares separados. Como se vê o progresso da França é manifesto, e Fliche, do “barreau” de Paris, pôde dizer, em 1928 “a desmoralização causada pelo divorcio é cada vez mais profunda; nós o averiguamos todos os dias na pratica judiciaria.”

Na Allemanha, até 1914, a cifra média annual de divorcios era de 9.152; em 1925, é de 35.451.

Dispensavel é, sem duvida, proseguirmos nessa demonstração de que o divorcio multiplica os lares infelizes e desencadeia males de toda ordem, sobre os paizes cujos legisladores não quizeram, ou não puderam comprehender que a lei do divorcio é criminosa e attenta contra as leis naturaes.

Sr. presidente, srs. deputados:

O casamento é um contracto civil e, portanto, rescindivel, dizem os divorcistas. Foi na Revolução Franceza que, em nome da liberdade individual se procurou fazer do casamento um contracto civil, passivel de rescisão.

Dois erros marcam essa implantação do divorcio. Erro, o de conferir-se predominio ao direito individual, em uma questão essencialmente social; erro, o de considerar-se o matrimonio como um contracto civil igual aos demais.

Já Savigny, considerando que as obrigações, em geral, são de ordem temporal e as relações de familia persistentes, vê no matrimonio uma relação extra-contractual.

Cambaceres fazia notar que, nesse contracto, os filhos são terceiros interessados e o poder civil, diz Portalis, ahi intervem representando o filho a nascer, unico objecto social do casamento, e o faz no sentido de lhe garantir a educação, o estado civil, um patrimonio.

Essa terceira pessoa é a propria razão de ser da união social das

duas outras, o que faz com que este contracto entre tres não possa ser rompido por um, ou por dois, com prejuizo do terceiro.

Nas sociedades ordinarias, commenta Coulet, estipula-se por si; no casamento estipula-se por outrem.

Os divorcistas proclamando a identidade do casamento e dos demais contractos civis, esquecem que aquelle representa uma instituição natural, moral e social, superior ao individuo e ás oscillações de sua vontade, ou de seus caprichos, pois é contractado no espirito de perpetuidade.

Mesmo no ponto de vista do direito natural, o contracto matrimonial não é assimillavel a um contracto ordinario; as obrigações que impõe, diz Coulet, são de natureza tão intima e delicada, tem repercussões de ordem physiologica e moral tão profundas e secretas, suppõem sentimentos affectivos tão penetrantes e delicados, acarretam taes responsabilidades, quer quanto aos conjuges, quer sobretudo quanto á próle que, já por esses titulos, o contracto, que as faz nascer, se separa nitida e radicalmente de todos os outros.

E os filhos, commenta Parides, entram pela lei natural, e com toda plenitude de seus direitos intangiveis, a formar parte integrante da sociedade conjugal que, ao procriar, se transforma, moral e juridicamente, e toma o nome de sociedade domestica, ou familia, com reciprocos direitos e deveres. Não é humano, nem racional, não é licito, celebrar um contracto de que surgem deveres e gravames, se não se acceitam todas as suas consequencias essenciaes. Quando este contem obrigações perpetuas, é impossivel admittir que semelhante contracto, uma vez celebrado, livre e espontaneamente, possa ser dissolvido e sua natureza destruida pela simples vontade dos que acceitaram sua razão de ser e suas consequencias.

O matrimonio é um contracto de mutua doacção; com esta, a coisa dada desapparece para o doador. Aqui a devolução do recebido esbarra em uma impossibilidade pratica, pois este mudou de condição e tambem de apparencia; transformou-se, ou desappareceu, a integridade pessoal, isto é, o conjuncto de qualidades physicas e moraes que forma a entidade social e pessoal humana.

Essa transformação é, para a mulher, profunda e definitiva; o matrimonio importa no sacrificio de sua graça e de seus thesouros virginaes, que só se compensam com a majestade da esposa e a aureola da maternidade, compensação que o divorcio destroe, ao denunciar e sancionar que esse lar é indigno de existir.

Não é o mesmo o solteiro, que o divorciado; não é igual uma donzella á mulher lançada á rua pelo divorcio.

Pode refazer-se um contracto, diz Millet, mas não se refaz a virgindade; pode rasgar-se um contracto, mas não se quebram os laços de sangue; como poderá a lei romper brutalmente a obra indissolúvel da natureza?

Sob o ponto de vista do direito natural, acrescenta Coulet, é preciso ver que sómente a finalidade de uma instituição pode especificar-lhe a natureza e determinar sua lei; a questão não está em saber o que os particulares põem no contracto, mas o que exige delles a instituição na qual entram por esse contracto especial.

Morni censura a incuria dos legisladores que consideram o casamento como um simples contracto, abstrahindo de sua função, que é perpetuar a raça, e Lefebvre, professor de Direito, em Paris, entende que o matrimonio não pode ser reduzido a um conjuncto de obrigações convencionaes.

Os que o assimilam a um simples contracto baseam-se no facto de serem communs, a este e ao casamento, certos elementos genéricos (consentimento mutuo, transmissão de direitos, etc.), mas esquecem que ha differenças especificas, essenciaes, irremoviveis, que afastam irretorquivelmente a noção de identidade.

Quem quer que aprofunde a analyse da questão, verá que o matrimonio constitue um contracto "sui-generis", differente de todos os outros, pela sua razão de ser, pelas condições de sua projecção social, pelas consequencias particularissimas que lhe serão inherentes.

Um simples contracto civil depende totalmente, quanto á sua existencia e á sua natureza, do aprazimento dos contrahentes, sendo, pois, um contracto positivo, ao contrario do casamento, cuja natureza é anterior e superior ás vontades individuaes, o que lhe confere o character de contracto natural, que só depende dos contrahentes quanto á sua existencia, mas que dellas independe quanto á sua natureza.

"Anteriormente ao acto que une os esposos já existe a familia, como um facto natural, com uma finalidade propria, que se impõe aos nubentes; elles unem-se para continuar a raça; não permutam, ou promettem, acções isoladas, mas communicam as suas pessoas, em vista de uma pessoa futura e, como só a pessoa é racional, e moral, accentua Franca, o fim do casamento é perpetuar a intelligencia e a moralidade do mundo. Este fim natural impõe aos conjugues um complexo de deveres e direitos que não podem ser modificados sem que se perverta a essencia do casamento, entre esses deveres está a indissolubilidade, a união para toda a vida... No contracto civil positivo não preexiste, na ordem natural das coisas, nenhuma exigencia á qual necessariamente devam conformar-se as partes contrahentes. Sua fina-

lidade é realizar um bem contingente dos contractantes que, para isto, lançam mão dos meios que ficam á sua disposição. A solubilidade do contracto civil, pelo dissenso mutuo, é um corollario de sua natureza especifica; transportal-o para o contracto natural é inferir illogicamente de uma especie para outra." (Franca).

E' vencedora entre os juristas, a doutrina segundo a qual escapa a esta lei escripta sobrepor-se ás leis naturaes. Simonnet, professor de Direito, em Nancy, affirmou em 1930: "Já não ha jurista, creio eu, que ainda considere o matrimonio como uma situação estritamente contractual".

Vigliani, Foschini, Morin, Pisanelli, Lefebvre, Canni, Salandra, Gonnot, Fiore, Monsaldi, Tanon, etc., pensam dô mesmo modo.

O proprio divorcista Zanardelli diz: "Bem longe de nós, como do espirito juridico das modernas legislações civis a velha idéa do matrimonio considerado como contracto. São evidentes, para nelles insistirmos, os termos de differença entre o matrimonio e qualquer contracto. Commum pode ser a forma extrinseca, a união dos sentimentos; diversa é a causa, o objecto, a relação de continuidade que liga os presentes aos futuros e, na solidariedade dos conjuges, assegura preventivamente o direito de prole, cujo bem estar exige muitas vezes o sacrificio dos paes".

Blanchi (Cod. Civile I, pg. 68): "a doutrina contractual e individualista do matrimonio passou... Della se valem ainda, pela sua grosseira mas evidente e nitida simplicidade, os comedigraphos, romancistas e publicistas, mas, entre os juristas, pode dizer-se que não ha mais quem a admitta".

Gianturco: "A organização da familia entende com os mais altos problemas moraes, sociaes e politicos que os fautores de reformas inconsideradas, especialmente do divorcio, não mostram sequer haver comprehendido."

Gounot, outro jurista eminente, com grande clareza expõe o estado actual da questão: "O casamento é ordenado a um fim superior ás vontades individuaes e aos interesses particulares. Seu destino natural não é criar entre dois seres obrigações pessoases que se sirvam mutuamente de causa, nem dar origem a uma situação contractual cuja manutenção seria subordinada á execução dos compromissos reciprocos dos contractantes, mas dar nascimento a uma familia nova, assegurar a procriação e educação dos filhos, salvaguardar, na ordem, a perpetuidade da grande familia humana.

As leis, portanto, que regem o matrimonio são dictadas por uma

finalidade superior, não são clausulas tacitas de uma convenção individual."

Ahi já transparece a doutrina das instituições criada pelo direito moderno, que condemna a theoria precipitada e erronea que faz do casamento um simples contracto civil.

A instituição preexiste ao consentimento, é permanente e tem por fim um bem de interesse colectivo; formada por um organismo hierarchizado, ella, no interesse geral, submete as vontades individuaes e os interesses particulares, tornando-os solidarios, synergicos, convergentes.

O simples contracto civil, ao contrario, é o regime da concurrencia entre interesses particulares, visa um fim contingente e não tem o character essencial de permanencia.

Já na ultima edição do Tratado de Direito Francez de Planiol, diz Rouast: "A unica concepção que corresponde á realidade das coisas é uma concepção mixta: o casamento é um acto complexo, ao mesmo tempo, contracto e instituição".

Assistimos, pois, á fallencia da doutrina do contracto civil, unica base racionalizada sobre que se apoiava o divorcio.

Sr. presidente e srs. constituintes.

Em varias épocas, a campanha divorcista obedeceu a outro motivo, geralmente occulto atraz de fórmulas juridicas ou de declarações dos direitos do homem.

Refiro-me ao motivo religioso: o divorcio é defendido porque o catholicismo o condemna.

Essa orientação parte de um presupposto falso, que vê na indissolubilidade do matrimonio uma criação da Igreja Catholica, quando é certo que esta apenas reconheceu e consagrou o facto natural já existente e o defendeu em beneficio da sociedade humana.

Não recorremos a quaesquer argumentos religiosos na nossa demonstração, pois estes se fazem desnecessarios, tão fortes e decisivos já são os de ordem juridica, moral e social.

De pouca monta são os demais esteios do divorcio, que não resistem a uma analyse séria; para terminar, entretanto, estas considerações, estudaremos os dois argumentos que, mais frequentemente, são invocados e enaltecidos.

Um, repetido por todos os inimigos da indissolubilidade, vem assim enunciado no mais recente dos nossos livros divorcistas: "São os conjuges tarados, viciosos e criminosos que provocam a necessidade hygienica e moral do divorcio". (M. del Picchia, 1933, pg. 132).

Ora, libertando o divorcio os dois conjuges, vae a lei dar a esses

tarados, viciosos e criminosos, carta branca para fundarem novas famílias, para a constituição das quaes só poderão levar as suas taras, os seus crimes e os seus vícios.

Em vez de punir esses criminosos e viciados, a lei divorcista lhes dá a autorização de repetirem o mal que motivou o divorcio. Que bella conquista da eugenia!

E chama-se a isto estabilizar a familia!

Approveitando os proprios argumentos divorcistas, e confrontando-os com os resultados das estatisticas, que mostram invariavelmente o augmento progressivo do numero de divorcios, desde que a lei é promulgada em qualquer paiz, — chegaremos a uma conclusão interessante, sem duvida inesperada e cruel para os divorcistas. De facto, se a dissolução do casamento é devida ás taras, aos vícios e aos crimes de conjuges, é forçoso convir que a implantação do divorcio augmenta o numero de tarados, criminosos e viciados, pois o numero de divorciados cresce assustadoramente.

Sr. presidente, srs. constituintes:

O outro argumento é assim exposto: “O divorcio foi adoptado por quasi todos os paizes civilizados, sendo o Brasil um dos poucos que ainda não gozam dessa medida liberal”. Ha ahi duas questões a considerar:

1ª) Aconselha-se a adopção de uma medida de tamanha repercussão social, porque outras nações a adoptaram, sem indagar se as condições brasileiras a indicam;

2ª) O divorcio é apresentado como um indice de civilização adiantada.

Ruy Barbosa, a proposito de uma tentativa já aqui feita em 1900, fulminára essa manifestação de mimetismo: “Sentimo-nos felizes, dizia elle, em ter, graças a esta circumstancia, ensejo de contribuir com alguns elementos persuasivos para fortalecer no espirito dos nossos conterraneos a repugnancia a uma instituição que, entre nós, com pouco mais conta de admiradores que um estreitissimo grupo de interessados na innovação e alguns homens de letras cuja cultura abstracta confunde o Brasil com a França, a Allemanha, os Estados Unidos...

Esqueciam os entusiastas da reforma a autoridade capital no assumpto: — “o sentimento da nacionalidade cujas instituições mais venerandas se tratava de mudar. E' máis sério tocar na Familia do que no Estado. Neste a politica, frequentemente usurpa os direitos do povo, mas, no que diz respeito áquella, o legislador se não perdeu o

juízo, ha de consultar os sentimentos da sociedade e governar submisso á maioria”.

Vamos ao segundo item: o divorcio foi adoptado por quasi todos os paizes civilizados, logo é um indice de progresso, de uma civilização mais alta.

Quem assim concluir mostrará que desconhece a historia dos povos, pois nem o divorcio é uma conquista da civilização, nem é uma novidade, nem exprime um mais alto gráo no progresso de uma nação.

Instituição que corveja em todas as épocas de decadencia moral, o divorcio surge e desapparece na historia, periodicamente, conforme predomina a dissolução dos costumes, ou se levanta a reacção, que essa desperta pelos males accumuladós.

“Na época da decadencia de Roma, diz Clovis Bevilacqua, o divorcio tornou-se uma epidemia, afrouxando os laços da familia, pervertendo os costumes, dissolvendo a sociedade”.

Na França, a lei do divorcio foi votada pela primeira vez a 22 de agosto de 1793, dois dias depois que, ao assumir a presidencia da Convenção, o sanguinario Robespierre queria enviar para a guilhotina os jornalistas “como homens estipendiados pelo inimigo e destinados á tarefa quotidiana de calumniar o povo e os patriotas. Urgia, dizia elle, cair sobre esses individuos odiosos”... cumpria abolir todas as formas de processo, não admittir senão uma pena: a morte, e applical-a ipso-facto”.

“Eis, diz Ruy Barbosa, as inspirações, o programma da grande Assembléa. E foi sob a essa obsessão, nessa atmospherá, entre os carneiros desse matadouro, que, dois dias depois, ella dava á luz a sua reforma de divorcio.”

Ha um trecho dos irmãos Goncourt que relata os beneficios sociaes dessa reforma: “Para que na historia da humanidade um povo dê o exemplo de todas as anarchias, uma lei de anarchia desordena, sob o Directorio, a sociedade domestica, a lei do divorcio.

Coisas, espiritos, tudo vacilla, fluctua, e o proprio lar, deste mundo sem amanhã, se torna precario e passageiro...

O marido corre dos braços de uma aos da outra, buscando na esposa uma concubina, procurando nas reduplicadas nupcias, a saciação do appetite, convertendo a virgem num objecto de especulação sensual.

O casamento? A que o reduziram? Uma locação rescindivel de semana em semana, de noite a noite...

Divorciavam-se por uma ausencia de seis mezes, divorciavam-se por opposição de temperamentos, divorciavam-se por nada. Casam para divorciar-se, descasam para se recasar, sem que o homem tenha já-

mais o ciúme do passado, sem que a mulher lhe sinta o pudor. De modo que, ao parecer, o matrimonio destes tempos adoptou por modelo as coudeirarias, onde na padreação se procede por ensaios... A França já não é mais que um vasto lugar de prostituição."

Srs. constituintes. Eis o quadro tragico, a catastrophe immensa desencadeada por uma lei que se promulgou em nome da liberdade individual. A familia, a sociedade, sossobraram e o clamor do soffrimento social foi tão lancinante que repercutiu na propria assembléa revolucionaria onde o convencional Delleville soltou esta patetica exclamação: "E' preciso fazer cessar esse mercado de carne humana que o abuso do divorcio introduziu na sociedade."

Será em nome de tal indice de civilização, desse progresso sinistro, que se pede para o Brasil a lei do divorcio?

Aos que entenderem que essa terrivel lição da historia não se applica ao nosso tempo porque naquella epoca os horrores da revolução abalaram toda a sociedade, citaremos um testemunho bem recente, relativo á lei do divorcio actualmente vigorante na França.

Na sessão de 24 de novembro de 1932, da Camara dos Deputados, G. Pernot, como que respondendo aos nossos divorcistas, exclama: "Chamaes isto de progresso? Eu considero isto uma progressão. Não é a mesma coisa. E' uma progressão dolorosa porque verifico que a França teve, por 100.000 habitantes, 82 divorcios, a Allemanha só 52, a Inglaterra 47 e a Belgica 24. Eu desejaria que nós não estivéssemos, a este respeito, na vanguarda do que chamaes progresso, pois, a meu vêr, é o progresso ás avessas esse que desloca a familia franceza."

O insuspeito Morselli, aliás, já proclamava: "Por motivos, não de indole mystica, nem religiosa, nem theologica, nem moral, mas de indole positiva, sociologica, evolucionista, sou levado a considerar o divorcio como uma paralyzação no caminho da evolução humana."

O divorcio é um retrocesso, diz Fogazzaro. Progresso "é tudo que torna mais effectiva, mais estreita, mais estavel a união monogamica. O divorcio é uma volta dissimulada á polygamia".

Srs. constituintes. Não é destruindo a nobre instituição da familia que se vão solucionar os casos de infelicidade conjugal.

O que é preciso é evitar, é prevenir esta por uma educação moral cada vez mais cuidada da nossa mocidade, que não deve ir ao casamento como a um ensaio, mas que deve consideral-o em toda a belleza de sua finalidade e em toda a grandeza de suas responsabilidades.

Essa preparação moral evitará a maior parte das desventuras conjugaes.

Os outros factores, disgenicos, de ordem physica ou mental, serão facilmente evitados pelo exame medico pre-nupcial.

Sr. presidente. Srs. deputados.

O Brasil espera que esta Assembléa Constituinte, que bem o representa, se inspire na lição clara da historia, e, tendo em vista os supremos interesses da sociedade e a felicidade da familia brasileira, inscreva firme e claramente na sua carta constitucional os dispositivos que consagram a estabilidade do lar, consubstanciados na fórmula: familia monogamica — indissolúvel. (Muito bem; muito bem. Palmas. O orador é cumprimentado).

O LIVRO QUE ESCLARECE



PSYCHOLOGIA DA FE'



do P. Leonel França, S. J.

Acaba de sahir a 2ª edição — Preço, 1 vol. 8\$000

Pedidos á
BIBLIOTHECA ANCHIETA
CAIXA POSTAL 249
Rio de Janeiro

LETRAS CONTEMPORANEAS

JONATHAS SERRANO

HELIO LOBO — No Limiar da Asia (A U. R. S. S.)
Ensaio de interpretação) — 1935. Comp. Editora Na-
cional — São Paulo.

Dos problemas do mundo contemporaneo o mais complexo, o mais digno de attenção, o mais difficil de apreciar serenamente é sem duvida, o da Russia soviética. Já agora, ha quasi vinte annos de distancia, vae se tornando possível analysar friamente a revolução de 1917, a installação do governo soviético em Moscou no anno seguinte e o desenvolvimento do programma bolchevista em toda a vastidão do antigo imperio de Nicolau II. Da morte de Lenine até hoje, dez annos e mezes, que formidavel esforço e que surpresas tremendas! Mas ainda agora, que complexidade de aspectos e que intrincada trama de questões de toda ordem, a desafiar a argucia critica dos observadores desejosos de imparcialidade!

Para os entusiastas, ou mesmo apenas sympathizantes, é a Nova Humanidade que, ali, nas frias estepes septentrionaes, alvoreja e promette o Dia ardentemente desejado do nivelamento social completo. Para os adversarios irreductiveis e apaixonados, é o mais diabolico de todos os ataques á propria noção espiritual da vida e do destino do homem, acaso o signal terrivel da imminencia dos ultimos dias da espede, com a vinda e ephemero triumpho insolente dos monstros apocalypticos.

Entre os dois extremos oppostos, como sempre afastados da perpendicular tranquillã da verdade será possível encontrar o ponto de vista sufficientemente alto e recuado que permitta a visão de conjuncto, no tempo e no espaço, isenta de paixão e de illusões de optica?

* * *

Dizem alguns defensores do regime: — Sem o conhecimento da lingua russa e sem uma prolongada permanencia no meio bolchevis-

ta, não é possível julgar o que lá se passa exactamente. Concedamolo, mas com duas observações restrictivas. Os que o dizem, em geral também ignoram o russo e não vivem na Russia. E, por outro lado, ha efeitos concretos, positivos, evidentes do bolchevismo, que podem ser julgados, sem receio de erro de apreciação, de longe e atravez de qualquer idioma.

*

* *

O livro do sr. Helio Lobo foi escripto na Suissa e no Rio de Janeiro, de 1933 a 1934. Desde as suas primeiras paginas sente-se que não é uma apologia, bem ao contrario; mas sente-se logo, igualmente, que não é um pamphleto de inspiração partidaria injusta e premeditada.

Neste aspecto pode-se até dizer que o sr. Helio Lobo é porventura o primeiro autor que em lingua portugueza, — ou pelo menos no Brasil — logrou tratar do caso russo com a serenidade de um historiador objectivo e sem oratoria. A finura da composição denuncia o diplomata e o homem de letras. As minucias recordadas discreta e elegantemente, aqui e ali, sem ostentações eruditas, revelam o bom gosto e o conhecimento da bibliographia do assumpto.

O sr. Helio Lobo é um observador “de fóra”, isto é, sem o fremito do entusiasmo e sem o amargor do odio. Olha, compara, reflecte e conclue. Serenamente. Por isso mesmo, de modo impressionante. Os afeites literarios não prejudicam o valor exacto da idéa. E’ o livro de um homem que sabe dizer com reaes qualidades de forma o que pensa, mas sem nenhuma demasia. No Brasil, é um dom dos mais raros.

*

* *

Poder-se-á objectar que o livro do sr. Helio Lobo não nos diz nada de novo sobre a Russia. O que ahi está, já o sabiamos. E os gulosos de novidades, fechando o volume, com displicencia, talvez resmunguem:

— Ora, isso eu já conhecia.

Será um engano e uma injustiça.

O livro não promette novidades. Pretende ser, modestamente, “um ensaio de interpretação”. E preenche o seu proposito.

Para facilitar a analyse, a primeira parte do volume estuda “a preparação”, a segunda “a destruição”, a terceira “a reconstrucção”. Na primeira a forma deixa transparecer, mais do que nas outras, certa preocupação de força condensada, de eloquencia laconica.

Para o fim do volume, sem descair propriamente, o estylo é mais simples, no bom sentido do vocabulo. Será que houve menos tempo para trabalhar a phrase ou foi o assumpto mesmo, positivo, a exigir estatisticas, algarismos, que levou a essa simplicidade, preferivel aliás na hypothese?

*

* *

Literariamente, o livro do sr. Helio Lobo é um exemplo de obra equilibrada, de composição agradável, sem trivialismos e sem excessos. Numa época em que se vae tornando virtude escrever mal, errado, em mangas de camisas, ou até "à la Gandhi", em cuecas, é um prazer, pelo menos para os que nasceram antes da Grande Guerra, ler um livro escripto em vernaculo. Nem se diga que o autor é diplomado, membro da Academia de Letras e do Instituto Historico. O bolchevismo literario vae conquistando terreno em todos os sectores. Já ha quem tenha acanhamento de collocar nos respectivos logares as variações pronominaes...

Sem dar ao seu volume aspecto erudito (e com todo o bom gosto e razão) — o sr. Helio Lobo cita a proposito e não hesita em aspear.

A critica malevola quiz outrora accusal-o de abusar das aspas. Accusação ridicula e contraproducente. No Brasil, e alhures, o que devemos temer é o escriptor que desconhece a probidade elemental do emprego das aspas.

*

* *

O livro do sr. Helio Lobo é opportuno e benefico. Outros, aqui mesmo, têm apresentado o phenomeno russo em prismas deformadores, dando a illusão de que o soviet é a salvação.

Que differença, por exemplo, entre estas paginas e as do sr. Caio Prado Junior, editadas aliás pela mesma empresa, o anno passado! Não obstante o talento do autor, o seu enthusiasmo e o ter estado "dois mezes" (!) na União Soviética, é facil ao leitor capaz de reflectir, ver bem o que ha de fragil nas conclusões do sr. Caio Prado Junior. O sr. Helio Lobo, ao contrario, convence pela medida, pelo equilibrio, pelo tom cortez com que adjectiva aquelles de quem discorda.

Não é da natureza destas chronicas o discutir problemas de ordem politica, social e economica. E' da sua finalidade, todavia, sublinhar com satisfação o apparecimento de obras bem escriptas e bem pensadas.

REGISTRO

PERILLO GOMES

O ACESSO A' PROPRIEDADE

A Camara italiana acaba de approvar uma lei tendente á divisão da grande propriedade de modo a installar definitivamente na terra o trabalhador ao qual se concederão facilidades para adquiril-a. O facto ocorre precisamente quando as Cortes hespanholas, por iniciativa do ministro da Agricultura do paiz, approva leis com idêntica finalidade. E' sabido que o movimento corporativo, em Portugal e em Austria, visa o mesmo objectivo. E tudo leva a crer que esta politica economica terminará por se impôr a todos os paizes. A pequena propriedade é uma garantia de equilibrio na vida economica e de paz na sociedade. Ella é de uma importancia capital na lucta contra a demagogia socialista e communista. Já se sabe, praticamente, que o appello ao augmento de salario, accrescido das medidas de previdencia e protecção para o trabalhador, não basta para desarmar de suas grandes prevenções, os operarios, hoje em dia. Em Hespanha se teve, na ultima revolução, uma prova a mais do que affirmamos. E' sabido que o surto revolucionario teve sua maior intensidade na zona mineira da provincia de Oviedo. E foi alimentada pelos operarios mais bem pagos de Hespanha e mais favorecidos pela lei e pelas instituições de beneficencia. Por outro lado não teve importancia alguma na região de Extremadura onde a prodigalidade socialista á custa da fazenda alheia, fizera largas distribuições de terra confiscada aos Grandes de Hespanha e ás Ordens Religiosas. Compreenderemos, agora, porque os Papas, especialmente Leão XIII e Pio XI, recommendam com tanta insistencia, a politica de acesso do operario á propriedade?

*

* *

O TRABALHADOR NA RUSSIA

Si os operarios, por toda parte, estivessem realmente informados do regimen de vida que levam seus companheiros na Russia, estaria acabado o seu encanto pelo paraizo dos Soviets. Porque as coisas se passam ali, da seguinte maneira: todo pedido de trabalho tem que ser feito por intermedio de uma agencia official á maneira das Bolsas de Trabalho. O trabalhador começa por se inscrever nessa instituição. Uma vez inscripto deve aguardar sua solicitação, que para muitos não chega nunca. Quando os centros de trabalho pedem um trabalhador, a Bolsa lhes envia varios para escolher. O favorecido com a preferencia deve trabalhar 15 dias a titulo

de experiencia sem outra remuneração que não seja a "carta de pão", isto é, uma autorização para fornecimento de certa quantidade de pão a titulo gratuito. Si o escolhido corresponde á expectativa do solicitante, é obrigado a aceitar a remuneração fixada em tabella official que, em via de regra, para trabalhadores nacionaes, é inferior ao custo da vida. Recusado por duas vezes, não importa o motivo, esse operario é excluido das listas da Bolsa, ao fim do mez perde direito á "carta de pão" e é despejado do alojamento que occupava. O local de trabalho depende das solicitações da Bolsa, e o operario é obrigado a ir para onde ella o destine. No caso de alguma objecção de sua parte será excluido da Bolsa e castigado com as consequencias dessa expulsão: a miseria irremediavel. Uma especie de passaporte, que deve trazer sempre comsigo, o impede de mudar de residencia sem previa permisso das autoridades. A expulsão da "Bolsa" traz ainda para o operario uma outra consequencia: ser considerado como morto. Seu nome não pode mais figurar, siquer, na lista dos sem trabalho. Dahi porque as estatisticas da gente em "paro" forçoso, divulgadas pelo governo russo, são tão modestas em suas cifras. Eis a perspectiva que o regimen communista offerece aos trabalhadores de todo mundo.

*

* *

UM PROGRAMMA O chefe da organização franceza "Croix de
CHRISTÃO Feu" acaba de dar uma interessante entrevista ao hebdomadario parisiense "Sept" sobre os objectivos do seu partido. O interesse dessa entrevista não reside tanto nos fins que tem em mira a "Croix de Feu", que são, digamos, identicos aos de todos os agrupamentos direitistas, porém nos seus methodos de acção. Com effeito, segundo declara o Coronel de la Rocque, a "Croix de Feu" busca principalmente a reconciliação dos francezes, pondo em pratica os recursos da intelligencia e do coração. E estes meios elle preconiza mesmo contra os partidos revolucionarios. A acção contra taes partidos, declara o chefe da "Croix de Feu", elle concebe "menos como uma opposição de forças, que como uma conversão". Suppomos que essa declaração por si só afiança o character christão do movimento do Coronel de la Rocque, que vae se estendendo rapidamente por toda a França. Somos dos que estão convencidos que já sobram os obstaculos levantados como barreira entre os homens, impedindo-os de que se approximem, se conheçam e se amem. Dahi o negarmos nossa sympathia a organizações novas que se formam, com boas intenções, concedemos, porém tendentes a agravar os conflictos já existentes na sociedade. Essa tendencia existe fatalmente na base de todas as que pretendem impôr uma ideologia, seja ella a melhor do mundo. Negando porém nossa sympathia aos extremismos esquerdistas e direitistas de que padecemos hoje em dia, não a recusamos a instituições como a "Croix de Feu" que tem um programma tão humano, que pensam mais em reunir do que em dominar, que se fundam sobre um sadio optimismo de nossas virtudes, e sobre uma esperanza tão firme no poder das ideas christãs.

*

* *

A nova Constituição portugueza pretende reorganizar a nação lusa, segundo as novas idéas do Corporativismo. Com este fim orga-

niza-se naquelle paiz a Camara Corporativa, que absorverá não poucas funcções do Parlamento. Vê-se que Portugal entra pela nova estrada com alguma sabedoria e a indispensavel prudencia. De sua sabedoria nos dá um eloquente testemunho reconhecendo como órgãos da Corporação os institutos de cultura, instituições como a Igreja, o Exercito, a Administração Publica, a Justiça, etc. Do que resulta afastar-se do criterio erroneo de reduzir o conceito de Corporação ao economico ou profissional. Do que resulta ainda, poder constituir sua Camara Corporativa com uma representação mais approximada da realidade nacional e mais apta, portanto, para estudar e solucionar os problemas que caem sob sua alçada. De sua prudencia nos dá uma prova persuasiva não entregando a essa Camara a totalidade das funcções que hoje incumbem aos Parlamentos, pois que conserva junto a ella uma de representação geral. Hoje o Corporativismo está muito em moda. Sem duvida elle responde a uma necessidade de nossa epoca. E constitue a unica esperança contra o "desbaraguste" dos nossos tempos. Ha, porém, que evitar toda precipitação no emprego desta medicina, porque, applicada sem criterio, em vez de curar, póde dar cabo do cliente. Não póde haver Corporativismo sem corporação. E menos ainda sem consciencia corporativa formada e bem esclarecida.

*

* *

A GENTE NOVA DE HESPANHA Os organismos da Acção Catholica em Hespanha desenvolvem no presente uma notavel actividade. Em Madrid, sobretudo, se trabalha com um zelo digno de ser imitado. E é justo pôr em relevo que as associações de jovens são as mais activas e as que maiores fructos vão produzindo. Referimo-nos particularmente á Juventude Catholica. Um dos seus trabalhos mais prodigos de resultados consiste em attrahir ás suas fileiras, para leval-os á Igreja, os jovens de condição humilde, e muito especialmente os que militam nas hostes marxistas. Com este fim, pelos sabbados á noite e pela manhã dos domingos, saem de Madrid verdadeiras caravanas de jovens de ambos os sexos com destino aos logarejos mais proximos, para tomar contacto com os de sua idade que ahi vivem no rude labor dos campos ou das officinas. A Juventude Catholica teve o firme proposito de quebrar toda sorte de obstaculos que se interpõem entre os homens e que isolam umas das outras, as varias classes sociaes. Em outras palavras, pretende restabelecer na sociedade o sentido christão da convivencia, melhor dito, a fraternidade evangelica. Desta sorte, os jovens da cidade se apresentam com a maior simplicidade aos do campo e villarejos, sendo obrigado, entre elles, a maxima familiaridade no trato para chegar á intimidade das almas. Realizam juntos, funcções religiosas, innocentes e alegres festejos, actos de propaganda cultural e religiosa. O essencial é que passem o domingo como verdadeiros irmãos, rapazes e moças da grande sociedade madrilenha e rapazes e moças dos rusticos labores do campo ou das fabricas. Si este esforço de comprehensão e esse calor de fraternidade da juventude catholica hespanhola não arrefeceu, bem perto estará o dia em que a Hespanha volverá aos seus tempos de gloria, porque para ella, hispanidade equivale a catholicidade.

PAZ... NEM PARA OS MORTOS

Em Russia não pode haver paz, siquer no silencio dos campos. E' o que acaba de revelar-nos um reporter do grande jornal italiano "Corriere della Sera", que visitou recentemente a zona aurifera dos Soviets. Ali trabalham milhares de deportados politicos a uma temperatura de 60° abaixo de zero. A producção é recolhida por agentes do governo, ao fim do dia, e remettida a Moscou sem perda de tempo. A mão de obra empregada nesse trabalho, portanto, é gratuita. E as remessas do precioso metal são incessantes. Esse ouro, no emtanto, obtido a tão baixo preço, ainda assim está longe de applacar as necessidades dos Soviets. Já se procedeu ao confisco de todos os objectos de ouro puro ou em combinação com outros metaes, que estavam em mãos de particulares. Chegou agora a vez de confiscal-o tambem aos mortos. Conta o reporter italiano que viu um cemiterio cujas tumbas estavam todas violadas e os cadaveres com signaes evidentes de profanação. Ao solo, cruces tombadas e craneos em pedaços. E lhe foi dito que por ali haviam passado os catadores de ouro para os Soviets. Bôa terra a Russia dos nossos tempos!! Bôa, porém, no conceito da velha canção carnavalesca: "Ella lá e... nós outros aqui."

*

* *

A PAZ EUROPEÁ

Uma bôa estrella guia os passos do sr. Pierre Laval desde que passou a gerir a pasta dos negocios estrangeiros de França. Dois notaveis triumphos alcançou apenas se installou no palacio do Quai d'Orsay: o accordo na intrincada questão do Sarre e os tratados que acaba de firmar com Mussolini. Afortunadamente estas duas victorias têm uma significação tranquillizadora no que concerne á paz europeá. De um lado offerece um testemunho de bôa vontade no arranjo das differenças de França com a Allemanha. De outro, assegura a collaboração amiga de uma nação como a Italia, cuja importancia politica e militar é hoje considerada como de primeira ordem, nos propositos francezes de manter a concordia universal. A homenagem que o sr. Laval prestou ao Papa durante sua estadia em Roma, apressando-se em inclinar-se perante a augusta pessoa de Pio XI, indica uma justa comprehensão do incomparavel poder moral que exerce o Chefe da Igreja, bem como uma louvavel decisão de se pôr de accordo com o coração e o verdadeiro genio francez.

*

* *

A IGREJA NO MEXICO

Os jornaes europeus occupam-se dos recentes acontecimentos ligados a um recrudescimento da perseguição da Igreja no Mexico. As tristes factanhas da cognominada organização "Camisas Vermelhas", á qual parece encommendada a tarefa de provocar perturbacões publicas com o fim de envolver os catholicos nas duras medidas de repressão do situacionismo, são relatadas pela bôa imprensa, com indignação. O que ha de espantoso na actualidade mexicana é a existencia de catholicos naquelle infortunado paiz. Porque a perseguição religiosa não data ali do general Cardenas, do general Calles.

do general Obregon ou de outros generaes mais ou menos contemporaneos. Ella se origina de muito antes, e pode-se dizer que se desdobra pelo centenario e pico de independencia do Mexico. Mais activa em um periodo de que em outro, a verdade é que ella é um facto constante na historia da Republica irmã. E a despeito de um proposito tão constante de destruição, de anniquillamento, a Igreja logra encontrar em todas as epocas, ali, defensores generosos e denodados que em seu holocausto sacrificam as commodidades da familia, as promessas da fortuna, o bem-estar e a propria vida. E tanto sangue de martyr tem corrido no Mexico nesta ultima centuria, que quasi se pode dizer que é a seiva dos justos que fertiliza os seus campos e é da aureola dos santos que o sol, naquellas paragens, recebe luz e fulgôr...

* *

A INQUISIÇÃO NO MEXICO

Por determinação das autoridades superiores da Republica, o Director Geral dos Correios do Mexico prohibiu a circulação, no paiz, de 60 jornaes, entre nacionaes e estrangeiros, e de um numero consideravel de opusculos e livros que não são de molde a facilitar a digestão dos governantes. E' evidente que esses processos tão expeditivos contra a liberdade da imprensa, blasão das Democracias, não esperaram o advento da actual situação politica mexicana para serem inventados. Para não faltarmos á justiça devemos confessar que a querida Republica irmã, neste particular, não chega a tempo siquer de formar á frente dos paizes que adoptaram medidas tão desenvoltas de sujeitar a palavra escripta á suzerania do Poder. Não queremos discutir si uma tal politica se justifica ou não. Constatamos apenas um facto. E nos limitamos a deplorar que havendo admittido os principios da Inquisição, lhes dando aliás maior arbitrio, o Mexico, como os outros paizes, não confesse sua gratidão a Torquemada...

*

* *

A MAÇONARIA EM 1935

Volta a ser discutida a proposta de um dos membros da Assembléa Federal suissa, apresentada ha algum tempo, para que se submetta a referendum popular a prohibição á Maçonaria de funcionar nos Estados da Confederação helvetica. Não vemos razão para augurar que uma tal iniciativa prospere. Entre outros, motivos porque, na Suissa como em toda parte, as corporações ditas de representantes da Nação em via de regra se tornam insensíveis á existencia da propria Nação. O certo, no emtanto, é que a Maçonaria, no momento, está mais que desmoralizada. Suas conhecidas allegações de humanitarismo e de democracia já hoje se sabe a que fim conduzem: a lançar poeira nos olhos dos incautos para facilitar o successo dos ambiciosos e concupiscentes do seu gremio. Uma "chantage" como outra qualquer. O caso de Stavisky em França é, a este respeito, bastante illustrativo. Não é necessario, porém, ser propheta, para affirmar que a despeito de tudo ella subsistirá á crise presente. Emquanto existir o odio judaico contra o Christianismo, a Maçonaria terá que viver. Deste modo não constitue pequena coisa vel-a, como agora, envolvida em mãos lençóes...

BIBLIOGRAPHIA

A ORDEM recebeu e agradece:

JORNAES

- Seleccão — Rio
Commercio do Jahu' — S. Paulo
O Sino — Parnahyba — Piauhy.
O Globo — Rio
O Apostolo — Florianopolis
El Pueblo — Buenos Aires
A União — Rio
S. Carlos — S. Paulo
A Cruz — Rio
O Ascensor — Jaboticabal — S. Paulo
Era Nova — Bahia
L'Esprit Nouveau — Bruxellas
O Legionario — S. Paulo
A Tribuna — Pernambuco
Semaine D'Averbode
Verdades — Lima — Peru'
A Defesa — Pernambuco
O Bandeirante — Caxias — Rio G. do Sul
O Monitor — Orgão official dos ex-alumnos Salesianos — São Paulo.
Senhor Bom Jesus — Congonhas do Campo — Minas
A Reacção — Amazonas — Manãos.
Gazeta de Nazaré — Pernambuco.

REVISTAS

- O Cruzado Eucharistico — Pirapora — S. Paulo
Idade Nova — Porto Alegre
Boletim Mariano — Curytiba
Echos — Collegio S. José — Rio
Idort — S. Paulo
Broteria — Portugal
Schonere Zukunft — Allemanha
Criterio — Buenos Aires
The Commonweal — U. S. A.

Academia — Juiz de F6ra
 Boletim Oficial de la Acci6n Cat6lica Argentina
 Boletim da Uni6o Pan-Americana
 The Sower — Janeiro — Mar7o 1935
 Revista da Academia Brasileira de Letras
 Boletim da Uni6o Pan-Americana
 Terra e Ceu — Petropolis
 Bandeirantes — Rio
 The New Scholasticism
 Vozes de Petropolis
 Excelsior — Rio
 Gil Vicente — Portugal
 O Amigo dos Meninos — S. Paulo
 Revista de la Universidad Cat6lica del Peru'
 Revista Clinica e Pharmaceutica — Rio
 Revista de Cultura — Rio
 The sentinel of the Blessed Sacrament
 Revista Brasileira de Pedagogia
 Touring Club do Brasil (Revista)
 Relatorio da Directoria do Syndicato dos Funcionarios da Compa-
 nhia Mogyana
 St. Anthony Messenger
 The Grace Log — New York.

BOLETIM da Juventude Feminina Catholica, de Bello Horizonte.

Entre as revistas recebidas pela A ORDEM figurou este mez esse Boletim, que a J. F. C. de Bello Horizonte editar6 d'agora em diante, a exemplo do que publica a J. F. C. do Rio.

O primeiro numero vem dactylographado, denotando o ingente esfor7o dispendido por suas redactoras afim de pol-o em circula76o.

E' um brado de valor que responde em Minas, como outros v6o respondendo pelo Brasil todo, ao appello que a Igreja faz a seus filhos. para que todos tomem posi76o na luta que se est6 travando pela re-christianiza76o dos povos.

A ORDEM n6o p6de deixar de levar 6 J. F. C. bellohorizontina seus applausos e seus votos de exito na campanha que enceta com o Boletim.

O LIVRO DO MOMENTO:

FRANCISCO GAETANI, S. J. — *La Psicoanalysis de Freud* — 8\$500

Pedidos 6 Bibliotheca Anchieta

Caixa Postal 249

Rio de Janeiro

Tambem A ORDEM agradece a magnifica noticia que o Boletim insere a seu respeito, noticia em cujas linhas se vê como vae sendo comprehendida a missão de nossa revista.

EVERARDO BACKHEUSER. Technica da Pedagogia Moderna. (Theoria e Pratica da Escola Nova.) Bibli. Bras. de Cult. Civ. Bras. Rio. 1934.

Todo conhecimento humano deve obedecer a uma unidade fundamental, uma hierarchia indispensavel, sem a qual se rompe o equilibrio da intelligencia pelas hypertrophias que são para as ciencias antes uma desfiguração pathologica que um progresso ascendente. Muitos dos males que attingem o nosso tempo procedem, sem duvida, dessa descontinuidade no pensamento. Este attribue á sociologia um lugar soberano, aquelle á biologia, este outro ao direito, instituindo assim monstruosidades como se observam no bócio, na macrocephalia, na elephantiasis. . . O que porém todos possuem, consciente ou inconscientemente, é um systema de idéas geraes, uma interpretação geral da vida em summa, uma determinada philosophia da existencia. Na pedagogia especialmente essa necessidade philosophica é patente.

O emerito prof. Everardo Backheuser, nesse livro, por todos os titulos notavel, vem dar á pedagogia um alcance integral, collocando-a numa corrente totalitaria de idéas como o catholicismo onde as deficiencias naturalistas são superadas, em todas as suas fórmulas de limitação aprioristica da vida. Devem ficar aos doutos e entendidos a tarefa de analysar a parte propriamente especializada da materia, enquanto nós apenas queremos assignalar o seu sentido catholico e integral, por constituir isto uma authentica victoria das letras catholicas num sector onde o primarismo costuma ver sempre derrotas nossas e incapacidades. Achamos, entretanto, que difficilmente se apresentará, em nosso meio, um trabalho mais sério de technica e theoria pedagogica, pois o seu autor nos offerece uma obra inspirada em principios inabalaveis, rica de documentação erudita e, sobretudo, aliçada numa experiencia pessoal que afasta definitivamente o A. das criticas que se costumam endereçar a certos pedagogos apressados.

L.

Como cooperar para o progresso da A ORDEM:

- 1.º Angariando novos assignantes
- 2.º Preenchendo a lista de provaveis assignantes
- 3.º Reformando sua assignatura no devido tempo.

Assignem

“VIDA”

**DIRECÇÃO DE FRANCISCO DA GAMA LIMA FILHO,
NELSON DE ALMEIDA PRADO, ALVARO MILANEZ,
FRANCISCO DE LA ROCQUE E ALBERTO BRITTO
PEREIRA**

**REVISTA DE MOCIDADE E DE ACÇÃO,
— DE COMBATE E DE FE' —**

Assignatura simples — anno 5\$000
Assignatura de manutenção — anno 15\$000
Estrangeiro — anno 10\$000

Caixa Postal 249 — Rio de Janeiro

Redacção — Praça 15 de Novembro 101 — 2.º andar

Para todos os olhos e todas as mãos —

Um livro de lirismo e de sentimento religioso

PRESENÇA DE SANTA THERESINHA

de Ribeiro Couto (da Academia Brasileira)

Volume luxuoso, próprio para presente, com 10 desenhos admiráveis de Candido Portinari, 7\$000

Trata-se de um delicioso devocionario de uma viagem a Lisieux, em que apparecem, num estylo vivo e tocante, os logares em que a Santinha viveu tão curta vida

**Em todas as livrarias do Brasil
e na Livraria Civilização, Rua Sete de Setembro, 162-Rio
Editores: Civilização Brasileira S. A.**